

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MARIANA ROCHA ZACHARIAS

ESPAÇOS E PROCESSOS EDUCATIVOS DO GINÁSIO PARANAENSE
Os ambientes especializados e seus artefatos (1904-1949)

CURITIBA
2013

MARIANA ROCHA ZACHARIAS

ESPAÇOS E PROCESSOS EDUCATIVOS DO GINÁSIO PARANAENSE

Os ambientes especializados e seus artefatos (1904-1949)

Dissertação apresentada para a Linha de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Professor Orientador: Dr. Marcus Levy Bencostta.

CURITIBA

2013

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Zacharias, Mariana Rocha

Espaços e processos educativos do Ginásio Paranaense: os ambientes especializados e seus artefatos (1904-1949). / Mariana Rocha Zacharias. – Curitiba, 2013.
187 f.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Marcus Levy Bencostta

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. Colégio Estadual do Paraná – História – 1904-1949. 2. Colégio Estadual do Paraná - Arquitetura. 3. Educação – História - Paraná. I.Título.

CDD 371.01



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



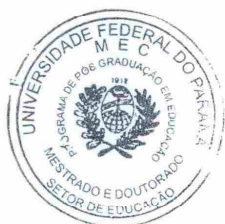
PARECER

Defesa de Dissertação de **MARIANA ROCHA ZACHARIAS** para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, DR. MARCUS LEVY BENCOSTTA, DR^a ROSA FATIMA DE SOUZA e DR^a DULCE REGINA BAGGIO OSINSKI, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“ESPAÇOS E PROCESSOS EDUCATIVOS DO GINÁSIO PARANAENSE: OS AMBIENTES ESPECIALIZADOS E SEUS ARTEFATOS (1904-1949)”**.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR. MARCUS LEVY BENCOSTTA	<i>Marcus Levy</i>	Aprovada
DR ^a ROSA FATIMA DE SOUZA	<i>Rosa Fatima Souza</i>	Aprovada
DR ^a DULCE REGINA BAGGIO OSINSKI	<i>Dulce Regina Baggio Osinski</i>	Aprovada

Curitiba, 19 de março de 2013.



M. R. Silva

Prof^a Dr^a Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof^a. Dra. Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
Matrícula: 125750

AGRADECIMENTOS

Este é o tipo de trabalho que, apesar de individual, torna-se possível a partir da colaboração de pessoas dedicadas e queridas. Algumas colaboram com seu conhecimento e experiência, outras apenas com seu carinho e compreensão.

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador, professor Doutor Marcus Levy Bencostta, pela confiança depositada, permitindo que eu trabalhasse com autonomia, porém sempre auxiliando em toda e qualquer dificuldade.

Agradeço aos professores que participaram de minha qualificação, Rosa Fátima de Souza e Norberto Dallabrida, pela sua contribuição valiosa e crítica atenta. Agradeço especialmente à professora Dulce Osinski, que acompanhou a trajetória dessa pesquisa desde os seminários, complementando sua valiosa contribuição na qualificação.

A todos os colegas e professores do programa que de maneira direta ou indireta colaboraram com esse trabalho. Dos colegas, agradeço especialmente à Iriana Vezzani, pela amizade, pela companhia, pelo carinho, pelos risos e pelo ombro sempre disponível.

Às minhas amigas queridas, companheiras de todas as horas, Marina, Tais e Michele, por compartilharem todas as minhas angústias, por entenderem a minha ausência e sempre se alegrarem com minha presença. À Marina também agradeço por todas as revisões feitas na camaradagem.

À Maria Helena, principal incentivadora desse trabalho, por me apoiar incondicionalmente desde o projeto. Agradeço o olhar atento, a crítica sempre construtiva e o enorme carinho oferecido.

Aos meus pais, Cacílio e Célia, pelo amor, carinho e apoio em todos os sentidos. Sem vocês e sua vocação para coruja tudo seria mais difícil, por isso agradeço de coração por não medirem esforços em me ajudar. Agradeço ainda à minha irmã Cecília, ao meu cunhado Tarciso e à minha sobrinha Hannah, pelo carinho e por todas as parcerias.

Decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém. Ou, para ser mais exato – pois cada um busca seus passatempos onde mais lhe agrada – assim parece, incontestavelmente, para um grande número de homens. Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida. (Marc Bloch, in Apologia da história ou o ofício do historiador)

RESUMO

O **Ginásio Paranaense** foi, desde sua criação como Liceu de Curitiba, em 1846, até meados do século XX, a instituição representativa do ensino secundário público na capital paranaense. Este trabalho aborda a constituição material desta instituição, cujo edifício próprio foi inaugurado no ano de 1904. Busco analisar a cultura escolar apreendida através de sua materialidade, dos vestígios iconográficos e da arquitetura do edifício, o qual como bem tombado mantém parte considerável de suas características originais. A Escola Normal da capital paranaense funcionou anexa ao Ginásio, desde sua criação em 1876, até o ano de 1922, compartilhando o mesmo espaço e também o corpo docente durante todo esse período. A construção de uma sede própria para o Ginásio Paranaense e Escola Normal foi efetuada após vários pedidos de Diretores da Instrução Pública, os quais acumulavam também o cargo de diretor das duas instituições. Foram analisados, além do conjunto arquitetônico, os materiais pedagógicos pertencentes às salas especiais, a exemplo dos gabinetes de física, química e de história natural, montados entre as décadas de 1910 e 1930, e ainda outros ambientes como a Biblioteca e o Cinema Educativo. O Ginásio Paranaense ocupou o prédio durante 45 anos, desde a inauguração, em 1904, até o ano de 1949, quando a instituição já denominava-se Colégio Estadual do Paraná. A pesquisa compreende todo o período de funcionamento dessa sede. A montagem de salas especiais para as finalidades de ensino revela aspectos das concepções de educação que permearam de alguma maneira a instituição, mesmo que tais concepções não tenham feito parte da prática dos professores. Para compreender os processos de aquisição de materiais e montagem das salas especiais foram utilizadas fotografias desses espaços, bem como inventários de materiais encontrados no acervo do Colégio Estadual do Paraná. Também fazem parte do conjunto das fontes relatórios de governo e da direção do Ginásio, regulamentos da instrução e programas para o ensino secundário. Os principais referenciais teóricos são os trabalhos de Antonio Viñao Frago, Agustín Escolano Benito, Marcus Levy Bencostta e Rosa Fátima de Souza.

Palavras-chave: Instrução Secundária. Arquitetura Escolar. Cultura Material Escolar.

ABSTRACT

The “Ginásio Paranaense” was, since its foundation as the “Liceu de Curitiba”, in 1846, until the middle of the XXth century, the most representative institution of the public high school of Paraná's capital. This work approaches the material constitution of this institution, whose building was opened in the year of 1904. I analyze the school culture through its materiality, its iconographic remains and the building's architecture, which, as a historical building, maintains considerable part of its original characteristics. The “Escola Normal” of Paraná's capital worked attached to the “Ginásio”, since its creation in 1876, until the year of 1922, sharing the same teachers during all this period. The construction of a seat of its own for the “Ginásio Paranaense” and the “Escola Normal” was done after many requests from directors of the Public Instruction, who also accumulated the posts of director of both the institutions. Besides the architectonic set, the pedagogic materials belonging to the special classrooms were analyzed, as the examples of the physics, chemistry e natural history offices, made between the decades of 1910 and 1930, and also other environments such as the Library and the Educative Cinema. The “Ginásio” occupied the building for 45 years, since its opening, in 1904, until the year of 1949, when the institution was called “Colégio Estadual do Paraná”. The research comprehends the whole period of working of this seat. The building of the special classrooms for the purposes of teaching reveals aspects of education conceptions that permeated the institution in some way, even if such conceptions weren't part of the teacher's practice. To comprehend the material acquisition and special classrooms building processes photographs of those spaces were used, as well as inventory of materials found in the heap of the “Colégio Estadual do Paraná”. It is also part of the set of fonts government and “Ginásio” direction relatories, instruction rules and programs for high school. The main teoric references are the works of Antonio Viñao Frago, Agustín Escolano Benito, Marcus Levy Bencostta and Rosa Fátima de Souza.

Key-Words: High School. School Architecture. School Material Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA NA CAPITAL DO PARANÁ: DO LICEU DE CURITIBA AO GINÁSIO PARANAENSE.....	21
1.1 O GINÁSIO PARANAENSE E OS CURRÍCULOS DO ENSINO SECUNDÁRIO.....	28
1.1.1 O currículo do ensino secundário no Brasil e a relação com as ciências.....	32
1.1.2 O regime de equiparação e as melhorias na estrutura física do Ginásio.....	37
1.2 A ESCOLA NA CIDADE.....	43
2 A CONSOLIDAÇÃO DE UM LUGAR PARA O ENSINO SECUNDÁRIO PÚBLICO CURITIBANO.....	50
2.1 A IMPORTÂNCIA DO EDIFÍCIO-ESCOLA.....	50
2.2 O EDIFÍCIO DO GINÁSIO PARANAENSE.....	55
2.2.1. Aspectos internos: a convivência com a Escola Normal.....	66
2.2.2 As primeiras salas especiais: a montagem dos laboratórios.....	77
3 O ESPETÁCULO DO PATRIMÔNIO MATERIAL: ENTRE A EXIBIÇÃO E A (IN)UTILIZAÇÃO DOS OBJETOS.....	87
3.1 ESPAÇOS, OBJETOS E TRAJETÓRIAS.....	91
3.1.1 Cinema Educativo.....	101
3.1.2 Alguns ambientes e suas atividades: entre a memória biográfica e a memória iconográfica.....	107
3.2 SALAS ESPECIAIS E SEUS ARTEFATOS.....	120
3.2.1 A trajetória de alguns objetos: a diversidade do acervo do Colégio Estadual do Paraná.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	145
ANEXOS.....	159

INTRODUÇÃO

A principal motivação para a realização dessa pesquisa foi minha participação nas discussões em torno da implantação de um Centro de Memória no Colégio Estadual do Paraná, denominação contemporânea do Ginásio Paranaense, ainda em funcionamento na cidade de Curitiba.

A implantação do Centro de Memória teve início com a constituição de uma Comissão Gestora, formada no ano de 2006, com representantes do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, de funcionários e professores do Colégio Estadual do Paraná, da comunidade escolar e representantes da Secretaria de Estado da Educação. O Centro de Memória foi concebido como local de guarda de documentos, pensando na diversidade de suportes e formatos que este pode ter: documentos impressos e manuscritos, materiais de áudio e vídeo, fotografias, mobiliário, materiais didáticos e objetos diversos, além do arquivamento e tratamento adequados desses acervos.¹

Nos levantamentos iniciais deparamo-nos com um conjunto material significativo: mobiliário, vidraria de laboratório, coleções de história natural, mapas, equipamentos diversos, e uma grande quantidade de livros, alguns oriundos da segunda metade do século XIX. Esses materiais, por não serem mais utilizados, foram expostos no interior do colégio, ou guardados como acervo do Museu Guido Straube², integrando o patrimônio cultural do Colégio Estadual do Paraná. A partir do contato com tamanha diversidade de materiais pedagógicos, relacionados a diferentes saberes, é que esta investigação começou a ser delineada.

O objetivo principal dessa pesquisa é entender as motivações para a construção de um edifício, em 1904, para abrigar o Ginásio Paranaense e a Escola Normal, que funcionava no mesmo local³. Nesse processo de compreensão do objeto de pesquisa foi necessário analisar a

¹ Mais informações consultar os seguintes trabalhos: 1. CZAP, A. L.; SILVEIRA, M. H. P.; ZACHARIAS, M. R. **Educação Patrimonial: experiências com alunos do Colégio Estadual do Paraná**. In: X Congresso Nacional de Educação EDUCERE. Anais. Curitiba: PUC-PR/FCC, nov. 2011, CD-ROM. 2. ZACHARIAS, M. R. **Currículo, acervos escolares e educação patrimonial: possibilidades de diálogos a partir da experiência do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná**. In: 4º Congresso Internacional de Educação, Pesquisa e Gestão. Anais. Ponta Grossa/PR: UEPG, 2012, CD-ROM.

² O Museu Guido Straube foi criado em 1979, inicialmente com as coleções de história natural do Ginásio Paranaense, depois com mobiliários e equipamentos pedagógicos e administrativos em desuso na época. Esses materiais derivam, em sua maioria, da sede anterior (Ginásio), edifício analisado no presente trabalho. O nome do museu foi em homenagem a Guido Straube, lente da cadeira de História Natural e também diretor do Ginásio Paranaense na década de 1930.

³ A Escola Normal funcionou no mesmo local do Ginásio desde sua criação, em 1876, até o ano de 1922. Em 1923 foi inaugurado o edifício próprio da então Escola Normal Secundária da capital paranaense. Considerando

configuração da disposição interna do prédio, assim como investigar a montagem de salas especiais para o desenvolvimento de conteúdos pedagógicos específicos. A partir do entendimento de que a materialidade não pode ser compreendida em si (FALCON, 2006), procuro analisar os motivos que impulsionaram o aperfeiçoamento dos materiais didáticos do Ginásio, analisando o contexto educacional e também a conjuntura interna.

Nesta investigação foram priorizados os aspectos materiais da instituição no período proposto, entendendo-se por materialidade o conjunto arquitetônico, incluindo o seu entorno, a composição interna, o mobiliário e materiais didáticos. Além do edifício, esta pesquisa se ocupa dos objetos específicos que compunham as salas destinadas a diferentes disciplinas, como a sala de desenho, o gabinete de física, o laboratório de química e o museu de história natural.

A periodização da pesquisa inicia-se em 1904, ano da construção da sede do Ginásio Paranaense e da Escola Normal anexa. O recorte temporal da investigação encerra-se em 1949, ano em que o Ginásio, à época denominado Colégio Estadual do Paraná, encerra suas atividades naquela sede.⁴

A construção de um prédio próprio para o ensino secundário público da capital, inaugurado em 1904, atendeu aos pedidos por melhorias na estrutura física do Gymnasio Paranaense, identificados nos relatórios de diretores da instrução pública desde o início da década de 1890, quando ainda funcionava em outra edificação. A precariedade das condições desta sede anterior foi ressaltada nos relatórios dos seus diretores, pois naquele espaço, além das instalações dos cursos secundário e normal, havia a Secretaria da Instrução Pública e a única Biblioteca Pública existente na capital.

Dentre os trabalhos encontrados que discutem o Ginásio Paranaense/Colégio Estadual do Paraná ou o Instituto de Educação⁵, destaca-se a pesquisa de Sergio Chaves Junior (2004)⁶ como a que mais se aproxima do objeto aqui estudado. Esta compreende parte da história do

a questão do compartilhamento do espaço, algumas discussões relacionadas à convivência com a Escola Normal serão apresentadas, contudo, o foco dessa pesquisa é a instituição de ensino secundário, o Ginásio Paranaense.

⁴ A partir de 1950, este edifício passa a sediar a Secretaria de Estado da Educação e Cultura, e hoje abriga a Secretaria de Estado da Cultura.

⁵ Entre estes, os trabalhos desenvolvidos na UFPR: IWAYA, M. **Palácio da Instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná(1940-1960)**. Mestrado em Educação. UFPR, 2001; LIMA, S. O. **Colégio Estadual do Paraná como centro de irradiação cultural: uma análise de suas atividades complementares (décadas de 1950-1960)**. Mestrado em Educação, 2009.

⁶ CHAVES JR. **A Educação Física do Ginásio Paranaense do Colégio Estadual do Paraná: contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931-1951)**. Mestrado em Educação. UFPR, 2004.

Ginásio Paranaense, com aspectos de sua materialidade, direcionada à compreensão das especificidades da constituição da Educação Física, enquanto disciplina escolar.

A problemática de pesquisa ora apresentada está articulada aos estudos que tratam das instituições escolares, da cultura escolar, da materialidade da escola e dos processos educativos. Estes estudos têm ocupado parte das pesquisas das academias brasileiras, e tal fenômeno está vinculado ao movimento historiográfico, iniciado por volta da década de 1980, denominado Nova História Cultural.

Muitos historiadores dedicaram-se nos últimos anos a escrever sobre o movimento da Nova História Cultural, principalmente sobre seus objetos e métodos. Alguns desses historiadores discutem a especificidade de uma história baseada na cultura, em comparação com outros campos da pesquisa historiográfica, os quais se encontram há mais tempo consolidados, a exemplo da história política e econômica.

O historiador Francisco Jose Calazans Falcon (2006) publicou um artigo sobre as possíveis relações entre a História da Educação e a História Cultural. Neste trabalho, o autor detalhou as especificidades da História Cultural, e sua contribuição é interessante para uma discussão sobre as definições da própria História da Educação, em sua relação intrínseca com os estudos culturais.

Como já mencionado, Falcon (2006) trabalha as especificidades da História da Educação em relação à História Cultural. Atenta para o fato de que esse campo da história não aparece em trabalhos de teoria da história, analisados pelo autor à época. Destaca que esses trabalhos tratavam especificamente de novas abordagens, temas e objetos da historiografia.

A relação entre História da Educação e História Cultural, também é discutida por Thais Nivia de Lima e Fonseca (2003). A autora alerta para a confusão gerada entre campos de investigação, objetos e problemas, quanto às imprecisões de definições e diferenças entre possíveis vertentes, correntes, tendências ou metodologias. Outra constatação, mais problemática, é a de que a história da educação não é citada em meio a esta profusão de temas, não sendo considerada no conjunto da produção historiográfica.

A tese defendida por ambos os autores aponta para a utilização dos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural pelos historiadores da educação, pois a História da Educação não se apresenta como campo de investigação com métodos e teorias próprios. Portanto não é possível afirmar que a história da educação constitui-se enquanto campo de investigação autônomo, com pressupostos teóricos e metodológicos específicos, na medida

em que as produções da área apontam principalmente para uma aproximação com as discussões teóricas da historiografia.

Uma das concepções da História Cultural caracteriza-se a partir da análise de objetos específicos, os objetos culturais, nos quais pode ser incluída a materialidade ou cultura material, sendo apresentada em paralelo àquela que privilegia as representações e práticas sociais. (FALCON, 2006).

Entretanto, as duas concepções a respeito da História Cultural devem estar articuladas, pois a materialidade não pode ser compreendida em si, precisa estar articulada às apropriações, empreendidas a partir de categorizações simbólicas. A cultura material, assim como a cultura imaterial, deve ser analisada em perspectiva, em relação ao seu contexto de interações sociais, institucionais, morais, prescritas ou simbólicas.

O conceito de cultura material, no campo da história da educação, está atrelado ao conceito de cultura escolar. Pode ser relacionado também à história das disciplinas escolares, pois é no espaço escolar que o currículo prescrito materializa-se. Pois, “o esforço de compreender aquilo que é essencial e relevante na cultura material escolar não permite (...) isolá-la de outros elementos conceituais de cultura, apesar de suas especificidades.” (BENCOSTTA, 2013, *prelo*)

Bencostta (2013, *prelo*) destaca alguns procedimentos de pesquisa, os quais apontam para uma metodologia mais reflexiva na utilização da noção de cultura material escolar. Estes processos analíticos referenciam formulações de problemas de pesquisa a partir da materialidade, sendo que esta se descola de uma função apenas auxiliar na construção de explicações e passa a ser o foco das análises.

Determinadas práticas escolares podem ser constituídas a partir da materialidade da escola, e esta pode tanto estimular quanto reprimir a disseminação de conhecimentos. Por este motivo muitos estudiosos da história da educação dedicam-se a entender as possibilidades trazidas pelos materiais à prática escolar. (FARIA; GONÇALVES; VIDAL e PAULILO, 2004)

Por sua vez, Vinão (1995) opta por trabalhar com a noção de culturas escolares, considerando que umas das maiores dificuldades de análise é justamente a diversidade de modalidades existentes. Uma delas está relacionada à materialidade do cotidiano escolar, ou seja, os objetos, e seus diversos usos e funções, bem como à distribuição desses materiais no espaço escolar.

De acordo com Souza (2007), a preocupação com os materiais utilizados na escola aumenta, em meados do século XIX, com a construção de prédios escolares e o surgimento de moderno mobiliário escolar e novos materiais pedagógicos, devido, principalmente, à intensificação da industrialização.

A educação passa a fazer parte de um mundo de exposições tecnológicas, no qual as exposições internacionais representaram a celebração do capitalismo e do progresso. A educação esteve presente nessas exposições, desde a primeira, realizada em Londres, em 1862, como mais um símbolo de inovação. O desenvolvimento dos mais variados objetos escolares tinha o objetivo de ilustrar novos métodos sugeridos para a educação. (KUHLMANN Jr., 2001)

No século XIX, os museus pedagógicos⁷ e industriais tinham o papel de divulgar as inovações técnicas às camadas populares, como complemento do próprio ensino, sendo as exposições universais grandes eventos culturais de caráter popular, os quais partilhavam de um intuito civilizador. (FELGUEIRAS; SOARES, 2004)

A exposição pública dos mais diversos suportes materiais representava o avanço educacional e também industrial atingido por cada país, sendo as referidas exposições importantes para a difusão de uma ideologia do progresso e da técnica (SOUZA, 2007). O progresso deixava de ser apenas uma ideologia, passava a ser algo concreto, pois as grandes descobertas e invenções estavam à vista. Daí a importância da disseminação e universalização dos ideais capitalistas e burgueses, onde a tecnologia tornaria o mundo melhor:

No decorrer do século XIX, a modernidade e a tecnologia foram obsessivas para parte da elite ilustrada da Latino-América. Construíram-se, por assim dizer, uma meta e um sonho latino-americanos: ser moderno, participar da rota do progresso, tornar-se uma grande nação, desfazer a imagem do exotismo tropical do atraso e da inércia. Para cumprir esta meta de apanhar o trem da história, nada mais indicado do que participar daqueles verdadeiros espetáculos da modernidade que eram as exposições universais. (PESAVENTO, 1997, p. 16)

Segundo Pesavento (1997), estas exposições universais possuíam o caráter de transmissão de valores, tendo como ideias principais, o progresso, a técnica e a razão:

Nelas se exibiam as mais complexas máquinas, os mais recentes inventos, classificados cuidadosamente e organizados segundo preocupação didática e enciclopédica. Multidões maravilhadas desfilavam pelas exposições, admirando os

⁷ Museu pedagógico é definido por Diana Vidal como a reunião de coleções de materiais pertinentes ao ensino para serem estudados pelos professores, os quais serviriam como auxiliar em sua formação e atuação docente. Exemplo de coleções: modelos de mobília escolar, casas escolares e materiais de ensino. (VIDAL, 1999)

prodígios da engenhosidade do homem atraídas pela mística do novo, do fantástico e do exótico. Apresentando um verdadeiro inventário do engenho humano do seu tempo, as exposições teriam a função didático-pedagógica de instruir os visitantes, prestando-lhes as mais diversas informações sobre os objetos expostos. (...) O processo pedagógico é, em si, um mecanismo de adestramento e veículo. (PESAVENTO, 1997, pp. 45-46)

Visando a participação do Brasil na Exposição Universal de 1862 realizada em Londres, no ano anterior foram realizadas exposições provinciais e uma exposição nacional com a finalidade de remeter à corte os produtos nacionais mais importantes. O Brasil expôs produtos típicos e gêneros agrícolas, bem como coleções, a exemplo das amostras de minérios, e destacou-se, principalmente, pela variedade de insetos exóticos. (PESAVENTO, 1997)

Nesse contexto, destacam-se também as Exposições Pedagógicas realizadas no Brasil, a partir da década de 1880. Na Exposição Pedagógica de 1883, realizada no Rio de Janeiro, é apresentado o museu das escolas, o qual consistia em coleções⁸ de objetos que funcionavam como pequenas exposições. Essas coleções vinham em caixas, nos mesmos padrões daquelas que eram distribuídas às escolas parisienses. (KUHLMANN Jr., 2001)

O tema das exposições universais, principalmente devido à especificidade das coleções enviadas pelo Brasil a essas feiras mundiais, nos remete aos gabinetes de curiosidades e aos museus de história natural, os quais eram compostos por coleções de botânica, zoologia, geologia, etc.

Em relação aos gabinetes de curiosidades europeus, entre os séculos XVI e XVII, assim afirma Helga Possas:

Os gabinetes, a princípio, revelam um caráter enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos. Ainda não existe uma preocupação nítida com a classificação, a nomeação de tudo o que se descortina diante desses homens. Antes de qualquer coisa, trata-se de juntar, de colecionar objetos que dão a ideia da existência de outros. O ato de colecionar transfigura-se em compreensão de tudo o que há no mundo. (POSSAS, 2010, p. 151)

O ato de colecionar amostras naturais remete ao século XVI, porém no Brasil essa tendência acompanha os movimentos científicos intensificados no século XIX. Pois essa tradição de colecionar pode ser claramente percebida nos modelos de criação de alguns importantes museus brasileiros, originalmente de história natural, reproduzindo o modelo europeu.

⁸ Coleções de pedras e metais, madeira, louça, iluminação, vestuário, etc. Cf. nota n. 7.

Esse modelo traduz uma relação harmoniosa entre o museu e um campo de saber determinado, pois não há muitas contradições entre o ato de colecionar e a apreciação dessas coleções. “Na realidade, é o único modelo (...) que funcionou plenamente como instrumento institucional da contribuição museológica à atividade científica.” (MENESES, 2010, p. 33)

Na escola, no momento em que o olhar é compreendido como fundamental para o aprendizado, as coleções de história natural ganharam espaços especializados e estes foram denominados de gabinetes, museus ou laboratórios. De acordo com Vidal (1999), no século XIX há o aparecimento de uma ciência do olhar, da observação e da verificação. O homem é inserido no meio natural como algo a ser decifrado e compreendido e uma “(...) nova inteligibilidade colocava o homem, especialmente seu corpo, como objeto de estudo. Decifrar a natureza levaria a decifrar o humano na sua acepção biológica, apartada da ligação com o divino.” (VIDAL, 1999, p. 108)

A constituição das mais diversas coleções, sintetizadas para o ensino primário através dos museus pedagógicos, insere-se neste contexto de valorização do olhar. A pedagogia do olhar estaria relacionada, portanto, à ciência do olhar e a um novo momento no desenvolvimento das ciências, no qual decifrar o homem e a natureza era primordial. (VIDAL, 1999)

A utilização ou não de certos materiais na escola demonstra significativamente a concepção de ensino presente em determinado período e instituição. Aulas cada vez mais atrativas, montagem de salas temáticas, carteiras individuais, museus e laboratórios representavam tentativas de tornar o ensino cada vez mais eficiente, entre os séculos XIX e XX. (SOUZA, 2007).

De uma maneira geral, na historiografia, o estudo da materialidade em termos culturais multiplicou-se nas últimas décadas, estando atrelado às preocupações com o cotidiano. O estudo da cultura material apresenta certa diversidade de focos analíticos, dentre os quais podemos destacar: as funções e usos dos materiais, as características de produção, as políticas educacionais relacionadas à introdução de novos materiais, a relação entre materiais escolares, currículo (disciplinas) e método de ensino e ainda os modelos didáticos historicamente construídos. (SOUZA, 2007)

Outras duas relações a considerar, importantes para esta proposta de pesquisa, são referentes às apropriações desses materiais por professores e alunos e também a relação com os currículos:

Em que medida os materiais constituem auxiliares do ensino e da aprendizagem? Qual é a relação que os professores estabelecem com os materiais didáticos? (...) Estudos sobre discursos e saberes construídos em torno dos materiais escolares constituem também possibilidades relevantes de pesquisa. (...) A relação com o currículo e as disciplinas escolares é indispensável. (SOUZA, 2007, pp.180-181)

Dessa forma, procuramos analisar os artefatos articulados aos discursos que legitimaram a aquisição desses materiais, bem como aqueles relacionados à construção de um palacete para o Ginásio Paranaense. Ainda, busco entender os usos e possíveis desusos dos materiais, a partir das condições pedagógicas e preparo dos profissionais e alunos em relação às novas técnicas e materiais. Pois, de acordo com Souza (2007), em todas as discussões teóricas sobre o tema, os historiadores da cultura material colocam o homem no centro da discussão, pois os objetos e seus usos definem-se baseados nas relações humanas.

O uso de fontes como listas de almoxarifado, relação de objetos distribuídos às escolas, recibos de fornecedores, entre outros, requer um grande esforço interdisciplinar que envolve a história econômica, fiscal, da indústria, relações diplomáticas e das relações sociais. Este esforço interdisciplinar também deve ocorrer dentro do próprio campo de investigação da “história da educação, como a história das disciplinas escolares, dos saberes científicos e educacionais, dos sujeitos escolares, dos modelos pedagógicos e das reformas educativas.” (VIDAL; SILVA, 2011, p. 32).

Assim, uma importante questão é a relação entre o material e o discurso, na medida em que devemos entender os discursos como lugares de disputa, de explicação e de hierarquização do próprio espaço escolar. Pois “... a materialidade da escola e as disputas em torno dela permitem perceber como a escola e os projetos sociais foram construídos discursivamente envolvendo diferentes sujeitos.” (PERES; SOUZA, 2011, p. 46)

Para empreender a análise dos ambientes educativos, e dos objetos que os compunham, o conjunto principal de fontes é compreendido pelas fotografias dos artefatos em seus lugares originais⁹, além de memórias de alguns alunos que conviveram neste espaço. Foram priorizadas memórias publicadas em livros: as publicações de Ernani Straube (1990; 1993) sobre a instituição, e ainda as obras autobiográficas de Germano Bayer (2009) e América da Costa Sabóia (1978), ex-alunos do Ginásio e Escola Normal, respectivamente.

Peter Burke (1992) analisou a memória enquanto produto de grupos sociais, sendo estes os que determinam o que é memorável e de que forma, o produto dessa memória sofre distorções, passando por um processo de seleção. Já Pierre Nora (1981) apresentou a memória

⁹ Alguns desses objetos ainda existem e pertencem ao acervo do Colégio Estadual do Paraná.

enquanto algo pertencente às tradições culturais, as quais não existem mais; esse seria o motivo pelo qual surge a necessidade de se pensar em locais de memória, uma vez desaparecidos os meios de memória.

Lembrando que as utilizações e reutilizações de certos esquemas no processo de recordar o passado são características através das quais o passado recordado acaba transformando-se em mito, é a história vista como um passado simbólico. Assim, na perspectiva da história social da recordação, é necessário analisar os meios de transmissão da memória social, os quais podem ser tradições orais, documentos escritos, imagens pictóricas, monumentos públicos, ações ritualísticas registradas de alguma maneira, ou seja, a recordação enquanto espaço físico. (BURKE, 1992)

As memórias autobiográficas, em formas de depoimentos ou de diários, compõem importantes testemunhos sobre aspectos concretos da vivência, do trabalho e da cultura escolar, esta entendida como o uso dos espaços e tempos escolares, a percepção que os professores e alunos tem de si, e também os processos de aquisição de conhecimentos. (NUNES, 2003)

Ao conjunto de fontes utilizadas na investigação somam-se os inventários de materiais produzidos pela instituição de ensino, fontes iconográficas, regulamentos do ensino e relatórios enviados ao governo. Grande parte das fotografias constitui um álbum de memória da antiga sede da instituição, organizado de 1941, ano em que foi iniciada a preparação do terreno para a construção da atual sede, inaugurada em 1950. Este álbum pertence ao acervo do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.¹⁰

Essas fotografias demonstram a necessidade de registro da diversidade dos espaços da instituição, tais como: as salas de Química, Física, História Natural e Geografia, a Biblioteca, o Salão Nobre, os gabinetes da administração e Sala de Professores. A documentação fotográfica deve ser compreendida como registro da memória institucional, como forma de demonstrar o esforço dos sujeitos envolvidos no processo de constituição daquela materialidade.

Segundo Mariana Calaça (2009), a fotografia tem o poder de imortalizar um tempo e mostrar para a posteridade o que foi considerado importante. Ainda, o registro fotográfico “funciona como uma memória social que é capaz de eternizar pessoas, locais, momentos que provavelmente não se repetirão.” (CALAÇA, 2009 p. 109)

¹⁰ Para esclarecer ao leitor, foram cinco as denominações da instituição: Liceu de Curitiba (1846-1875); Instituto Paranaense (1876-1891); Ginásio Paranaense (1892-1941); Colégio Paranaense (1942) e Colégio Estadual do Paraná (1943-atual).

No caso do objeto em estudo, os registros fotográficos analisados demonstram os esforços de construção de determinada configuração espacial, entendida, em alguns momentos, como o principal meio de se alcançar os objetivos pedagógicos pretendidos. As relações entre os discursos e a realidade física devem ser tencionadas, pois, não raro, os discursos mascaram a precariedade estrutural e as reais condições materiais. As fotografias oficiais devem ser entendidas como parte integrante e complemento de um discurso elaborado, uma autoimagem construída e propagada pela instituição.

Para Bencostta (2011), as fotografias devem ser compreendidas como testemunhos visuais. Assim, as imagens escolares possuem estreita relação com a memória, tanto de personagens constituintes da escola, quanto da memória institucional. Essas imagens revelam modos de ser e de fazer:

Elas trazem informações sobre a cultura material escolar, como os arranjos espaciais (arquitetura), as relações sociais, os contextos humanos (professores, alunos, diretores e suas respectivas posturas) e sobre as práticas escolares (festas de encerramento do ano letivo, entrega de diplomas, desfiles e comemorações cívicas, solenidades, etc.). (BENCOSTTA, 2011, pp. 400-401)

Nesse sentido, destaca-se a relação da fotografia com a memória coletiva, pois as fotografias, nessa perspectiva, podem ser consideradas como um “monumento-documento”, conforme as teorizações do historiador Jaques Le Goff. (BENCOSTTA, 2011) Atentando para o fato deste coletivo, no caso analisado, não ser apenas um grupo social, mas vários grupos formadores de uma instituição com papel específico na sociedade.

Segundo Le Goff (2003), os resquícios da memória, aquilo que sobreviveu do passado, podem ser considerados monumentos, entendidos como a herança do passado, ou documentos, derivados das escolhas do historiador. “O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, (...) é um legado da memória coletiva.”. Por sua vez, o documento se constitui como o “fundamento do fato histórico para a escola histórica positivista do século XIX.” (LE GOFF, 2003, p. 526)

Para o historiador francês, a partir dos processos de mudança da historiografia e do alargamento da noção de documento, é necessário trabalharmos com a ideia de documento-monumento, na qual tanto uma obra arquitetônica possui o caráter de documento (testemunho) quanto um texto também pode ser um monumento. Entendendo o documento como monumento, o historiador possui condições de, exercendo a crítica interna em relação

às condições de sua produção histórica, chegar às intencionalidades, inconscientes ou não, intrínsecas a essa produção. (LE GOFF, 2003)

Outro conceito empregado nesse trabalho é a noção de espaço escolar, o qual deve ser entendido como uma construção social, parte do processo educativo que revela o emprego dado a ele por aqueles que o utilizam. Contudo, o espaço escolar é um discurso que traz em sua materialidade um conjunto de valores, como a aprendizagem motora e sensorial, apreendida através de símbolos culturais e estéticos. Portanto, qualquer mudança na disposição do espaço possui relação com a concepção educativa. (VIÑAO, 1995)

O conceito de espaço escolar pode ser pensado também como elemento pedagógico:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. Ao mesmo tempo, o espaço educativo refletiu obviamente as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos mais técnicos. (ESCOLANO, 2001)

De acordo com Bencostta (2005), no contexto republicano, os edifícios escolares passam a ter um local específico na cidade, devendo sua localização servir como lugar de destaque no meio urbano, para que se tornasse visível enquanto símbolo do novo regime. Além disso, a organização de todo o espaço urbano estava permeada por objetivos pedagógicos, pois a cidade moderna deveria simbolizar a técnica e a racionalidade. No Brasil, os debates em torno do progresso e da civilização foram intensificados com a implantação do Regime Republicano:

No discurso daqueles que implantaram, no Brasil, o novo regime político em 1889, era preciso, além da justificação racional do poder, a fim de legitimar a República, construir uma nação pautada em valores que demonstrassem estar em definitivo sintonizados com as mudanças que o mundo moderno apresentava. (BENCOSTTA, 2005, p. 95)

Contudo, essas mudanças representadas pelo moderno ficaram apenas no âmbito do discurso em muitas questões.

Uma peculiaridade da instituição de ensino analisada é o compartilhamento do seu espaço escolar, pois nele conviviam duas propostas de ensino diferenciadas, a saber, o curso secundário e o curso normal. Mesmo após a construção da sede própria, em 1904, a questão

do compartilhamento dos espaços continuou problemática, na medida em que a demanda de alunos aumentava e o problema tendia a se agravar.

As vagas na Escola Normal eram preenchidas basicamente por alunas, e as do Ginásio principalmente por alunos. Além da problemática da convivência dos gêneros, com o passar dos anos as matrículas avolumaram-se gerando a falta de espaço. Assim, a saída do ensino normal, a partir da inauguração de sua sede própria, em 1922, foi significativa para a reconfiguração espacial do edifício, agora somente para o Ginásio.

Expostas estas questões, a pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro discute-se brevemente o histórico da instituição analisada, criada em 1846, como Liceu de Curitiba. Analisa-se a criação do *Gymnasio Paranaense*, a partir da extinção do *Instituto Paranaense*, procurando entender quais modificações concretas ocorreram no currículo e na reorganização administrativa da instituição a partir dos Regulamentos aprovados pelos republicanos, principalmente o Regulamento de 1892. Este regulamento teve como base a Reforma Benjamim Constant, que transformou o Colégio Pedro II em Gymnasio Nacional, modelo para as demais instituições de ensino secundário do país, sendo criado dessa maneira o regime de equiparação nacional.

No segundo capítulo prioriza-se o prédio da instituição, construído entre 1902 e 1904, com maior enfoque no espaço interno do edifício. Nos relatórios de diretores são analisadas, principalmente, as informações sobre as condições físicas do prédio e a aquisição de materiais didáticos. Outros aspectos como a localização, a distribuição das salas e as discussões sobre a necessidade de separação das aulas do Ginásio e da Escola Normal também fazem parte da análise.

No terceiro capítulo analisam-se as condições de aquisição dos materiais pedagógicos da instituição. De acordo com as possibilidades de classificação e datação das informações levantadas nos inventários, analisam-se as conjunturas de montagem das salas especiais. São discutidos os processos de formação das diversas coleções, bem como os argumentos legitimadores que envolvem professores, diretores, autoridades públicas e imprensa.

1 A INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA NA CAPITAL DO PARANÁ: DO LICEU DE CURITIBA AO GINÁSIO PARANAENSE

No Estado do Paraná, os espaços próprios para as instituições escolares começaram a ser discutidos mais intensamente em fins do século XIX e principalmente início do século XX. As mudanças políticas do período tiveram sua importância para a consolidação de ideais modernos, na medida em que o progresso técnico, moral e social deveria estar atrelado a uma nova organização política.

Segundo a nova ordem, o regime escravocrata e monárquico não condizia com as novas ideias de civilização e progresso que vinham, aos poucos, tomando conta dos imaginários, principalmente dos intelectuais e das elites políticas. A instalação da República ocorreu em um contexto de mudanças sociais, tanto do ponto de vista material, quanto das relações sociais, ocorridas também com a aceleração dos processos de urbanização.

Durante as primeiras décadas do período republicano, questões relacionadas à instrução da população surgiram como prioridade nos debates políticos. No imaginário republicano a escola é representada como símbolo da instauração da ordem com a necessidade premente de reestruturação da instrução pública. Neste processo de construção da escola como símbolo da nova ordem social e política, as condições materiais de funcionamento das escolas passam a ser fundamentais. (CARVALHO, 2003)

Contudo, essa afirmação está relacionada ao discurso republicano, e não às condições reais do funcionamento das escolas do ponto de vista de sua infraestrutura. Ou seja, mesmo que a instrução, e as condições materiais para o seu sucesso, tenham figurado como prioridade nas pautas do governo republicano desde o seu início, não houve nenhuma mudança significativa nas primeiras décadas daquele regime.

Segundo Cunha Junior (2008), a criação do Imperial Colégio de Pedro II, ainda no período monárquico, representou o início do processo de escolarização do ensino secundário público no Brasil. Até aquele momento, existia um grande número de aulas avulsas e de seminários religiosos pelo país, responsáveis pela instrução. Contudo, como local “de aulas avulsas oferecidas pelas diversas cadeiras, as escolas secundárias jamais deram organicidade ao título de bacharel em Ciências e Letras, conferido, aliás, a pouquíssimos egressos dessas escolas.” (KULESZA, 1998, p. 64)

A instrução secundária pública foi inaugurada na Comarca de Curitiba, antes da emancipação da província do Paraná. No ano de 1846, foi criado o “Licêo de Curitiba”,

através de Decreto Lei da Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo, no qual foram criados os liceus de Taubaté e de Curitiba. (*Lei n. 33 de 13 de março de 1846. Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo*)

Em 1853 ocorre a emancipação da província do Paraná, e esta deixa então de pertencer à administração de São Paulo. A partir desse processo, o Paraná precisava estabelecer-se como uma unidade política autônoma:

Curitiba, apesar de ter sido escolhida como capital, não apresentava qualquer nível de desenvolvimento nos setores econômico, cultural ou educacional que a destacasse como capital. No tocante à educação, padecia de todos os males comuns à província; havia falta de escolas, falta de professores habilitados e baixa frequência escolar. (VECHIA, 2004)

Ao longo de sua história, o Liceu de Curitiba não teve um funcionamento estável, em alguns momentos possuindo apenas as cadeiras de línguas latina e francesa. Outras aulas avulsas de ensino secundário foram criadas na Província do Paraná, entre as décadas de 1850 e 1870, em Guarapuava, Castro, Paranaguá, Morretes e Antonina. Estas também não funcionaram continuamente, sendo extintas e recriadas diversas vezes. As cadeiras avulsas identificadas na legislação são basicamente da área de Letras, predominando as cadeiras de Latim e Francês e, em algumas cidades, foi criada a de Inglês. Outras aulas avulsas, de Matemática, História e Geografia foram criadas na capital e em Paranaguá. (*Coletânea da Documentação Educacional Paranaense 1854-1889*)

Uma biblioteca pública foi criada anexa ao Liceu em março de 1857. A lei de sua criação determinava que fossem adquiridos livros condizentes com os conteúdos ensinados no liceu. O documento previa também que fossem enviadas para a biblioteca pública cópias de todos os documentos produzidos pela administração pública local. (*Coletânea da Documentação Educacional Paranaense 1854-1889*)

Em 1869, através da Lei n. 204 de 7 de junho, o Liceu da Capital foi extinto. Segundo essa lei o professor de francês, ao que parece o único lecionando naquele momento, iria acumular a cadeira de latim e lecionaria em algum colégio subvencionado. (*Coletânea da Documentação Educacional Paranaense 1854-1889*)

Em relação ao ensino normal na Província do Paraná, o primeiro indício encontrado na legislação remete ao ano de 1867, quando é criada na capital uma Escola de Pedagogia, pela Lei n. 150 de 10 de maio. Não há registro do regulamento dessa Escola, no decreto-lei há apenas a indicação de sua elaboração. Três anos depois é criada a primeira Escola Normal da

Província, também em Curitiba. Nesta lei constam alguns artigos que regulam o funcionamento do ensino normal, porém as prescrições são bem sucintas. (*Coletânea da Documentação Educacional Paranaense 1854-1889*)

Embora extinto em 1869, o Liceu de Curitiba deixou funcionando algumas cadeiras, e apenas no ano 1874 foi extinto definitivamente. A extinção do liceu foi citada em um artigo do regulamento da instrução obrigatória, de 1874, de maneira rápida e sem nenhuma justificativa, além da autoridade do governo: “Art. 10º – É o governo autorizado a fazer toda e qualquer alteração que julgar conveniente na legislação e regulamento da instrução pública e secundária, ficando desde já extinto o Liceu dessa cidade.” (PARANÁ, *Regulamento de Ensino Obrigatório*, 1874)

No ano de 1876 foi criado um instituto de preparatórios, o Instituto Paranaense e, anexa a este, uma Escola Normal (PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1876). Em 1882 foi novamente criada a Escola Normal na capital da Província, porém não foi encontrado documento que tivesse extinguido a mesma. De acordo com o regulamento desse ano, foi instituída uma Escola Normal e à mesma escola continuava anexado o Instituto Paranaense, sob denominação comum de “Instituto Normal e de Preparatórios da Província do Paraná”. (PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1882)

É necessário pensar na hipótese de que estas prescrições não foram efetivadas. Ou que esse Instituto Normal e de Preparatórios funcionou somente durante o ano de 1882, pois outro Ato Governamental determinou seu fechamento em 29 de dezembro desse mesmo ano. A restauração do Instituto Paranaense e da Escola Normal ocorre através de mais um decreto do governo, de 26 de janeiro de 1884, determinando que o estabelecimento seria comum, e os dois cursos funcionariam sob mesma direção e regime. (PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1884)

Essas idas e vindas demonstram a fragilidade da instituição e as dificuldades em oferecer organicidade à instrução secundária no Paraná durante o Império. Contudo, tais dificuldades não desapareceram com as mudanças administrativas causadas pela implantação do regime republicano. Algumas iniciativas federais, relacionadas à centralidade administrativa do ensino secundário e sua consequente homogeneização, fizeram com que, gradativamente, a educação secundária pública brasileira adquirisse aspectos de organização burocrática, mas esse processo foi lento.

As edificações ocupadas pela instituição paranaense ao longo da segunda metade do século XIX não foram todas sedes próprias, uma delas foi alugada e outra foi cedida

temporariamente ao Liceu. A primeira de que se tem notícia era uma casa alugada situada no Pátio da Matriz¹¹, possivelmente¹² no mesmo prédio onde funcionava a Câmara Municipal. Contudo, segundo informações da Prefeitura Municipal, à época as sessões da Câmara ocorreram em vários locais diferentes, mas todos nas proximidades da Matriz.¹³

Em 1854, o primeiro Presidente da Província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcelos autorizou a construção de uma edificação para sediar o Liceu (Figura 1). O local da construção era onde havia funcionado a cadeia velha, à Rua da Assembleia, atual Rua Dr. Muricy, entre as Ruas Saldanha Marinho e Cruz Machado. O Liceu permaneceu neste local até o ano de 1869. Esse prédio foi demolido no ano de 1923 para a construção das Coletorias Estaduais. (STRAUBE, 1993)

¹¹ Atual Praça Tiradentes.

¹² Infelizmente não foi possível localizar uma imagem que representasse essa edificação.

¹³ “**1835 a 1850** - A Câmara Municipal de Curitiba tinha sede ora nos arredores da Matriz ora nos consistórios da Capela de São Francisco de Paula, onde por vezes deixou de realizar as suas sessões devido às chuvas, pois que a sala das sessões ficava muito longe da Vila. Há registros de que, em 12 de março de 1851, reuniu-se na sala da casa do alferes Borges de Macedo, por se acharem ocupadas as duas salas do edifício que serve de Sessões, uma com o conselho de qualificação e outra com o Liceu. **1850** - funcionou no prédio da Câmara e cadeia velha, inaugurado em julho de 1850 por José Borges de Macedo, na ocasião presidente da Câmara, em local onde é hoje a Praça Borges de Macedo.” Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/sedes-do-poder-municipal-de-curitiba/184>



Figura 1: Segunda sede do Liceu, construída em 1854, localizada na Rua da Assembleia. Esboço do artista plástico paranaense Augusto Conte. In: STRAUBE, 1993.

Interessante observar o local no qual esse prédio estava situado: exatamente no mesmo quarteirão onde foi construído o edifício do Ginásio em 1904. Hoje esse quarteirão é dividido em duas construções principais: o edifício construído para o Ginásio Paranaense (atual Secretaria de Cultura) e o edifício construído para as Coletorias Estaduais (atual Casa de Cultura Andrade Muricy).

Devido aos vários períodos durante os quais o Liceu teve seu funcionamento interrompido, a sede da Rua da Assembleia foi ocupada com outros serviços públicos, alguns que já dividiam espaço com o Liceu. No início da década de 1870, o prédio estava sendo ocupado pela Tesouraria Provincial, pela Biblioteca Pública e pela Inspetoria Geral da Instrução Pública. Por esse motivo, as aulas foram ministradas em duas salas da Assembleia Legislativa Provincial (Figura 2), localizada na Rua da Assembleia. (STRAUBE, 1993) Acredita-se que isso ocorreu entre os anos de 1870 a 1874, período no qual as aulas foram interrompidas.

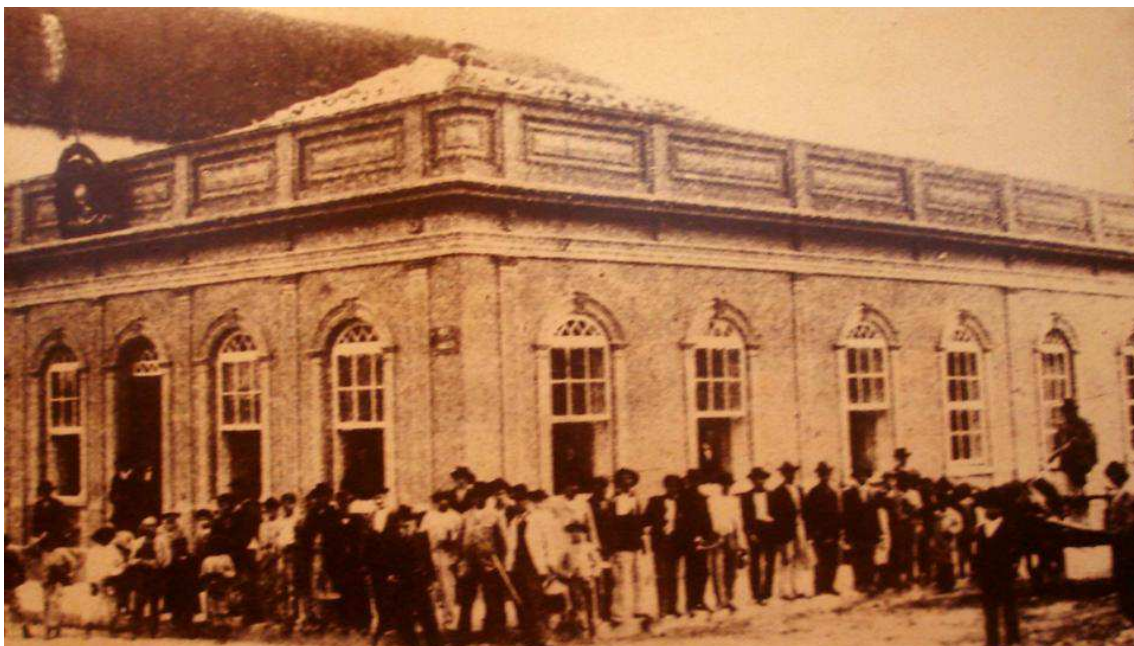


Figura 2: Prédio da Assembleia Legislativa Provincial. Terceira sede provisória do Liceu. Reprodução. Data atribuída: 1880. Acervo Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (CM-CEP).

O edifício seguinte (Figura 3) foi ocupado pelo Ginásio Paranaense, Escola Normal, Secretaria da Instrução Pública e Biblioteca Pública, e localizava-se à Rua Aquidaban (atual Emiliano Pernetá). Possuía cinco salas no total, sendo duas delas ocupadas como salas de aula. Este prédio havia sido residência de Manoel Antonio Guimarães, o Visconde de Nácar¹⁴, e foi comprado pelo governo. (STRAUBE, 1993)

Observar que na inscrição na entrada principal lê-se “Escola Normal”, portanto não se pode afirmar que o Instituto/Ginásio foram instituições principais e a Escola Normal permaneceu em segundo plano em todos os períodos de coabitação das instituições.

¹⁴ Manoel Antonio Guimarães, o Visconde de Nácar exerceu diferentes funções na política. No município de Paranaguá foi Presidente da Câmara Municipal, Delegado de Polícia, juiz municipal e comandante superior da Guarda Nacional. Também foi chefe do Partido Conservador entre as décadas de 1850 e 1880, chegando à vice-presidência da província do Paraná. Foi também na Assembleia Provincial de São Paulo. Além disso destacou-se em Paranaguá como comerciante, dono de importantes fazendas e engenhos. Informações in: <http://pt.wikipedia.org>



Figura 3: Quarta sede do Instituto Paranaense e primeira da Escola Normal, a partir de 1876. Localizado na Rua Aquidaban, atual Emiliano Perneta. Data atribuída: 1890. Acervo CM -CEP.¹⁵

Há registros da existência de outra sede (Figura 4), que pode ser a mesma construção presente na imagem anterior, porém após uma reforma. As proporções da fachada são aparentemente iguais, mas como não há informações precisas, resta a dúvida se é a mesma construção ou não. Pode-se observar, no entanto, que apesar dos detalhes decorativos serem diferentes, a forma geral é a mesma. Nas duas imagens é possível perceber o mesmo número de janelas, apresentadas de maneira simétrica, e ainda a porta está centralizada em ambas. Os respiros abaixo de cada janela também se repetem. Esses indícios sugerem que se trata de uma única edificação, porém, a ausência de informações, como por exemplo, o endereço completo, não permite afirmar isso certamente.

¹⁵ Reprodução de um quadro que se encontra exposto no interior do colégio.



Figura 4: Quinta sede, onde funcionou o Instituto Paranaense a partir de 1883. Data atribuída: 1910. Acervo CM-CEP.

Esta edificação foi a quinta sede de funcionamento do único estabelecimento de ensino secundário público da capital paranaense, até aquele momento. A partir do ano de 1876 a Escola Normal dividiu espaço com o Instituto Paranaense e depois com o Ginásio. Nessa fachada não há inscrições contendo nome de nenhuma instituição, contudo estima-se que a foto seja no início do século. No verso dessa fotografia há a denominação de Escola Profissional República Argentina. Esta instituição teve ainda duas denominações anteriores, Escola de Belas Artes e Indústrias, desde a fundação por Mariano de Lima, e ainda Escola Profissional Feminina.¹⁶

1.1 O GINÁSIO PARANAENSE E OS CURRÍCULOS DO ENSINO SECUNDÁRIO

Quando da queda do regime monárquico e a instalação do sistema republicano, em relação ao ensino secundário da capital paranaense, a mudança mais significativa foi a extinção do Instituto Paranaense e a criação do **Ginásio Paranaense**, curso de estudos

¹⁶ Maiores informações: SANTANA, L. W. A. *Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná: o projeto de ensino de artes e ofícios de Antonio Mariano de Lima Curitiba 1882-1902*. Metrado em Educação. UFPR, 2004.

secundários cujo objetivo previsto na lei era “ministrar à mocidade paranaense os elementos fundamentais da sciencia geral e habilitar-a para a matricula nos estabelecimentos de ensino superior da Republica.” (PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1892).

Essa mudança ocorre devido a algumas medidas do governo federal, as quais visavam à uniformidade do ensino secundário. Essas medidas, no âmbito desse ramo de ensino, são representadas pela Reforma Benjamim Constant, cujo conteúdo altera o nome da principal instituição de ensino da capital federal, de Colégio de Pedro II (CPII) para Ginásio Nacional. “Consolidada a República, o CPII teve seu nome alterado para Gymnasio Nacional e o título oferecido aos alunos formados passou a ser o de Bacharel em Ciências e Letras.” (CUNHA Jr. 2008, p.101)

A mudança de denominação era simbólica e tinha como principal objetivo o rompimento com o passado imperial. Ao analisarmos o programa de ensino implantado pela referida reforma, é possível perceber que o ensino secundário estava sendo concebido com o caráter de humanidades, caracterizado pela preocupação com a formação de cidadãos letrados. (CUNHA Jr. 2008) Também há no currículo as disciplinas de ciências físicas e naturais já prescritas em regulamentos anteriores do Instituto. Dessa forma, não foram identificadas mudanças significativas que indiquem algum rompimento significativo, proporcionado pela transição de regime político.

Analisando-se comparativamente o último regulamento do período imperial e o primeiro do regime republicano, referentes ao Instituto Paranaense, notam-se pequenas diferenças, como o acréscimo das ciências físicas e naturais, ainda que a palavra “noções” sugira apenas uma base geral das ciências. É notório que as humanidades continuam a ocupar grande parte do currículo, porém as disciplinas de Filosofia, Retórica e Poética são retiradas.

QUADRO 1

Aulas previstas para o Instituto Paranaense no Regulamento de 1876 (somente aulas avulsas)¹⁷	Disciplinas previstas para o Instituto Paranaense no Regulamento de 1891¹⁸
Português	Português
Latim	Latim
Francês	Francês
***	Italiano

¹⁷ Regulamento para o Instituto Paranaense e Escola Normal Anexa, 1884. *Coletânea da Documentação Educacional Paranaense 1854-1889*.

¹⁸ PARANÁ, Regulamento de Ensino, 1891.

Inglês	Inglês
Alemão	Alemão
Aritmética	Matemática Elementar (1ª e 2ª cadeiras)
Álgebra	***
Geometria	***
Trigonometria	***
Geografia e Cosmografia	Geografia e Cosmografia
História	História Universal
Filosofia	Moral, Teoria e Prática
Retórica e Poética	Noções de Ciências Físicas e Naturais

Neste regulamento de 1891 já são previstos materiais didáticos e uma estrutura diferenciada, tanto para o ensino normal quanto para o de preparatórios:

Art. 143. São creados no edificio da Escola Normal um muzeu pedagogico e uma biblioteca central do ensino primario, comprehendendo colleções diversas de material escolar. Art. 204. Haverá numa das salas do Instituto Paranaense um laboratório e muzeu para o ensino pratico das sciencias phisicas e naturaes. (PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1891)

Estas prescrições, a criação de um museu pedagógico¹⁹ para o ensino normal e de laboratórios para as aulas do ensino secundário, não foram concretizadas naquele momento, conforme os relatórios posteriores a essa regulamentação, os quais reclamavam a falta desses espaços. Contudo, demonstram que os legisladores estavam informados quanto aos modernos métodos de ensino. O museu pedagógico para a Escola Normal será montado, somente em 1916, de acordo com informações do relatório da Direção do Ginásio, referente à este ano.

Por comparação podem ser apontados indícios de um aumento do ensino das ciências, o qual se torna um pouco mais evidente com o primeiro regulamento do Ginásio Paranaense aos moldes do congênere federal (conforme Quadro 2). O currículo adotado no Ginásio

¹⁹ Diana Gonçalves Vidal assim define a distinção entre museu pedagógico e museu escolar: o museu pedagógico como coleções de objetos a serem estudadas pelos professores, incluindo modelos de mobília escolar, casas escolares e materiais de ensino; e o museu escolar como coleções de objetos destinados a auxiliar o professor, tais objetos deveriam ser naturais, em estado bruto ou fabricados e, na ausência dos mesmos, deveriam ser representados por desenhos ou modelos. Estas informações foram encontradas nas Atas do Congresso Nacional de Instrução 1882-1883, no texto do parecerista Manoel José Pereira Frazão sobre a importância dos museus e bibliotecas escolares. (VIDAL, 1999) Marília Petry apresenta duas modalidades de museu escolar, porém ambas cumprem o mesmo papel: uma refere-se ao museu que está instalado dentro da sala de aula e outra que se encontra em um gabinete específico nas escolas. Este museu é constituído por coleções de objetos que auxiliavam o professor em sala de aula, e tais coleções estavam geralmente relacionadas às ciências naturais, e tinham a intenção de aproximar a escola de uma educação ativa e intuitiva. (Petry, 2012)

Paranaense em 1892 era muito parecido com o currículo do Ginásio Nacional. A diferença reside apenas na distribuição das matérias, divisão de carga horária em cada ano do curso, e no nome de uma matéria, a qual no currículo do Ginásio Paranaense consta como *Sociologia, moral, noções de economia política e direito pátrio* e no congênere nacional era ministrada como *Sociologia e Moral*:

QUADRO 2

Disciplinas previstas para o Ginásio Paranaense no Regulamento de 1892:²⁰	Disciplinas previstas para o Ginásio Nacional no Regulamento de 1890:²¹
Português	Português
Latim	Latim
Grego	Grego
Francês	Francês
Inglês	Inglês
Alemão	Alemão
Matemática	Matemática
Astronomia	Astronomia
Física	Física
Química	Química
História Natural	História Natural
Biologia	Biologia
Sociologia, Moral, Noções de Economia Política e Direito Pátrio	Sociologia e Moral
Geografia	Geografia
História Universal	História Universal
História do Brasil	História do Brasil
Literatura Nacional	Literatura Nacional
Desenho	Desenho
Ginástica, Evoluções Militares e Esgrima	Ginástica, Evoluções Militares e Esgrima
Música	Música

²⁰ PARANÁ, Regulamento de Ensino, 1891

²¹ *Decreto Federal n. 981* - de 8 de novembro de 1890. Currículo do Ginásio Nacional segundo a reforma Benjamin Constant de 1890: Decreto n. 981 - de 8 de novembro de 1890. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/4_1a_Republica/decreto%20981-1890%20reforma%20benjamin%20constant.htm <Acesso em 09/06/2011>

Aprofundando a questão do espaço ocupado pelas ciências no currículo percebe-se que as humanidades, durante um longo período, ainda predominaram no currículo. O ensino das ciências, sobretudo o seu caráter experimental, representaram, e ainda representam a ponte entre a escola e o progresso tecnológico. Discutir os currículos do ensino secundário torna-se fundamental para a compreensão da configuração espacial e, principalmente, da aquisição dos materiais didáticos para o ensino das ciências no Ginásio Paranaense.

1.1.1 O currículo do ensino secundário no Brasil e a relação com as ciências

Devido à valorização do sistema de exames, pode-se afirmar que o ensino secundário acabou sendo reduzido aos preparatórios, pois aos estudantes não interessava perder tempo com uma formação longa, quando seu interesse predominante era o ingresso em algum curso superior. Os exames parcelados garantiam o ingresso nas faculdades existentes no país, os quais, por sua vez, garantiam lugar nas profissões liberais do país.

O ensino ginásial seguia sendo um conjunto de estudos preparatórios que oferecia conteúdos científicos e literários e preparava para os exames parcelados, os quais eram realizados semestralmente, e cuja aprovação permitia a entrada nos cursos superiores. (DALLABRIDA, 2001)

A Reforma Rivadávia Correia, de 1911, acabou com o sistema de privilégios, dando total liberdade de organização aos estabelecimentos secundários, instituindo também o sistema de vestibular para o ingresso ao ensino superior. Contudo, durou menos de quatro anos, sendo substituída pela Reforma Maximiliano de 1915, a qual retoma o regime de equiparação, porém mantendo o exame vestibular e também a exigência de conclusão do curso ginásial para inscrição em tal exame. A reforma Luis Alves de 1925 suprimiu os exames parcelados permitindo exames nas matérias de cada ano do curso seriado apenas. Somente em 1931 os preparatórios foram abolidos, ainda que temporariamente, através da reforma Francisco Campos, a qual também instituiu o regime de inspeção federal aos estabelecimentos oficiais.

Com a Reforma Francisco Campos foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública. Esta reforma permitiu a expansão do ensino secundário e a concretização de medidas pensadas na década de 1920. A equiparação ao colégio modelo, antes restrita aos ginásios públicos, agora também estava aberta aos estabelecimentos particulares. “A equiparação

oficial passou a ser concedida pelo Ministério da Educação e Saúde Pública à vista da observância de diversas condições de estrutura e funcionamento de cada colégio de ensino secundário.” (DALLABRIDA; CARMINATI, 2007, p. 17)

Analisando a institucionalização da instrução pública desde o início do período republicano, Flavia Werle (2005) constata que até o momento de criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, no ano de 1930, os assuntos da educação foram tratados de maneira isolada. Segundo a autora, importantes alterações podem ser identificadas:

A unificação num quadro de referências político-administrativas central e especializado começa a se delinear a partir de então. A reduzida estrutura administrativa da instância federal não daria conta das propostas de civismo, disciplina e desenvolvimento. (...) Várias diretrizes legais e organismos contribuíram para a extensão e construção de um poder controlador centralizado. (WERLE, 2005, p. 45)

A implantação do Estado Novo pode ser pensada através da ótica dos intelectuais, sobretudo daqueles que criticaram a ineficiência do Estado Republicano. Parte desse grupo, formada por educadores, ficou conhecida sob a denominação de Renovadores ou Pioneiros da Educação Nova, e seus debates foram intensificados durante a década de 1920.

A passagem para o regime republicano, quase ao final do século XIX, foi um fator decisivo para que um modelo de escolarização se estabelecesse. Esse modelo que estabilizou entre nós a escola seriada, o grupo escolar, o ginásio de Estado, o jardim de infância, uma nova escola normal, etc., também estabilizou normas, procedimentos, usos de materiais específicos, orientações aos professores, regras de higiene, enfim, um conjunto de realizações que facilmente podem ser utilizados como exemplos da chegada de um novo tempo, um novo ciclo histórico, um novo ponto de partida para a história do país. (FREITAS, 2005, p. 165)

Assim, muitos desses intelectuais viram na Revolução de 1930 a possibilidade de organização do sistema de ensino nacional através do Estado. A década de 1920 foi o momento em que se assistiu às reformas estaduais, tendo alguns nomes de destaque como Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, todos defensores dos princípios da Escola Nova. A década de 1930 apresentava-se como a possibilidade de extensão de algumas dessas mudanças para todo o território nacional, no sentido de uniformizar o ensino básico. (FREITAS, 2005)

Segundo Dallabrida (2009), a Reforma Francisco Campos representou um rompimento com as estruturas seculares do ensino secundário. Juntamente com a frequência obrigatória, de 75% das aulas, a reforma implantou um detalhado sistema de avaliação, no qual

os estudantes secundaristas eram submetidos a uma engrenagem examinatória em diferentes tempos ao longo do ano letivo, que os incitava ao trabalho regular e progressivo. Este sistema de avaliação é diametralmente oposto ao regime de cursos preparatórios e de exames parcelados, pois, neste último sistema de ensino, o aluno apenas realizava um único sistema terminal em cada disciplina. (DALLABRIDA, 2009, p. 187)

No currículo do ciclo fundamental aparece nos primeiros anos a disciplina de Ciências Naturais, que pode ser entendida como introdução aos estudos de física, química e história natural. Percebe-se a partir do currículo implantado com a referida reforma um fortalecimento das ciências físicas e naturais. Quanto à seriação do currículo houve maior controle em todo o processo, desde a seleção, passando pela organização, até a avaliação. “A seriação definida em nível nacional estava articulada a uma rígida distribuição do tempo e com avaliação regular e sistemática.” (DALLABRIDA, 2009, p.188)

A história do Ginásio Paranaense faz parte de um contexto específico do ensino secundário nacional, neste período foram raros os estabelecimentos criados e, principalmente, mantidos pelo poder público. Poucos foram os estabelecimentos secundários administrados diretamente pelos governos estaduais, pois, segundo Dallabrida (2005):

Os governos estaduais priorizaram o ensino primário e, para tanto, investiram na formação e profissionalização de professores dessas escolas, por meio da implantação e da modernização das escolas normais. Com raras exceções, como o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro e alguns ginásios estaduais, o ensino secundário foi entregue pelos governos oligárquicos às instituições privadas, especialmente aquelas de caráter confessional. (p. 82)

O autor afirma que, durante as três primeiras décadas do século XX, o Governo Federal não implementou políticas consistentes de ampliação do ensino público. Corroborando com as informações anteriores, estabelece-se a instalação do Estado Novo como um marco em relação ao esforço de garantir organicidade e investimentos ao ensino secundário público. Com a Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 1942, essa modalidade de ensino passou a ter dois ciclos, o ginasial e o colegial, assim, os estabelecimentos de ensino secundário passaram a receber a denominação de colégios. (DALLABRIDA; CARMINATI, 2007). O Ginásio Paranaense passa a denominar-se Colégio Paranaense, no mesmo ano de implantação da Lei Orgânica e, já em 1943, passa a denominar-se Colégio Estadual do Paraná.

Vários debates sobre o ensino humanista foram travados entre as décadas de 1920 e 1960, gerando uma dicotomia entre a permanência de um currículo humanista e a mudança para um currículo secundário mais científico. “As disputas em torno do currículo colocaram em questão a legitimidade da cultura humanista predominante em confronto com a educação científica cada vez mais valorizada.” (SOUZA, 2009, p. 73)

Quando foram criados, os primeiros planos de estudos para o Colégio Pedro II continham tanto estudos literários, quanto científicos, porém o enfoque maior recaía sobre a cultura clássica humanista. A pouca importância para com o ensino das ciências podia ser percebida no reduzido número de aulas atribuídas a essa área, além da distribuição das matérias no currículo, pois as disciplinas científicas figuravam nos últimos anos do curso. Essas matérias eram, portanto, estudadas por aqueles poucos alunos que conseguiam concluir o curso secundário. (ZANCUL; SOUZA, 2012)

O estudo das humanidades estava sendo contestado neste período, mas os debates entre estudos científicos e literários já vinham sendo travados desde o início do século XIX. Contudo, a discussão foi intensificada após a implantação do regime republicano, recebendo especial atenção a partir da década de 1920. Defensores da renovação educacional acreditavam que para a escola auxiliar a sociedade, na adaptação ao mundo moderno, era necessária a ampliação dos estudos científicos. Alguns intelectuais defendiam a divisão do ensino secundário em dois ciclos. Certos posicionamentos, como o de Fernando Azevedo, estão expresso nas atas dos Congressos Brasileiros de Instrução Superior e Secundária, a partir de 1922. (SOUZA, 2009)

Várias modificações estavam sendo propostas para o currículo do ensino secundário, apontando diretrizes para cada disciplina, porém sem muita especificidade:

Em relação aos estudos científicos, por exemplo, foi indicado o método experimental no ensino de Física, uma melhor serialização no curso de História Natural, o desdobramento da cadeira de física e química e a restrição dos programas eliminando noções de geometria descritiva, geometria analítica e mecânica. No que diz respeito às humanidades, as proposições reafirmavam a manutenção do ensino obrigatório do Latim, a utilização do método direto no ensino das línguas vivas e o privilegiamento das leis que presidiam as relações entre o homem e a natureza no ensino de Filosofia. (SOUZA, 2009, pp. 74-75)

Havia ainda a proposição de implantação de dois ciclos, o ciclo letras e o ciclo ciências. Quanto ao ensino de desenho, a principal modificação proposta era sua obrigatoriedade no ensino secundário. (SOUZA, 2009)

Na década de 1930, a Reforma Francisco Campos também impulsionou vários debates, principalmente em relação à organicidade do curso secundário, sendo que a divisão em dois ciclos havia sido consolidada. “Quanto ao currículo, adotou uma clara opção pelos estudos científicos fixando uma distribuição mais equilibrada entre matérias literárias e científicas.” A questão era a permanência dos estudos clássicos e o advento de uma cultura científica, contudo o núcleo da discussão eram os rumos de uma formação baseada em uma cultura geral. (SOUZA, 2009, p. 77)

A cultura clássica humanística era bem aceita entre a elite letrada. Em oposição, estavam aqueles que defendiam uma cultura mais científica, pensando em uma formação mais ampla, a qual pudesse modernizar a sociedade brasileira. Desde o início do século, esse debate vinha refletindo na formulação dos currículos, ainda que esses reflexos tenham sido tênues:

Nas primeiras décadas republicanas a cultura literária prevalecente no ensino secundário foi redefinida no Brasil, mas sem alterar seus fundamentos básicos. Apesar da ampliação gradativa do número de aulas das matérias científicas e da existência de gabinetes e laboratórios para o ensino das ciências nos poucos colégios públicos e nos grandes colégios particulares, a ênfase do currículo continuou recaindo sobre as humanidades. (ZANCUL; SOUZA, 2012)

A efetivação da Reforma Francisco Campos muda o papel da área científica no currículo do curso secundário. Até aquele momento o secundário havia sido um curso transitório, e essa nova legislação, do início do Estado Novo, pretendia modificar-lhe o caráter, tornando-o formativo.

Pela primeira vez, a área de Ciências estava representada em todas as séries do ciclo fundamental, nos dois primeiros anos com a disciplina Ciências Físicas e Naturais, que constituía um novo componente curricular e, nos três anos seguintes, com Física, Química e História Natural. (ZANCUL; SOUZA, 2012)

A partir da publicação dos programas oficiais ampliou-se o entendimento das finalidades de cada matéria, apontadas na reforma. As proposições metodológicas ficaram mais explícitas, o que favorecia, de certa forma, a padronização dos métodos a serem seguidos. Os conteúdos eram explicitados nos programas de maneira abrangente e as matérias da área científica eram acompanhadas de orientações metodológicas, que entre outras, “preconizavam o uso do laboratório, recomendavam procedimentos para que fosse evitada a memorização, falavam em aplicações na vida cotidiana do aluno e na participação deste aluno”. (ZANCUL; SOUZA, 2012, p. 5)

Na formulação de tais programas, a experimentação tinha uma importante função metodológica, principalmente no ensino das ciências físicas e naturais, onde as demonstrações realizadas pelo professor ganhavam destaque. Para as duas primeiras séries os conteúdos de física, química e história natural estavam compactados²² e deveriam ser ensinadas noções gerais. (ZANCUL; SOUZA, 2012)

Essas transformações percebidas no currículo do ensino secundário, principalmente nas três primeiras décadas do século XX, são importantes para pensar na fundamentação da valorização do patrimônio material do Ginásio Paranaense, intensificada, sobretudo, a partir da década de 1920, conforme análise presente no terceiro capítulo.

1.1.2 O regime de equiparação e as melhorias na estrutura física do Ginásio

No início do século XX, o ensino secundário era, portanto, um conjunto de estudos preparatórios que ofereciam conteúdos científicos e literários, e também preparavam os estudantes para os exames parcelados. Esses eram realizados semestralmente, e a aprovação nos mesmos permitia a entrada nos cursos superiores. (DALLABRIDA, 2001)

Uma das questões advindas da Reforma Benjamin Constant, de 1890, é a uniformização do ensino secundário do país a partir da organização de um ginásio modelo: o Ginásio Nacional, principal instituição de ensino secundário da capital federal. A questão da equiparação, em diversas cidades brasileiras, constituiu-se como um problema para os ginásios. No Ginásio Paranaense a questão não foi diferente, tendo sido vista muitas vezes como um fardo. A equiparação tinha por objetivo a unidade do ensino secundário em nível nacional, trazendo consigo medidas fiscalizadoras, mas não eliminando os exames parcelados de preparatórios. Até a década de 1930 não foi possível alcançar a desejada uniformização, tampouco eliminar o sentido imediatista desses exames, os quais foram substituídos pelo exame de madureza. (RANZI; SILVA, 2004)

O primeiro processo de equiparação do Ginásio durou cinco anos, tendo ocorrido a oficialização em 1905 pelo Decreto Federal n. 5742. Nos relatórios do Diretor Geral da Instrução Pública pode ser observado o “dilema legislativo” em torno desta questão, pois a maioria dos alunos preferia os exames parcelados. (RANZI; SILVA, 2004)

Um paralelo pode ser estabelecido entre este processo de equiparação e a construção da sede própria do Ginásio Paranaense, inaugurada em 1904. Pois o regime de equiparação,

²² Criação da cadeira de Ciências Naturais.

imposto pelo governo republicano, legitimou algumas reivindicações dos diretores da instrução pública do Paraná, os quais respondiam diretamente pela direção do Ginásio. No ano de 1902, o Diretor Geral da Instrução Pública Vitor do Amaral conseguiu autorização, após vários pedidos, para a construção de uma nova sede para o ensino secundário da capital paranaense.

Foram identificadas diversas reclamações quanto à precariedade da estrutura física da instituição, principalmente a partir da década de 1890. Como exemplo, cito trecho do relatório do então Superintendente de Ensino, Vitor Ferreira do Amaral e Silva, do ano de 1894, no qual também solicita um inspetor de alunos para manter a ordem interna:

Para o bom andamento do Gymnasio não cessarei de repetir que é imprescindível a ampliação de seu edificio e a nomeação de um inspetor de alumnos para vigiar a manutenção da ordem no interior do estabelecimento. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1894).

No relatório do ano anterior, o mesmo superintendente, ao discorrer sobre o primeiro ano de funcionamento do novo curso secundário, já aponta alguns problemas estruturais. Um exemplo é o fato das aulas de desenho e música não poderem ser ministradas a contento, por não existirem salas e condições apropriadas:

O edificio em que funccionam estas duas instituições com a Secretaria da Superintendencia Geral do Ensino, sito á rua do Aquidaban, é extremamente exiguo, de sorte que no corrente anno foi feito com bastante difficuldade o horario das aulas, de modo a se harmonisarem os interesses dos alumnos das diversas disciplinas. Em meu officio número 32, de 28 de janeiro último, indiquei ao Governo a necessidade urgente e inadiavel de augmentar-se este edificio, lembrando a conveniência de levantar-se um sobrado sobre o prédio atual, o que me parece não será muito dispendioso. Reitero aqui o meu pedido sobre a urgência de augmentar-se esse edificio, esperando que o Governo providencie sem demora, portanto é impossivel no proximo anno funcionarem todas as aulas do Gymnasio sem esse augmento ou mudança para outro predio mais espaçoso. (...) A aula de dezenho não pôde funcionar como era de desejar por falta de uma sala apropriada com todas as condições opticas. O mesmo aconteceu com a aula de musica, por falta de sala propria onde se pudesse collocar um piano, tão necessario ás explicações do professor e ao aproveitamento dos alumnos. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1893).

A adoção do currículo do Ginásio Nacional ocorreu, segundo Vitor do Amaral, apenas na teoria, pois grande parte das prescrições não poderia ser realizada por falta de condições materiais. A reforma do prédio era o que estava sendo requisitado em caráter emergencial. O superintendente afirma ainda que todas as cadeiras estavam preenchidas, com exceção da cadeira de grego, para a qual não havia sido liberada verba. Com o programa montado e as cadeiras

preenchidas, era de entendimento de Amaral, que o Governo do Estado solicitasse junto ao Governo da União as vantagens do art. 38, do decreto 981 de novembro de 1890, da Reforma Benjamim Constant, o qual garantia aos ginásios dos estados que seus exames de madureza valeriam para ingresso nos cursos superiores do país, desde que seus planos de estudo estivessem de acordo com o do Ginásio Nacional.

Ainda neste relatório (1893), o Superintendente Geral do Ensino trata da biblioteca pública, a qual se encontrava provisoriamente em uma sala da Câmara Municipal, devido à falta de espaço junto a Secretaria da Instrução no prédio do Ginásio Paranaense, onde havia funcionado desde sua criação. Afirmava ter entregado um plano de reforma prevendo o aumento do edifício, e este plano pretendia transformar o imóvel em um sobrado, aumentando o número de salas e, permitindo a montagem de uma sala destinada à biblioteca pública, a cujo acervo pertencia pouco mais de três mil livros.

No relatório do Secretário do Interior, Caetano Alberto Munhoz, enviado ao Governador do Estado, Francisco Xavier da Silva, no ano de 1895, estão presentes várias gravuras de edificações públicas, as quais estavam sendo construídas ou reformadas. Outras imagens representavam prédios públicos diversos. Dentre estas, há várias escolas, como a Escola Tiradentes da Capital e a Escola Faria Sobrinho de Paranaguá. A autorização para a construção dessas escolas era de 1887 e no ano do relatório elas estavam sendo inauguradas. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1895)

A construção dessas casas escolares era motivo de orgulho para os governantes, e o tom do relatório é de dever cumprido em relação à instrução elementar, ou primária. Contudo, não se pode esquecer que nos discursos dos governantes, a educação sempre se constitui como prioridade, mas muitas vezes esse fato não ultrapassa as barreiras do discurso.

Em relação ao ensino secundário, no entanto, as condições prediais continuam a ser lamentadas. Em 1896, o Secretário do Interior Justiça e Instrução Pública, Antonio Augusto de Carvalho Chaves, escreve sobre a questão sucintamente: “Está organizado e funcionando regularmente o Gymnasio Paranaense, sendo de lastimar apenas o acanhado do prédio de que se serve, por se achar também installada ahí a Escola Normal.” (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1896) Ou ainda, em 1897:

É para lamentar que o edifício onde simultaneamente funcionam a Escola Normal e o Gymnasio tenha proporções demasiado acanhadas, impedindo assim que se proceda convenientemente a separação dos alumnos de um e outro instituto. Chamo a vossa lúcida atenção para este ponto, que julgo importante. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1897)

Neste caso, o argumento principal era da urgente necessidade de separação entre os alunos dos dois cursos. Entende-se que tal separação refere-se tanto às aulas em si, quanto aos espaços de circulação que eram comuns. Na nova sede, essas questões receberam outro tratamento, no entanto, não deixaram de constituir um problema, conforme análise feita no capítulo seguinte.

Em 1902, no relatório apresentado ao Secretário do Interior, Octávio Ferreira do Amaral e Silva, o Diretor Geral da Instrução Pública, Vitor Ferreira do Amaral e Silva, afirma que a ideia de aumentar o prédio fora abandonada e que a planta de um belo e elegante palacete já havia sido feita, conforme segue:

O Gymnasio Paranaense com a Escola Normal annexa continuão a funcionar no primitivo predio da rua do Aquidaban, excessivamente acanhado e insufficiente para os altos misteres a que se destina. Se prestou bons serviços no tempo do Lycêo provincial, não se coaduna mais esse vetusto edificio com o actual desenvolvimento d'este Estado; por isso é urgente reformat-o ou substituil-o. O plano para aproveitar as suas paredes para construção de um sobrado foi posto à margem, porque ellas, para isso, não apresentarão a solidez necessaria, segundo a opinião de profissionaes, que, a meu pedido, as inspeccionarão attentamente. É pois de urgente necessidade a construção de um edificio apropriado em outro local mais amplo. (...) A planta, a meu pedido, feita obsequiosamente pelo distinto engenheiro Dr. Affonso Teixeira de Freitas e já submetida a aprovação do Governo, é de fácil execução. É, de um bello e elegante palacete de vastas accomodações para os cursos do Gymnasio e da Escola Normal, podendo mais tarde servir até para uma academia. Só depois de mudado o Gymnasio Paranaense para uma casa mais espaçosa é que se poderá cogitar de montar um laboratório de physica, chimica e historia natural, auxiliar indispensavel para o estudo profícuo dessas sciencias, que não pode continuar a ser feito de um modo abstrato como actualmente. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1902)

Neste mesmo ano, no relatório enviado ao governador do estado, Francisco Xavier da Silva, o secretário Otávio do Amaral, ao discorrer sobre o novo edifício, afirma a preferência dada ao Ginásio:

O Gymnasio e Escola Normal, estabelecimentos impropriamente anexos, funcionam ainda no velho prédio da rua Aquidaban, sem as necessárias condições para o fim a que está servindo. Tem, porem, o governo já prompta a planta do vasto edificio, cujas obras começarão breve, destinado especialmente ao Gymnasio. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1902)

A opinião de que os estabelecimentos eram impropriamente anexos transpareceu na maioria dos relatórios analisados, até a questão ser resolvida, em 1923, com a construção de uma sede própria para a Escola Normal. No entanto, o que se reivindicava com urgência,

naquele momento, era a construção de uma sede com proporções físicas que pudessem abrigar todas as atividades anexas ao Ginásio Paranaense. Na citação acima, o secretário deixa claro que o prédio seria destinado especialmente ao Ginásio, ficando assim subentendido que outra edificação deveria ser providenciada para o ensino normal.

No ano de 1903 houve um aumento considerável das matrículas do Ginásio. O aumento é relatado ao Secretário pelo Diretor da Instrução. Contudo, de todos os alunos matriculados, apenas quatro eram para o curso regular, sendo o restante dessas matrículas para os preparatórios. Ou seja, 92 matriculados (dos 96) eram somente para os preparatórios avulsos. Ainda assim, é destacado o aumento da procura, que em 1902 foi de 44 alunos, passando aos 97 matriculados no ano de 1903. (PARANÁ, *Relatório de governo*, 1903)

A permissão concedida pelo governo federal, para a permanência dos exames parcelados, é apresentada como principal empecilho para a consolidação do curso regular do Ginásio, pois aos alunos dos parcelados não interessava cursar todas as matérias. Mesmo não tendo sido apresentado nesses termos, um dos problemas que provocava a não adesão dos alunos ao curso regular do ginásio, era a falta de estrutura adequada ao funcionamento do curso. Em relação a esta questão, o Diretor Vitor do Amaral, manifesta-se trazendo a equiparação para o centro da discussão:

(...) para que esse curso regular complete a sua modelação pelo Gymnasio Nacional, e seja a elle equiparado, necessita de alguns melhoramentos, cujo principal é a criação de um gabinete de historia natural e um laboratorio de physica e chimica. O estudo puramente theorico destas ultimas sciencias, como é feito actualmente, é quasi completamente improficuo, sobrecarregando indigestamente a memoria do alumno de uma serie de noções abstratas, cuja applicação elle difficilmente poderá comprehender. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1903)

O nivelamento do Ginásio Paranaense ao congênere nacional, apesar de ser destacado pelo Diretor Geral da Instrução Pública, não era o fator mais importante para que os alunos procurassem matricular-se no curso regular do Ginásio. Acredita-se que o interesse da maioria dos matriculados nos preparatórios era ingressar nos cursos superiores, e não havendo nenhuma obrigatoriedade de cursar o ensino secundário completo, não o faziam.

No relatório de 1903, Vitor Amaral deixa claro que a construção do novo prédio havia sido aprovada, sendo a pedra fundamental lançada em 3 de março daquele ano, na presença das autoridades do Estado. A necessária separação entre os cursos ginásial e o normal poderia finalmente acontecer, a qual era “reclamada ha muito tempo em proveito dos alumnos de ambos os cursos”. (PARANÁ, *Relatório de governo*, 1903)



Figura 5: Sexta sede do Gymnasio Paranaense. Data atribuída: 1904. Acervo CM-CEP.

O edifício (Figura 5), inaugurado em fevereiro de 1904, possui beleza e imponência consideráveis, sobretudo se comparado com as sedes anteriores. Porém, as condições materiais continuaram, por longo tempo, sendo motivo de reclames de superintendentes e diretores da instrução pública.

Em relatório de dezembro de 1904, o Diretor da Instrução Pública, Reinaldo Machado, discorre sobre a mudança para o novo edifício, a distribuição das salas, a devida separação de espaços entre os gêneros, sendo que os alunos e alunas iriam misturar-se apenas durante as aulas. A irregularidade, contudo, ainda era uma realidade e, o fato que mais incomodava o diretor, era a falta da equiparação ao Ginásio Nacional, o que continuava sendo cobrado do governo:

O Curso do Gymnasio só teve um estudante matriculado, as aulas são freqüentadas por numerosos candidatos aos exames parcelados de preparatorios. Isto explica-se pelo facto de não ser ainda equiparado ao Gymnasio Nacional o nosso estabelecimento de instrução secundaria, de modo que o seu curso não oferece ainda aos estudantes as vantagens da lei. É uma medida que o governo deve obter o mais breve possível, para regularidade do nosso principal instituto de ensino. Para isso será necessaria a aquisição de Laboratório de Physica e Chimica e Gabinete de

Historia Natural, que tem feito sensível falta para o ensino pratico dessas sciencias, não só aos alumnos do Gymnasio, como aos da Escola Normal. Também nota-se a necessidade de mappas muraes e espheras para o ensino de Geografia e Historia, aparelhos para o ensino de Cosmographia, assim como material necessario para a instalação de um pequeno museo pedagogico. O mobiliario do Gymnasio é defficiente, convindo melhora-lo de modo a não offerecer constraste com a imponencia do edificio. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1904)

Em comparação à citação anterior, percebe-se que a demanda por espaços e materiais era a mesma. De acordo com o discurso do diretor nesse relatório, a construção de um novo edifício para o ensino secundário da capital não resolvia todos os problemas desse curso. De um ano pra o outro, as condições especiais exigidas não se restringiam às disciplinas de história natural, física e química, também se estendiam às de geografia, história e cosmografia. O apelo ao aspecto prático do ensino é latente, ao menos no discurso dessas autoridades ligadas ao ensino paranaense, o que demonstra estarem atentos às ideias circulantes, principalmente aquelas relacionadas à chamada Escola Nova.²³

A modernização das condições físicas do ensino secundário público da capital paranaense insere-se em contexto de melhorias físicas desejadas para a capital por seu grupo dirigente. A partir da primeira década do século XX foi iniciada uma série de reformas na cidade, porém o conceito de reforma foi recebendo sentidos diversos no decorrer dos anos. (CUNHA FILHO, 1998). As reformas na cidade de Curitiba começaram a ganhar volume no segundo mandato do engenheiro Cândido de Abreu (1913-1916) como prefeito da cidade.²⁴

1.2 A ESCOLA NA CIDADE

²³ Também conhecido como movimento de renovação pedagógica ou Escola Ativa, caracteriza-se como um movimento educacional iniciado na Europa, na segunda metade do século XIX. No Brasil, essas ideias começaram a ser divulgadas no início do século XX e ganharam corpo com as Reformas Educacionais da década de 1920. Os princípios básicos são a valorização da experiência e os métodos ativos de ensino, nos quais a criança atua diretamente. (PERES, 2001) Mesmo estando voltadas especialmente para a instrução primária, essas ideias acabaram sendo reproduzidas, tanto para o curso normal quanto para o secundário. Percebe-se nas falas dos diretores a valorização intensa da experimentação, principalmente relacionada ao ensino das ciências.

²⁴ Segundo Bencostta (2010), Cândido de Abreu é considerado o primeiro urbanista da cidade de Curitiba, sendo o responsável pelo edifício do Grupo Xavier da Silva, de 1903, o primeiro grupo escolar do Paraná. Trabalhou como Secretário de Obras Públicas (1887-1889) no primeiro mandato do governador Francisco Xavier da Silva. Foi o primeiro prefeito eleito da cidade de Curitiba, em 1892, e seu segundo mandato a partir de 1913 foi interrompido pela sua morte em 1916. Quanto às mudanças na paisagem urbana destaca-se o ecletismo representado pelos sobrados, palacetes e solares dos comerciantes ervateiros no início do século XX, pois os escritórios de engenharia adotaram essa que parecia ser a tendência que vinha do mundo civilizado. “Dentre esses arquitetos e engenheiros, encontramos Cândido de Abreu e sua contribuição para à constituição da herança do ecletismo curitibano, em especialmente, nas residências que projetou para amigos e parentes da elite da capital paranaense.” (BENCOSTTA, 2010, p. 244)

Curitiba, no final do século XIX, era uma cidade em fase inicial de urbanização e modernização dos serviços públicos. Uma das metas empreendidas pela sociedade paranaense, sobretudo pela elite curitibana, era a elevação da capital à condição de metrópole, aos moldes das mais urbanizadas capitais europeias, sendo a cidade de Paris a principal inspiração. Para tanto eram desejadas avenidas grandes e largas, calçamentos de paralelepípedo, ruas arborizadas, praças com jardins, monumentos arquitetônicos e espaços de lazer. (CAPRARO; et. al., 2010)

No entanto, para o período analisado, é preciso ter clareza que, quando utilizamos o termo urbanização em relação à cidade de Curitiba, estamos tratando de uma cidade que começava a receber calçamento de paralelepípedo e palacetes suntuosos na região central, mas este centro era rodeado de chácaras e colônias de imigrantes. As construções da cidade, mesmo aquelas localizadas no centro, eram muito simples, e os comércios eram escassos, concentrando-se na Rua XV de Novembro.

Os casebres, o aspecto ainda rural da cidade, os comerciantes perambulando pelo centro com suas carroças, e também as ruas enlameadas, constituíam o cenário de crítica da elite local que, a exemplo de grupos dirigentes Brasil afora, desejava estar à altura das elites europeias, imitando-lhes a estética e o estilo de vida. Nas primeiras décadas do século XX a paisagem urbana do centro da cidade começa a modificar-se, com a proliferação dos sobrados e solares.²⁵

A seguir apresento uma imagem (Figura 6) que representa o aspecto de uma das ruas da região central:

²⁵ Cf. nota 23. Maiores informações sobre esses tipos de construções residenciais ver BENCOSTTA, 2010.



Figura 6: Rua Borges de Macedo, atual Ébano Pereira. Acervo Casa da Memória de Curitiba. Data atribuída: 1905

Ao fundo da imagem é possível ver uma parte da fachada lateral do edifício do Ginásio Paranaense. Portanto, concluímos que esta é a Rua Borges de Macedo, atualmente Ébano Pereira. Mais acima, já podem ser vistas construções mais dispersas umas das outras, ou seja, a poucos metros do prédio a região considerada central já impunha seus limites.

Como o edifício ocupa uma área extensa, no momento em que foi construído destacava-se na região, por ser um palacete e também pela presença da torre e do sino. O destaque do edifício, e a presença do sino, podem ter sido determinantes para que o prédio do Ginásio Paranaense tenha se tornado um ponto de referência na cidade, atentando para o fato do volume desse edifício destacar-se em relação aos demais. Hoje, esta parte da cidade constitui o chamado “Centro Histórico” de Curitiba, o qual concentra parte das construções mais antigas da capital paranaense.

A exploração do mate, da madeira e do café proporcionou as manifestações mais evidentes de uma incipiente industrialização no Paraná a partir das décadas finais do século XIX. Essas indústrias mudaram as relações de trabalho existentes, introduzindo o pagamento assalariado e a mão de obra imigrante, além de terem proporcionado a incorporação de novas tecnologias. A importância da erva-mate para a história do Paraná foi, dessa forma, a definitiva introdução das relações capitalistas de produção, contribuindo para a criação de uma burguesia industrial de origem paranaense e também integrando uma considerável parcela da população ao processo de produção. (OLIVEIRA, 2001)

A construção da Estrada da Graciosa e da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, na década de 1880, foi determinante para o crescimento da atividade da indústria do mate em construção, facilitando o transporte até o porto de Paranaguá e abrindo também novas possibilidades para a exploração da madeira. A prosperidade era simbolicamente trazida pelo trem, proporcionada pela indústria, pela extração e beneficiamento da madeira e pela exportação do mate para a região platina. (OLIVEIRA, 2001)

As construções da capital paranaense precisavam simbolizar esta prosperidade. Para tanto, as famílias ricas passavam a residir no centro da cidade, em palacetes e sobrados. Curitiba iniciava, em fins do XIX, o processo de ocupar a centralidade econômica, política e cultural da província do Paraná. O embelezamento da cidade, através da reordenação arquitetônica, seria prioridade, não apenas na capital, mas em todas as cidades prósperas do Estado. Curitiba era considerada um modelo para o resto do estado, passando, assim, a ser cenário de iniciativas higienistas e aprimoramento de várias instituições, nas décadas iniciais do século XX. (CUNHA FILHO, 1998)

Em um ambiente ainda tradicional, a Curitiba do início do século XX, certa dualidade entre o novo e o antigo podia ser observada. Todos queriam o moderno, mas alguns aspectos incomodavam a sociedade conservadora, como o crescimento do número de bordéis e das casas de jogo, que atrapalhava o sossego das “famílias de bem”. O apelo à moralização fazia com que alguns aspectos das mudanças que vinham ocorrendo fossem combatidos. (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001) E a importância da instrução pública estava cada vez mais latente, passando a ser considerada como imprescindível ao convívio urbano.

Com a instalação do regime republicano e as mudanças trazidas pela ideia de modernidade, a educação pública, em todo o Brasil, passa a ser mais discutida pelos intelectuais e pelos governantes. A instrução das crianças passa a ser encarada como essencial para a modernização da sociedade, pois seria o único veículo capaz de incutir novos valores e, desse modo, homogeneizar os costumes da sociedade. Assim, a diversidade cultural e social apresentava-se como um grande incômodo para a sociedade. (VEIGA, 1998)

Nos relatórios dos inspetores gerais de ensino paranaenses estão presentes várias solicitações de construção de edificações específicas para as finalidades do ensino. Em todo período analisado são encontradas solicitações diversas, principalmente das décadas de 1900 a 1920, relacionadas às cidades mais populosas do estado. E várias escolas foram construídas, muitas delas constituindo hoje o patrimônio arquitetônico do estado.

As condições precárias de funcionamento dos prédios escolares, geralmente emprestados ou alugados, começaram a ser questionadas principalmente devido à introdução das ideias higienistas no Brasil: “A presença da doença justificava a emergência de medidas saneadoras e de projeções de prédios escolares higiênicos, considerados como a mais moderna solução para boa parte dos problemas urbanos.” (NUNES, 2003, p. 341)

O destaque da escola pública, percebida através da arquitetura palaciana do início do século XX, simbolizava seu papel privilegiado na cidade, assim como afirmava que a educação na cidade moderna possuía um local específico. A organização de todo o espaço urbano está permeada por objetivos pedagógicos, pois a cidade moderna deveria simbolizar a técnica e o progresso. Os discursos urbanistas eram pautados nos princípios da civilidade e da organização racional do espaço e, portanto, as novas construções deveriam transmitir estes princípios. (VEIGA, 1998)

Um importante exemplo da atuação do poder público republicano é a Escola Normal da Praça, estabelecimento de ensino muito valorizado da capital paulista. A Praça da República é concebida junto ao edifício da Escola Normal para se exaltarem mutuamente:

O edifício recém-inaugurado está carregado de simbolismo latente: predomínio da ciência sobre a fé, organização racional do espaço físico e social, porvir fulgurante e vitória da ordem e do progresso sobre as forças caóticas. Em síntese: força, poder e otimismo estão reunidos simbolicamente nessa obra da arquitetura. (MONARCHA, 1999, p.190)

Monarcha (1999) ressalta a aparência europeia do edifício (Figura 7) e o ar palaciano que lhe conferem simbolicamente a representação do mundo moderno, do progresso, da civilização e da técnica. O prédio possuía um museu de história natural, gabinete de física e laboratórios de química, e ainda oficinas de carpintaria, modelagem e câmaras escuras para experiências de ótica.



Figura 7: Fachada Lateral da Escola Normal de São Paulo. Fonte: Portfólio de Ramos de Azevedo – Acervo Condephaat.

A distribuição de espaços e a organização interna do edifício demonstram a intenção de exercer maior controle sobre alunos e professores. (MONARCHA, 1999) “Fachada gloriosa, interior imponente e transparente despertaram sentimentos de devoção. A Escola Normal de São Paulo transforma-se em edifício de culto a um poder que exprime força e vitalidade: a República.” (BENCOSTTA, 2007, p. 123)

Ainda, segundo Bencostta (2007),

A escala monumental, a elegância severa e a sobriedade na decoração do edifício seguem reciprocidade entre grandeza dimensional e grandeza moral: a arquitetura transforma-se em pedagogia eloquente que ensina aos indivíduos os princípios da sociedade moderna. Dessa maneira, os instituidores da República acrescentam imagens às ideias. Entretanto, esses sujeitos que declaram sua rejeição ao passado monárquico optam por um estilo do passado para expressar visualmente seus valores modernos. (BENCOSTTA, 2007, p. 123)

Bencostta (2007) refere-se à utilização do estilo eclético na construção da Escola Normal de São Paulo (Figura 7). Tal fato demonstra que os novos valores ainda estavam sendo materializados através de conceitos antigos.

Apesar de alguns casos “exemplares” de atuação e investimento do poder público, como é o caso da Escola Normal da Praça da República, durante muito tempo o grande problema ou empecilho do ensino público no Brasil foi a alegação de falta de condições financeiras dos cofres públicos. Um dos principais reflexos desse problema era a falta de construções adequadas para as atividades de ensino. (VIDAL e FARIA FILHO, 2000)

A necessidade de investimento, na construção de prédios próprios às atividades de ensino, predominou como consenso dos governos das províncias, apesar de haver certo distanciamento entre os discursos e os reais investimentos dos poderes públicos. Nas falas das autoridades, a instrução representa um dos principais pilares civilizatórios. (BENCOSTTA, 2005)

A construção de um edifício, para sediar o ensino secundário, era uma resposta aos apelos dos Diretores da Instrução da Província do Paraná, pois o problema de um local adequado para a instrução secundária da capital existia desde os tempos do Liceu. Quando foi construído, o prédio do Ginásio Paranaense atendeu à demanda de infraestrutura daquele estabelecimento, naquele momento o único representante do ensino secundário público de Curitiba.

2 A CONSOLIDAÇÃO DE UM LUGAR PARA O ENSINO SECUNDÁRIO PÚBLICO CURITIBANO

2.1 A IMPORTÂNCIA DO EDIFÍCIO-ESCOLA

De acordo com Viñao (2001) um espaço, quando utilizado e ocupado, transforma-se em um lugar, pois o espaço pode ser projetado e imaginado, já o lugar deve ser construído. O espaço é conservador de um tempo comprimido, é através dele que encontramos os vestígios da duração de determinado tempo, pois a memória não registra a duração concreta. Assim, a escola enquanto instituição ocupa tanto um espaço quanto um lugar: um espaço projetado para um uso específico e um lugar ocupado e utilizado.

Nessa perspectiva, a escola está sendo concebida como lugar, com uma configuração arquitetônica, disposição interna e funções peculiares. Esse espaço, além de peculiar, é relevante como um espaço que socializa e educa e, portanto, ordena todos os sujeitos e objetos que ocupam tal espaço. (VIÑAO, 2001)

Ressaltamos que determinados espaços escolares são concebidos pensando na disciplinarização dos corpos e comportamentos, porém nem todos os projetos arquitetônicos das escolas demonstram tal preocupação. Contudo, de acordo com Marques (2003), o espaço escolar, por ser influenciado por fatores internos e externos, torna-se campo de estudo privilegiado das relações institucionalizadas de poder, “(...) entendendo o espaço escolar como uma construção socialmente materializada (...) procurando os nexos entre a arquitetura, o currículo e o poder.” (MARQUES, 2003, p. 10)

Analizando as produções sobre a arquitetura escolar, no âmbito dos trabalhos de história da educação no Brasil, é possível perceber que parte substancial dos mesmos está relacionada ao ensino primário, o que não se diferencia no tocante às pesquisas que envolvem a cultura material da escola. Todavia, algumas investigações sobre arquitetura de instituições de ensino secundário²⁶ vêm sendo realizadas, o que torna mais fértil o diálogo sobre a

²⁶ No artigo: PESSANHA, E. ARRUDA, A. M. V. Arquitetura escolar de ‘escolas exemplares’ em quatro cidades brasileiras: expressão de projetos de modernização e escolarização de 1880 a 1954. **Cadernos de História da Educação** – n. 7 – jan./dez. 2008, são analisadas quatro escolas consideradas ‘exemplares’, dentre as quais duas são de ensino secundário: o Ginásio Mineiro e o Liceu de Humanidades de Campos. Ainda, destacamos os trabalhos da pesquisadora Ana Paula Pupo Correia, que no ano de 2004 concluiu dissertação de mestrado analisando várias instituições curitibanas entre as décadas de 1940 e 1950, dentre as quais se destaca o Colégio Estadual do Paraná: CORREIA, A. P. **História e arquitetura escolar: os prédios escolares públicos de Curitiba 1943-1953**. Mestrado em Educação, UFPR, 2004. Em sua pesquisa de doutorado (2013), Ana Paula Pupo Correia analisou três Escolas Normais paranaenses construídas na década de 1920, em Curitiba, Ponta

educação brasileira do ponto de vista de sua materialidade. São priorizadas nessas pesquisas as relações entre urbanização e escolarização, ou seja, a escola inserida no contexto urbano.

Nesses trabalhos, os edifícios escolares foram estudados como elementos da cultura dessas escolas e como expressão da relação entre os processos educativos e os de urbanização. Os prédios das instituições analisadas aparecem como o principal símbolo da exemplaridade dessas escolas, demonstrando a intenção de destacá-las no cenário local. O principal exemplo é o caso do Colégio Estadual do Paraná, analisado por Ana Paula Pupo Correia. Esta é a instituição secundária que descende do Ginásio Paranaense, recebendo aquele nome desde 1943. O prédio, inaugurado em 1950, até hoje se destaca no cenário urbano curitibano e demonstra a representação dada à principal instituição secundária da capital durante o Estado Novo, período em que foi aprovada a construção, que levou sete anos para ficar pronta, desde a aprovação do primeiro projeto.

Segundo Souza (1998), o período em que foram constituídos os grupos escolares paulistas coincide com aquele em que foi construída uma nova identidade para a escola primária, principalmente através da ideia de que a mesma deveria funcionar em local adequado e principalmente próprio. Em fins do século XIX, nos discursos educacionais, a escola passa a ser concebida como um espaço especializado, não mais uma ideia, uma abstração, que muitas vezes se confundia com o ensino. A escola deveria representar o lugar da educação, onde valores são transmitidos:

O edifício-escola deveria exercer, portanto, uma função educativa no meio social. Além disso, estabelecer a correspondência entre a importância da escola e o espaço ocupado. Deveria ser um fator de elevação do prestígio do professor, um meio de dignificar a profissão e provocar a estima dos alunos e dos pais pela escola. (SOUZA, 1998, p. 123)

Com a implantação dos grupos escolares, surgiu uma nova distribuição de poder dentro da escola, assim como também surgem novas concepções arquitetônicas, ou seja, de organização do espaço escolar. A especialização dos espaços estava pautada na pedagogia moderna que exigia novos ambientes como bibliotecas, museus, laboratórios, pátios, auditórios, ou seja, ambientes com certa especificidade. (SOUZA, 1998)

Ao pensar os grupos escolares curitibanos, Bencostta (2005) afirma que a experiência paulista serviu de modelo para a constituição dessa modalidade de escola primária. Entre a

intelectualidade paulista, o tipo ideal de escola primária era pautado em princípios modernos, devendo demarcar seu lugar em oposição à escola do período imperial. (BENCOSTTA, 2005)

No Brasil, no período republicano, a educação primária inicia um processo de busca por padrões de racionalidade, fundamentando-se na classificação dos alunos, na organização de uma jornada escolar e na implantação de planos de estudos. (SOUZA, 1998) O mesmo não pode ser afirmado em relação ao ensino secundário, categoria de ensino para a qual não se identifica uma padronização e organização clara, até as medidas centralizadoras do Estado Novo. No caso do Paraná, quando analisamos os relatórios da instrução, percebemos a preocupação em relação a essa falta de regularidade do ensino secundário.

Em relação aos ginásios, a racionalização está vinculada com as tentativas de implantação do regime de equiparação ao Ginásio Nacional, conforme exposto no capítulo anterior. Contudo, em termos de projetos arquitetônicos, não se observa o estabelecimento de um padrão para as instituições de ensino secundário.

Segundo Ranzi (2006), foram várias as tentativas de estabelecer uma rotina de estudos no Ginásio Paranaense, incluindo, currículo seriado, frequência diária em um mesmo espaço, e também o estabelecimento de um tempo escolar, sendo que tal regularidade levou umas três décadas para ser absorvida e praticada.

O reclame da separação entre os cursos (secundário e normal), que possuíam finalidades distintas, estava relacionado a esta questão da regularidade, pois a requerida separação seria vantajosa para o conjunto da instrução do estado. Segundo o Diretor Geral Reinado Machado: “Os programmas tem de ser diferentes, as matérias a ensinar precisam ser outras, os métodos de ensino também não devem ser os mesmos. Essa medida se torna indispensavel, caso se queira obter professores aptos para o fim a que se destinam.” (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1904)

Através do conteúdo desse relatório referente ao funcionamento no ano de 1904 concluímos que o novo prédio não resolveu todos os problemas estruturais da convivência das duas instituições. A requisitada separação total dos cursos não podia ser realizada, segundo este e outros diretores que o sucederam, por não haver número suficiente de docentes para atender às duas demandas.

De acordo com as memórias de América da Costa Sabóia (1978), normalista na década de 1910, as matrículas do Ginásio e Escola Normal não eram muito volumosas, o que possibilitava a frequência conjunta às aulas. E a convivência das duas modalidades de ensino

foi um problema para as autoridades durante todo o período em que permaneceram no mesmo local.

Quanto à especialização dos espaços, no contexto do Ginásio Paranaense, observam-se constantes pedidos de instalação de laboratórios. Essas solicitações são encontradas nos relatórios enviados ao governo da Província/Estado, principalmente a partir do ano da inauguração do edifício, em 1904. Depois de muitos pedidos, principalmente do lente²⁷ Lysímaco Ferreira da Costa²⁸, os laboratórios de química e física foram organizados no ano de 1910.

Interessante observar que já no final do século XVIII, na França, uma das prescrições materiais mínimas para as escolas centrais de Paris era que existisse, junto a cada escola, uma “biblioteca pública, um jardim, um laboratório de história natural, um laboratório de química e física experimental” (COUER, 2005).

Com essa informação não pretendo defender ideias relativas ao atraso da educação brasileira, ou ainda sugerir o modelo francês como o propagado no período. Ao contrário, apenas chamo atenção para a permanência ou circularidade de modelos pedagógicos através do tempo e do espaço. E ainda, segundo Bencostta (2005),

Foi olhando para a experiência da escola francesa e os discursos elaborados por seus intelectuais da educação, que parte das autoridades de ensino da República brasileira irá procurar se assemelhar de maneira incompleta, especialmente quando propõe a institucionalização da escola graduada. (BENCOSTTA, 2005, p. 97)

Ressalto que existiu no Brasil considerável circularidade de modelos, no entanto, estes modelos não foram transpostos e sim serviram como base ou até mesmo inspiração para arquitetos e gestores públicos. Nos relatórios dos diretores da instrução paranaenses durante as três primeiras décadas do século XX é possível identificar comentários e relatos pontuais de viagens²⁹, feitas por professores e inspetores de ensino, a lugares tidos como referência em

²⁷ Como eram designados os professores concursados.

²⁸ Lysimaco Ferreira da Costa assumiu a cadeira de Física-Química do Ginásio Paranaense em 1906, tendo exercido interinamente as cadeiras de Geometria e de História Natural. Foi também Diretor da Instrução, diretor do Ginásio e da Escola Normal, a partir de 1920, tendo permanecido nestes cargos até 1928, quando assume a função de Secretário da Fazenda, Indústria e Comércio do Estado. Maiores informações: COSTA, M. J. F. **Lysímaco Ferreira da Costa: A dimensão de um homem**. Coleção Mestres da Universidade. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1987.

²⁹ Como exemplo, cito a visita de uma professora normalista paranaense à capital do estado de São Paulo. A viagem, a qual teve a duração de 60 dias, tinha por finalidade o estudo dos métodos pedagógicos utilizados na Escola Normal, bem como nas escolas anexas, Escola Modelo, Escola Complementar e Jardim de Infância. O relatório da normalista Carolina Pinto Moreira está anexado ao relatório do Diretor Geral da Instrução Arthur Pereira de Cerqueira. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1907)

matéria de ensino. Algumas dessas viagens foram feitas ao estado de São Paulo, assim como para as Repúblicas da Argentina e do Uruguai. O referencial francês também aparece explicitamente, através de citações de obras de educadores e pensadores diversos.

No entanto, essa preocupação, condizente a um referencial, aparece mais explicitamente no tocante ao ensino primário, e está relacionada especificamente a métodos de ensino. Quando se analisa o contexto de construção do edifício do Ginásio, em Curitiba, não é possível perceber um modelo arquitetônico a ser seguido. Quanto à disposição interna, o Ginásio Nacional surge como padrão para a organização dos programas de ensino e consequentemente dos espaços especializados, principalmente, os laboratórios de química e física e o museu de história natural.

Nas últimas décadas do século XIX se expressa com maior clareza certa sensibilidade para a necessidade de construção de prédios escolares, ou seja, um local específico escolhido para a escola, dotando-a de uma identidade. Assim, o edifício escolar passa a ter uma identificação arquitetônica que o diferencia dos demais no conjunto dos prédios públicos. (SOUZA, 1998) Entretanto, esta afirmação está relacionada aos prédios escolares destinados ao ensino primário, sendo que o mesmo não pode ser dito em relação ao ensino secundário, o qual ainda não possuía uma identidade arquitetônica no mesmo período.

Discutindo os edifícios escolares construídos para os liceus³⁰ portugueses, Fernando Moreira Marques (2003) enfatiza a morosidade do processo de implantação dos mesmos, pois no início do século XX o liceu ainda não possuía nenhuma identidade arquitetônica. É somente depois de setenta anos de sua criação, que os liceus de Lisboa começam lentamente a possuir espaços arquitetônicos programados, visando à função educativa, especificamente durante o período do Estado Novo³¹.

Nos projetos dos liceus portugueses, construídos no início do século XX, destaca-se a grande especialização dos espaços interiores. Com as Reformas de 1895 e 1905, o liceu das disciplinas deu lugar ao liceu das classes, “criadas as condições pedagógicas para a estabilização e aumento progressivo da sua frequência – o liceu vai emergir inevitavelmente como lugar, como território, como arquitetura.” (MARQUES, 2003, p. 57) O autor ressalta, todavia, que muitos projetos datam do século XIX, porém naquele momento o Estado não possuía condições de concretizar tais projetos, os quais acabaram esquecidos.

³⁰ Denominação genérica para as instituições de ensino secundário portuguesas.

³¹ O Estado Novo português foi um regime autoritário consolidado a partir da Constituição de 1933, o qual teve como líder e fundador, Antonio de Oliveira Salazar, ficando conhecido também como salazarismo. Este regime teve quarenta anos de duração. Maiores informações consultar: ROSAS, F. O Estado Novo (1926-1974). In: MATTOSO, J. **História de Portugal**. Vol. 7. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1994.

Analisando estudo sobre a arquitetura escolar francesa, Ana Paula Pupo Correia (2004) ressalta que, a partir da primeira metade do século XIX, o Estado Francês passou a ditar regras quanto à construção de prédios escolares. Assim, a autora conclui que, a arquitetura escolar francesa foi influenciada por regras impostas pelo Estado, mas também pelo diálogo entre arquitetos e autoridades de ensino, surgindo, a partir daí, uma linguagem atrelada ao pensamento republicano.

No Brasil, apenas na segunda metade do século XIX é que se inicia um processo de maior preocupação com um espaço específico para a escola, ainda que possa ser identificado o lugar da educação já nos colégios jesuítas. No âmbito da educação jesuítica, propunha-se e impunha-se um padrão de comportamento, dentro e fora dos colégios, fator determinante na caracterização desse espaço como lugar. (CORREIA, 2004)

Com base nesses pressupostos, destaco alguns aspectos do edifício analisado, construído para abrigar as instalações de duas instituições públicas de ensino da capital paranaense. O Ginásio Paranaense e a Escola Normal conviveram nesse prédio por dezoito anos e seus alunos foram servidos pelo mesmo corpo docente e administrativo. Por este motivo, algumas questões advindas dessa convivência serão apresentadas.

2.2 O EDIFÍCIO DO GINÁSIO PARANAENSE

Quanto à escolha do local para a construção do edifício do Ginásio, observou-se que a área possuía outros prédios, a maioria com serviços públicos oficiais. Fazem parte das intencionalidades, tanto a modernização local, quanto a visibilidade privilegiada da instituição de ensino mais importante para o estado, até aquele momento. A suntuosidade da edificação também representaria a importância da instrução determinada pela sociedade. (RANZI, 2006)

A imponência do prédio pode ser facilmente sentida ainda hoje, basta passar nas proximidades do centro histórico de Curitiba. Na fachada, o que mais chama atenção do transeunte atento são as colunas e, principalmente, a torre com o relógio. Ao adentrar o prédio a sensação é de mergulhar no tempo, pois encontramos um edifício preservado e restaurado. Logo no saguão de entrada, todo iluminado por uma claraboia, temos um largo espaço de circulação, atualmente utilizado para exposições culturais. As amplas salas, outrora salas de aula, são muito bem iluminadas pela grande quantidade de janelas existentes. A torre é uma experiência à parte, pois é um local escondido e misterioso, onde podem ser vistos os sinos e o mecanismo do relógio, além de proporcionar uma bela vista do centro da cidade.



Figura 8: Postal “Edifício do Gymnasio Paranaense”. Data atribuída: 1910. Acervo CM-CEP.

O edifício do Ginásio Paranaense era constituído de nove salas de aula, incluindo a do Instituto Comercial, instalada em 1906. Havia ainda um amplo Salão Nobre, secretaria, as instalações da Biblioteca Pública, Gabinete da Direção e Sala da Congregação (Figura 9). O saguão de entrada, o qual recebe luz através de uma claraboia, era chamado de pátio interno, local de permanência dos alunos nos intervalos entre as aulas. A direção estava em um local estratégico, do qual se podia visualizar as entradas de todas as salas de aula.

Quanto à metragem do terreno, na escritura³² datada de 1907, os dados encontrados são que o terreno media 33,9m de frente e 37,5m de fundos, não constando maiores informações.³³ A construção possui de área total aproximadamente 2.400m² quadrados e ainda mais 580 m² de área de fundos (salão nobre e pátio). O prédio (Figura 9) era composto

³² A escritura do terreno é de 13 de agosto de 1907, neste documento João Vello e esposa e Antonio Monastier e esposa vendem o terreno para o Estado do Paraná, pelo valor de oito contos de réis.

³³ Na inscrição estadual de tombamento do edifício (n. 58 de 20 de junho de 1977) não há nenhuma informação diferente quanto as medidas do terreno e do prédio, somente são repetidas as informações da escritura.

por treze salas, dentre as quais oito eram salas de aula. O restante do espaço estava dividido entre salas administrativas, salão nobre e pátio interno e externo.

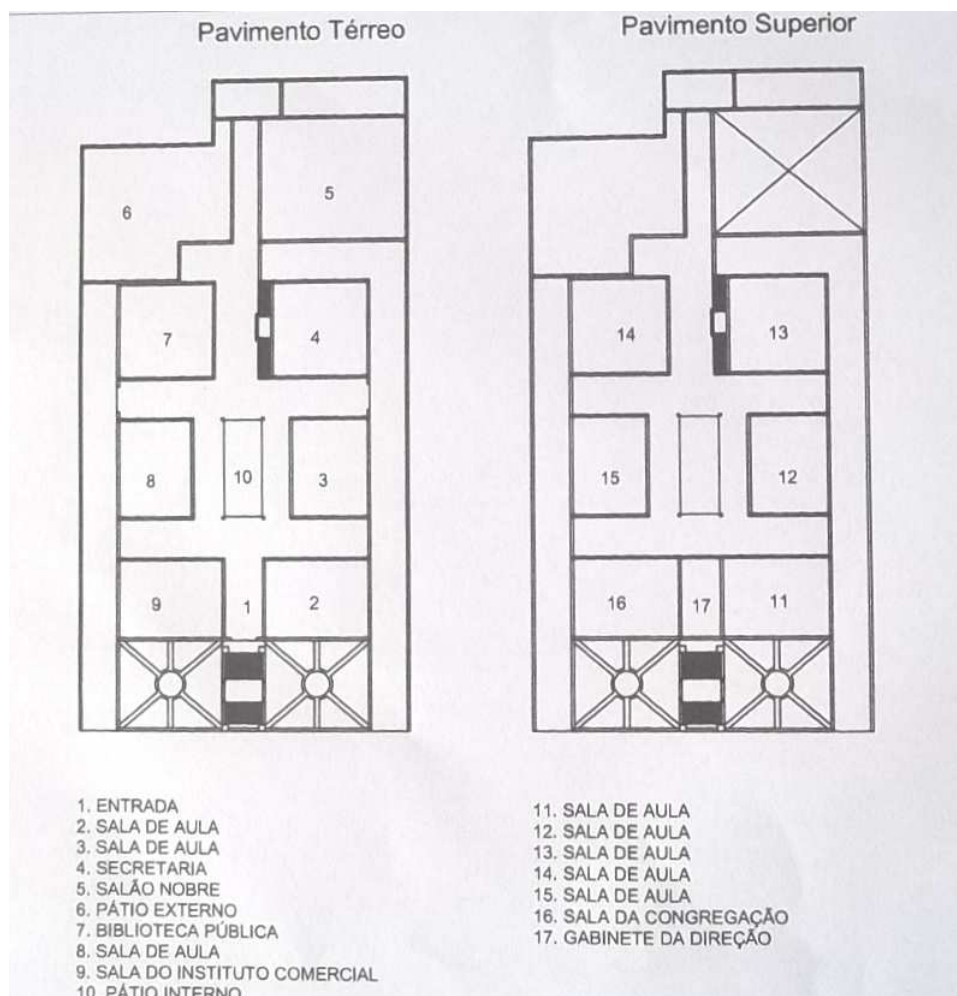


Figura 9: Desenho da planta do Ginásio Paranaense. Referente a 1910.³⁴

A construção foi iniciada em maio de 1903, e o edifício inaugurado em 24 de fevereiro de 1904. Destaco a rapidez com que foi executada a obra para os padrões da época e também devido ao porte da construção. O periódico *Diário da Tarde*, no dia da inauguração, noticiou o ocorrido:

Foi hoje, á uma e meia da tarde, inaugurado o novo prédio do Gymnasio Paranaense e Escola Normal, sito á Rua Borges de Macedo. Usou a palavra o Dr. Cerqueira, que em nome do Dr. Governador, entregou o edifício inaugurado ao Dr. Octavio do

³⁴ Esse desenho foi feito para que os espaços pudessem ser visualizados, porém as informações da legenda, apesar de baseadas nas fontes, não são precisas. Não foram encontrados documentos referentes a plantas e projetos originais.

Amaral, e este, em pequena alocução, entregou ao diretor da instrução pública o referido estabelecimento. Durante a solenidade tocou a banda musical do regimento de segurança. (*O Diário da Tarde*, 24/02/1904)

Cercando todo o terreno vê-se um pequeno muro no qual está colocada uma grade de ferro com lanças pontiagudas. Existem três portões, todos também de ferro, um em cada entrada. A edificação apresenta traços do estilo neoclássico³⁵, mas predominam as características ecléticas. O contexto de construção dessa edificação, fins do século XIX e início do XX, está inserido em um momento de forte filiação eclética em todo o Brasil.

O ecletismo pode ser definido como o uso de diferentes influências arquitetônicas. Cronologicamente o ecletismo substituiu o neoclássico, porém eles coexistiram durante certo tempo. O neoclássico e o eclético podem ser diferenciados da seguinte forma: o neoclássico preocupa-se mais em obedecer às regras de composição do período clássico e do renascimento, já o eclético possui menor rigor e se apropriou dessas regras com mais liberdade e geralmente as utilizou como elemento de decoração. (SUTIL, 2009)

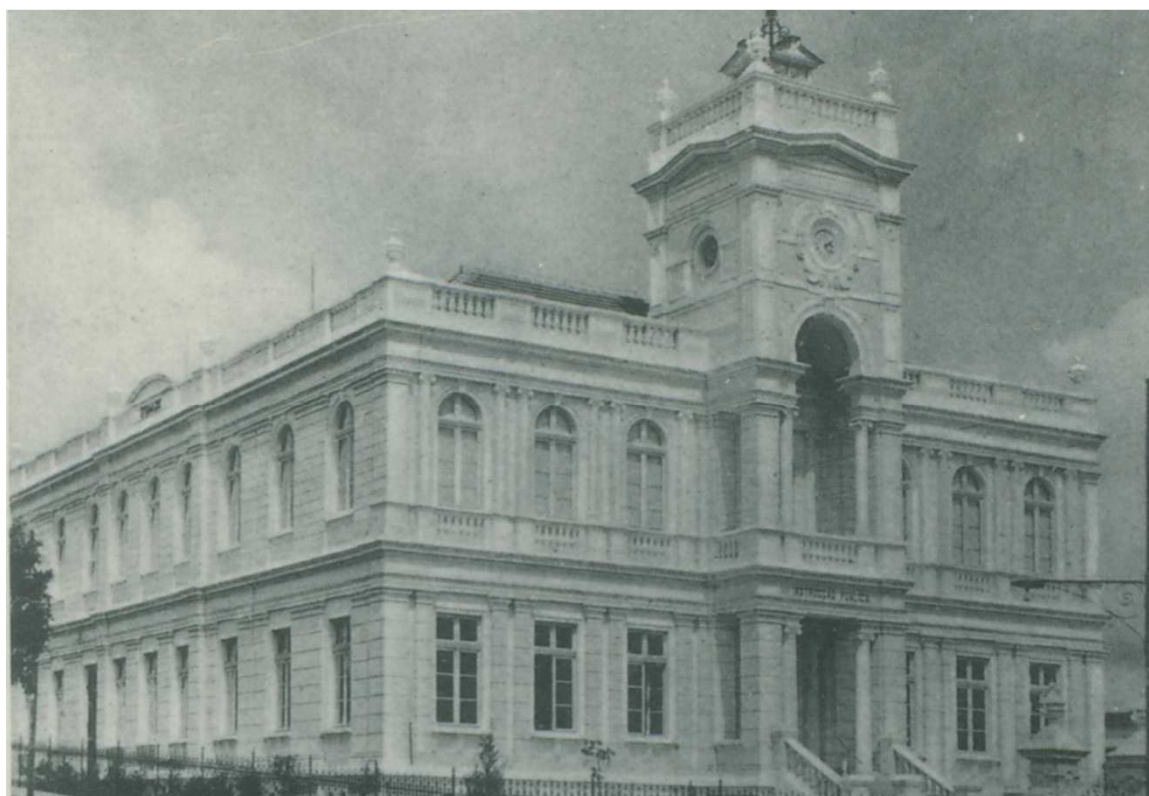


Figura 10: Edifício do Gymnasio Paranaense. Fachadas principal e lateral. Recorte de postal de 1910. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

³⁵ Ideal burguês de cultura inspirado na Grécia Antiga. Europa. Século XIX. In: KOCH, 1994.

Nesta imagem do ano de 1910 (Figura 10) é possível visualizar com mais nitidez os detalhes da composição frontal do edifício. A entrada principal é composta por uma escadaria ladeada por balaústres e por uma sacada com quatro colunas greco-romanas. Acima da entrada frontal pode ser vista a inscrição “Instrucção Publica”, esta era a entrada dos professores, funcionários e visitantes. No balcão do primeiro andar também há quatro colunas, duas delas compondo um arco. Existem fileiras de colunas envolvidas³⁶, chamadas também de meias-colunas, além de balaústres em toda a parte superior da fachada principal adornando as janelas. Estes detalhes podem ser mais bem visualizados nesses recortes de imagens recentes do edifício:



Figura 11: Detalhes da fachada principal. 2012.

³⁶ Colunas envolvidas estão fixas em paredes, geralmente metade ou $\frac{3}{4}$ da coluna é envolvida. In: KOCH, 1994.



Figura 12: Detalhe do capitel das colunas. Indica ser um capitel compósito, ou seja, que mistura elementos de capitéis jônicos e coríntios, ambos oriundos de sistemas arquitetônicos da Grécia Antiga.³⁷ 2012.

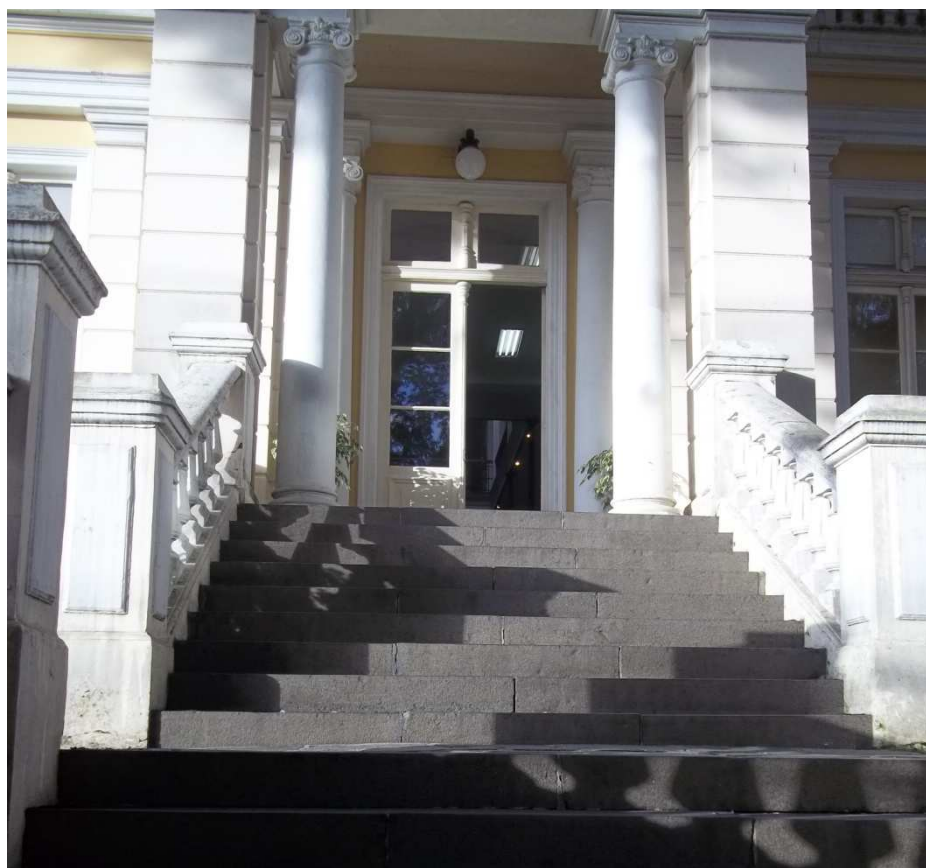


Figura 13: Detalhe da Escadaria e entrada principal. 2012

Outras características que merecem destaque são a presença de platibanda em torno de todo o telhado, que era um recurso ornamental geralmente utilizado para esconder o telhado³⁸.

³⁷ A Ordem Compósita trata-se de um estilo misto em que se inserem no capitel as volutas do jônico e as folhas de acanto do coríntio. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_arquitet)

Essa platibanda é composta por balaústres (pequenos pilares de concreto), que seguem o modelo dos balaústres do balcão e da escadaria. Todas as janelas do andar superior, no total de vinte e cinco, são arrematadas em arco, já as vinte e quatro janelas do andar inferior são retangulares.

Vale mencionar, internamente, o espaço central, de duplo pé-direito, coberto por claraboia que cumpre o papel de área de circulação e distribuição, abrindo para ele as salas, dispostas à sua volta. No andar superior, a circulação é feita por uma passarela, sustentada por colunas de ferro. Esta passarela desenvolve-se em volta do vazio desta área. Também são de ferro, o guarda-corpo dessa circulação e a armação da claraboia. (LYRA, 1994)

Um dos aspectos que chama atenção na fachada da edificação é a presença da torre. Nesta foram instalados dois sinos e um relógio, este colocado entre a data da inauguração (24 de fevereiro de 1904) e o ano de 1907³⁹. Vale ressaltar que o edifício foi inaugurado sem estar totalmente terminado, pois a inauguração, em fevereiro de 1904, foi programada para que a entrega fosse feita pelo governador Francisco Xavier da Silva, cuja administração estava por acabar, mas a obra foi concluída apenas em agosto daquele ano⁴⁰.

Um fragmento de texto jornalístico, encontrado no acervo da Casa da Memória, traz informações do relojoeiro Carl Raeder⁴¹ sobre esse relógio. O pai de Carl, Roberto Raeder, teria importado o referido relógio da Alemanha por volta de 1911. Contudo, como o postal (Figura 14) demonstra a existência de um relógio em 1907, e como não há indício de que o relógio tenha sido substituído, permanece a afirmativa de que o relógio foi adquirido e instalado entre 1904 e 1907.

³⁸ Este detalhe, que envolve todo o telhado do edifício pode ser observado nas Figuras 10 e 11.

³⁹ O postal (Figura 14) datado de 1907 indica a existência do relógio.

⁴⁰ **Pesquisa sobre prédios de Curitiba – Gymnasio Paranaense.** Folhetim escrito por Marly Garcia Correia e publicado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná em 1978.

⁴¹ Carl Raeder é herdeiro de Roberto Raeder, alemão que abriu uma relojoaria na Rua Riachuelo em 1893. Disponível em: www.textovivo.com.br acesso em 09/10/2012.



Figura 14: Postal datado de 1907. Acervo Casa da Memória de Curitiba.



Figura 15: Detalhe da torre – relógio. 2012.

Na primeira imagem apresentada do edifício (Figura 5) podemos perceber que o relógio ainda não foi instalado, o que demonstra que essa foto aproxima-se da data da inauguração, sendo, portanto, a mais antiga dentre as fotos encontradas durante a pesquisa. Pode-se pensar na possibilidade do relógio ter sido instalado ainda no ano de 1904, entre fevereiro e agosto, da mesma maneira com que foram realizados outros acabamentos no edifício neste ínterim.

Segundo Munakata (2001), o relógio é uma figura chave na instituição da escola moderna. Tal afirmação baseia-se na obra de Comenius, idealizador da escola moderna no século XVII, para quem a escola deveria assemelhar-se ao próprio relógio. De acordo com a interpretação do autor, Comenius acreditava que a organização interna da escola deveria ser tão precisa quanto o mecanismo do relógio, assim como deveria existir uma rede de escolas com funcionamento simultâneo e igual. Ou seja, “escolas funcionando todas ao mesmo tempo, ensinando as mesmas coisas, na mesma sequencia, simultaneamente, tal qual relógios marcando as horas em perfeita sincronia.” (MUNAKATA, 2001, p. 49)

Assim, conclui-se que a presença do relógio tem significado importante para a atividade educativa. Não apenas da perspectiva lógica da racionalização do tempo, mas também do ponto de vista simbólico, representando a organicidade almejada às atividades ligadas ao ensino e, pensando de uma maneira mais abrangente, a toda vida em sociedade.

A presença dos sinos (Figura 16) na torre é no mínimo intrigante, devido à localização da catedral a 200m do edifício e por este objeto marcar um tempo religioso. Com o advento da modernidade, o controle do tempo adquire outros significados, por sua vez, atrelados às necessidades da produção industrial. Contudo, Curitiba, no início do século, ainda era uma cidade muito pacata e possuía poucas fábricas. A cidade esteve marcada por um período de transição, nessas décadas iniciais do século XX, e o ritmo ainda não era evidentemente urbano, como será, principalmente, a partir da década de 1940.



Figura 16: Detalhe de um dos sinos da torre desgastado pelo tempo. 2012. Autor: Iriana Vezzani.

Viñao (2001) atenta para a diversidade de códigos e símbolos constituintes da arquitetura escolar, pois a linguagem arquitetônica expressa, além da construção, um sistema de valores:

A torre, elemento que costuma fazer parte de muitos centros educativos do século XIX, sobretudo daqueles de filiação religiosa, é signo de poder e de domínio, como se sabe, está também presente em prefeituras, igrejas e castelos. (VIÑAO, 2001, p. 39)

Necessariamente, a arquitetura possui um aspecto funcional e um contraditório, retórico, pois seus signos servem também para ditar regras de comportamento naquele espaço. (VIÑAO, 2001) A criação de modelos arquitetônicos escolares possui uma relação direta com projetos políticos e, nesse sentido, a escola passa a ser o principal símbolo da unidade social. Assim, o esforço empreendido por técnicos e políticos acaba cumprindo uma função cultural importante, criando símbolos, os quais refletem na consciência coletiva um referencial de identidade. (ESCOLANO, 2001)

Uma inscrição com o nome do então governador do Paraná, Francisco Xavier da Silva, em cuja gestão ocorreu a construção da sede do Ginásio Paranaense e Escola Normal, está expressa no interior do prédio, permanecendo no local até hoje. A marca da gestão desse governante foi deixada na grade de ferro, que fica no segundo pavimento, acima do hall de entrada do prédio (Figura 17). Outra informação interessante é que o prédio foi inaugurado um dia antes do término do governo de Xavier da Silva, que passou a presidência do Estado

do Paraná a Vicente Machado. O prédio foi inaugurado em 24 de fevereiro de 1904 e a gestão encerrou-se em 25 de fevereiro do mesmo ano.



Figura 17: Detalhe da grade de ferro do mezanino, no interior do edifício. 2012.

Fato semelhante aconteceu em relação à inauguração do edifício do primeiro grupo escolar curitibano, o Xavier da Silva. De acordo com Bencostta (2005), o edifício foi inaugurado em 1903, quando ainda se encontrava em fase inicial de construção. O governador Xavier da Silva aproveitou o 50º aniversário da emancipação do Paraná para inaugurar o prédio. Coube, assim, ao governador Vicente Machado concluir a obra e, no início das aulas, realizou uma pequena e segunda solenidade. Observar o empenho, em preservar a própria memória, empreendido pelo governador Francisco Xavier da Silva, com as marcas deixadas tanto no Ginásio, através do gradil de ferro, quanto no nome do grupo escolar, hoje colégio estadual⁴². A grade de ferro expressa um desejo de permanência, pois esta não poderia ser simplesmente retirada e esquecida, uma vez que não é apenas um adorno, mas parte integrante da própria arquitetura.

Para reconstruir representações imagéticas, sobre os espaços internos do edifício, são apresentadas fotografias do acervo do Colégio Estadual do Paraná, juntamente com as memórias de ex-alunos expressas em livros. O primeiro é de autoria de Ernani Costa Straube que foi aluno do Ginásio na década de 1940, além de professor e diretor do Colégio Estadual do Paraná. E ainda, seu pai Guido Straube foi lente de história natural do Ginásio e também

⁴² Hoje o Colégio Estadual Xavier da Silva funciona no mesmo prédio, construído em 1903.

diretor na década de 1930. Levo em consideração os aspectos afetivos e saudosistas dessas memórias, contudo, sem desconsiderar os levantamentos riquíssimos de informações empreendidos por Ernani Straube no livro *O prédio do Gymnasio 1903-1990*, publicado no ano de 1990. Deve ser mencionada ainda outra obra desse autor relacionada à instituição: *Do Liceu de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná*, publicada em 1993, na qual o autor faz um apanhado cronológico dos principais acontecimentos relacionados ao educandário.

Outra obra utilizada é a reunião de memórias da professora América da Costa Sabóia, intitulada *Curitiba da minha saudade 1904-1914*. O período, expresso no título, corresponde àquele em que América viveu com os avós em Curitiba, para realizar seus estudos. O ensino primário cursou na Escola Carvalho e na Escola Tiradentes e posteriormente matriculou-se na Escola Normal, obtendo o título de normalista. A autora comenta sobre aspectos do cotidiano das normalistas e traz contribuições interessantes, sobretudo sobre o universo cultural e material da instituição.

Uma terceira obra, *Um adolescente bem orientado*, escrita por Germano Bayer, que foi aluno do Ginásio e professor de Educação Física no Colégio Estadual do Paraná, traz alguns aspectos de sua formação, no início da década de 1940. A impressão guardada por Germano Bayer é a da competência dos seus professores, apesar da rigorosidade exagerada de alguns deles e da intransigência da direção à época. (BAYER, 2009)

2.2.1. Aspectos internos: a convivência com a Escola Normal

De acordo com o Diretor Geral da Instrução Reinaldo Machado, em seu relatório de dezembro de 1904, a distribuição das salas no novo prédio do Ginásio e Escola Normal foi feita entre a diretoria, secretaria, sala da congregação (Figura 18) e salas de aula. Afirma que, como sobraram alguns espaços, foi feita a instalação da Biblioteca Pública em dois grandes salões, e ainda o Instituto Comercial⁴³ foi instalado em uma das salas de aula. Sugeriu nesse mesmo relatório a instalação de duas escolas primárias, para as aulas práticas de pedagogia. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1904)

Outra função importante, a qual se destaca desde o início das atividades nessa sede é a Congregação. Este órgão tinha como tarefa discutir os problemas a ela levados por inspetores,

⁴³ O Instituto Comercial foi criado oficialmente pela lei n. 586 de 18 de março de 1905 e começou a funcionar em 2 de março do ano de 1906. Era destinado à formação profissional voltada para a atividade comercial, e as primeiras matérias lecionadas foram: escrituração mercantil, redação comercial e noções de legislação comercial, inglês e alemão e ainda francês e italiano. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1906)

professores e pelo Diretor Geral da Instrução Pública e era composta pelos lentes catedráticos do Ginásio e Escola Normal, ou seja, aqueles docentes que haviam passado pelas bancas de concursos. De acordo com as atas da congregação, do final do século XIX, as funções desse órgão estavam diretamente atreladas à Diretoria Geral da Instrução, pois o diretor era também o presidente da Congregação. Esta estava, portanto, incumbida de decidir sobre os assuntos da instrução de todo o estado do Paraná, a exemplo da indicação de livros a serem adotados em todas as escolas primárias.⁴⁴



Figura 18: Sala da Congregação do Gymnasio Paranaense e Escola Normal. Reprodução. Data atribuída: 1910. Acervo CM-CEP.

O aspecto da sala (Figura 18) mostra que esse local era destinado a reuniões, pois possui uma mesa circundada por uma coleção de cadeiras em formato de poltrona, todas padronizadas. Nas paredes da sala uma coleção de quadros de “figuras ilustres”⁴⁵

⁴⁴ A Congregação do Ginásio Paranaense e Escola Normal, em 1892 substituiu o Conselho Literário Provincial, criado na década de 1870 e composto pelos lentes do Instituto Paranaense e Escola Normal.

⁴⁵ Dentre os nomes constantes nessa coleção citamos alguns como exemplo: Victor Ferreira do Amaral (diretor da instrução), Lysímaco Ferreira da Costa (lente e diretor da instrução), Luiz Lens de Araujo Cesar (lente), Guido Straube (lente e diretor do GP), Vicente Machado da Silva Lima (governador do Estado), Cyro Moraes de

paranaenses, chamada posteriormente de Galeria dos Lentes, à qual posteriormente foram somadas imagens de vários sujeitos que passaram por esta Congregação. A partir dos registros das Atas da Congregação é possível afirmar que na década de 1940 a Congregação do Ginásio reunia-se no Salão Nobre do estabelecimento.

A coleção mencionada possui cerca de 30 quadros (Figura 19), os quais se encontram hoje expostos no interior do Colégio Estadual do Paraná. Esta coleção é, portanto, a soma dos quadros da imagem acima (Figura 18) com quadros de personagens posteriores, sujeitos envolvidos com questões públicas ou com a instituição diretamente, sendo que a maioria foi diretor ou lente catedrático do Ginásio e/ou Escola Normal.



Figura 19: Vista parcial do saguão do primeiro andar do Colégio Estadual do Paraná. 2012. Na imagem as fotos de (direita para a esquerda): Dario Persiano de Castro Velozzo, Reinaldo Machado, Alvaro Pereira Jorge, Emiliano David Pernetta e João Poudlek Boué. E ainda há o nome de João Henrique Costard, mas o quadro foi retirado.

A autoridade conferida a estes lentes restringia-se ao nível intelectual, sendo que as principais discussões diziam respeito a questões como a indicação de livros para o ensino primário e também para o Ginásio e Escola Normal. Ainda eram discutidas questões disciplinares da instituição e também eram formadas comissões para escrever os regulamentos

Castro Velozzo (lente), Pedro Ribeiro Macedo da Costa (lente), Francisco José Gomes Ribeiro (lente e diretor do Colégio Estadual do Paraná)

de ensino, regimento interno e emitir pareceres sobre o conteúdo de obras didáticas. Os professores de Desenho, de Ginástica e Prendas Domésticas não tinham assento na Congregação, pois não eram lentes catedráticos. Dependendo do assunto, os professores eram convocados apenas para tomar conhecimento, não podendo votar as questões deliberativas.

Infelizmente, há uma extensa lacuna na documentação das Atas da Congregação, pois foram encontrados os livros até o ano de 1911 e depois disso somente a partir de 1942. Neste período temos somente a cópia das atas do ano de 1928, as quais foram anexadas ao relatório da direção do Ginásio. Nas discussões, realizadas nessas reuniões, é possível identificar vestígios de concepções individuais ou coletivas de educação.

Uma questão de destaque nessa documentação está relacionada à preocupação com a manutenção da ordem e disciplina no estabelecimento. Em ata do dia 8 de agosto de 1903 foi apresentado um requerimento de alunos, tanto do Ginásio quanto da Escola Normal, pedindo para que a Congregação tornasse sem efeito a medida de ordem que estabelecia que nenhum aluno poderia permanecer no estabelecimento nada mais do que “meio quarto de hora” antes e depois da aula que frequentasse. Foi definido, por unanimidade entre os lentes, que fosse mantida a medida de ordem estabelecida. Ademais, foi deliberada a abertura de um livro, para registro das infrações cometidas por parte dos alunos. (*Ata da Congregação do Ginásio Paranaense e Escola Normal*, 12/08/1903)

Apesar da necessidade de afirmação da hierarquia e da manutenção das “ordens estabelecidas” é interessante o fato de que os alunos utilizavam recursos oficiais em seus intentos. E várias outras estratégias de sociabilidade podem ser reconstituídas, através de outros tipos de fontes.

Como já mencionado, o diretor da instrução Reinaldo Machado, discorrendo sobre a distribuição das salas no novo edifício, enfatiza a devida separação entre os gêneros, demonstrando que os alunos iriam misturar-se somente durante as aulas. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1904)

Com a inauguração do palacete, foram intensificadas as operações de separação dos espaços de acordo com o gênero, a começar da própria construção, que garantia entradas separadas por curso. Esta separação estava claramente expressa no regimento interno do Ginásio e Escola Normal, aprovado pela Congregação em seis de junho de 1904⁴⁶.

Neste regimento, dentre as atribuições dos inspetores, encontra-se a informação de que não poderiam deixar que os alunos permanecessem fora de sala nos horários das aulas, e ainda

⁴⁶ Ata da Congregação do Gymnasio Paranaense e Escola Normal. 06/06/1904.

deveriam: “Impedir que os alumnos de um sexo transitem ou permaneçam nos compartimentos do edifício destinado a outro sexo.” E aos alunos do sexo masculino era proibido permanecer no edifício fora das horas de suas aulas, além de “permanecer na face esquerda do edifício, onde as alunas tem ingresso no estabelecimento” (PARANÁ, *Regimento Interno do Gymnasio Paranaense e Escola Normal*, 1904)

Dessa forma, constatamos que as entradas separadas por curso, na verdade eram separações de gênero. Uma vez que, mesmo sendo em menor número, havia alunos matriculados na Escola Normal. “Os rapazes, tanto os ginasianos quanto os normalistas, entravam pelo portão principal ou pelo da rua Saldanha Marinho. Não era permitido às moças se reunirem com os rapazes a não ser nas salas de aula.” (SABÓIA, 1978)

As três entradas do prédio possuíam inscrições, na frontal e principal encontrava-se a expressão “Instrução Pública”, como já mencionado, na fachada lateral direita “Escola Normal” e na fachada lateral esquerda “Gymnasio” (Figura 20). A entrada lateral direita fica na rua Cruz Machado, e era destinada exclusivamente às moças, não sendo permitida, portanto, a permanência dos alunos nessa parte do prédio. Das três inscrições mencionadas sobreviveu ao tempo, somente a da lateral esquerda correspondente à entrada do Ginásio:



Figura 20: Inscrição que fica acima da entrada lateral à esquerda do prédio. 2012.

As normalistas podiam permanecer nos intervalos somente na galeria (Figuras 21 e 22) do salão nobre, sendo que os moços ficavam no saguão de entrada (Figura 23) (SABÓIA, 1978). Sobre o edifício onde estudou, escreve Sabóia:

Era aquela a mesma construção que abrigou durante muitos anos, conjugados, a Escola Normal e o Ginásio Paranaense. Na parte dianteira do corpo principal funcionavam a Secretaria, a Biblioteca e o Salão Nobre. No centro, as diversas salas de aula, em dois pavimentos separadas pelo grande saguão, circundado ao alto por

uma galeria que levava às salas de aula do andar superior. Nesse localizava-se também o Gabinete do Diretor, tal qual se vê na atual Diretoria de Assuntos Culturais. Na parte posterior, hoje incorporada à Secretaria da Fazenda, com entrada pela rua Cruz Machado, existia e ainda existe um grande salão, também encimado por uma galeria, que era o “hábitat” das normalistas. Ali as moças que cursavam a Escola tinham o seu lugar de recreio e descanso. Da galeria chegava-se às salas de aulas que eram comuns aos dois cursos, ginásial e normal, por uma porta que permanecia sempre fechada e guardada pela Inspetora, a não ser no início e no término de cada aula. (SABÓIA, 1978)

Na fala de ex-normalista é possível perceber a separação entre os espaços, e como este era restrito às moças. Afirma que os rapazes, tanto ginásianos quanto normalistas, gozavam de mais liberdade. Estima-se que América Sabóia tenha sido aluna da Escola Normal entre os anos de 1910 e 1914, pois iniciou o ensino primário em 1904, quando chegou a Curitiba. América encerrou o curso normal em 1914, quando retornou ao interior, para junto de seus pais.

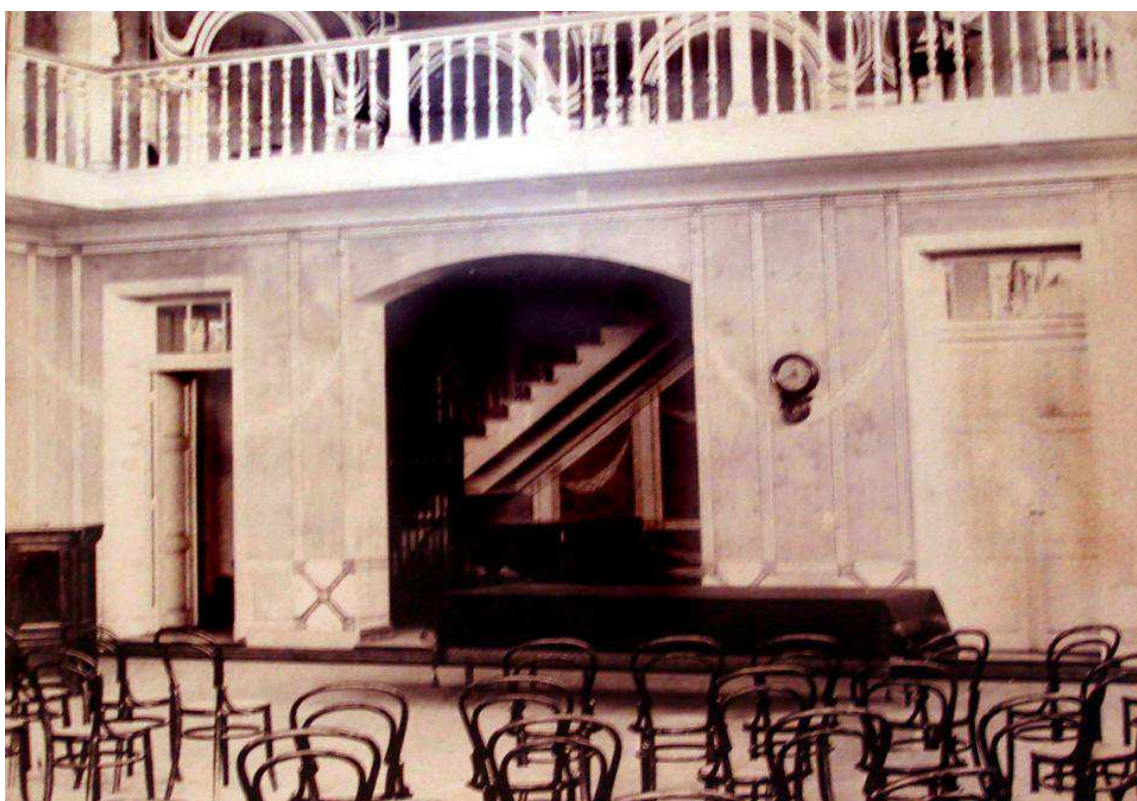


Figura 21: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. Data atribuída: 1910. Acervo de Fotografias Digitalizadas CM-CEP.



Figura 22: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. 1941. Nesta imagem é possível visualizar melhor o espaço da referida galeria (mezanino), na parte superior do salão nobre, onde as normalistas podiam permanecer nos intervalos das aulas. “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Comparando as duas fotografias nota-se que o espaço, no tempo decorrido entre uma imagem e outra, passou por modificações significativas. Na segunda imagem, o ambiente possui mais elementos decorativos, como os quadros da Galeria dos Lentes, e também papel de parede, revestimento em madeira em meia-parede, e outra coleção de cadeiras. O aparador do mezanino é mais sofisticado na segunda imagem, assim como todo o espaço, que nesse momento já estava consolidado como um auditório, sendo referência em Curitiba, que possuía poucos espaços como aquele.

A imagem a seguir representa o local onde os alunos do sexo masculino podiam permanecer, durante os intervalos das aulas. É importante comparar os locais de permanência, pois as moças ficavam em um local distante de qualquer olhar, considerando que a galeria do salão nobre, citada por Sabóia, era um local isolado dentro do edifício. Já os moços permaneciam no pátio interno, ou saguão de entrada, ficando, portanto, mais expostos, considerando uma possível circulação de pessoal externo.



Figura 23: Pátio Interno. Reprodução. Data atribuída: década de 1920. Acervo de fotografias digitalizadas CM-CEP.

Outros aspectos, das restrições que atingiam as normalistas, são descritos por América Sabóia, porém sempre de uma maneira consentida. Quanto ao trabalho de inspeção, afirma que, como a frequência do curso normal era relativamente pequena, havia apenas uma inspetora, uma senhora distinta que sempre se vestia de preto. Também conta que o regime disciplinar não era muito severo e que, bastava conquistar a confiança da inspetora para poder até sair da escola, em algum horário vago, desde que retornasse para a próxima aula. (SABOIA, 1978)

De acordo com as memórias de América, a liberdade poderia ser consentida de acordo com as relações que as alunas conseguiam construir, principalmente com a inspetora. A rigorosidade maior residia, pelo que se pode apreender a partir do relato, na separação do sexo feminino do masculino, sendo que era permitido o encontro somente em sala de aula, o que não aponta a ausência total de contato entre rapazes e moças. As maiores restrições quanto ao espaço escolar, no entanto, recaíam sobre as meninas:

Também era permitida uma série de brincadeiras próprias da idade, desde que, moderadamente. Cantávamos, dançávamos, pregávamos peças umas nas outras, ou simplesmente nos comunicávamos contando cada qual suas novidades. Os rapazes parece que gozavam de mais liberdade, o que era normal naquele tempo. Às vezes, ouviam-se algazarras provocadas por suas travessuras e já havia os famosos enterros

de professores e administradores, em protesto à atuação dos mesmos. Antes e depois das aulas estavam sempre às esquinas da Escola, conversando, discutindo, às vezes declamando poesias para chamar atenção das alunas que ali passavam. O restante do prédio, salas de aula, saguão, pátio externo, secretaria, sala do Diretor, era quase um território proibido. Não tínhamos permissão para descer a escada que levava ao saguão interno⁴⁷ onde ficavam os rapazes, nem mesmo para ir à Secretaria, localizada na frente do prédio. No entanto, todos concordavam com esse ‘modus vivendi’ e a Escola marcou uma fase importante em nossas vidas. (SABÓIA, 1978)

Na fala de América pode ser identificado que, a maior restrição quanto ao uso do espaço recaía sobre as mulheres, as quais naquele momento eram todas normalistas.

Pensando na distribuição interna dos edifícios dos liceus portugueses, Marques (2003) afirma que, nos liceus onde a frequência era mista, existiam “espaços reservados às alunas localizados em determinadas zonas específicas do edifício e sendo objeto de cuidados especiais” e que havia um pátio somente para a permanência das alunas nos intervalos, e “estes espaços de permanência forçada do sexo feminino apresentam características especiais de isolamento e encerramento.” (MARQUES, 2003, p. 126)

O isolamento fica evidente na fala de América Sabóia, normalista do início do século. O problema naquele momento era a frequência das alunas do curso normal, indevidamente anexo do Ginásio, de acordo com a fala de alguns diretores. Anos mais tarde, após a saída da Escola Normal, o problema da coeducação permanece, pois mulheres começam a procurar o curso secundário do Ginásio Paranaense.

O problema da permanência dos dois cursos no mesmo local não estava limitado às questões de gênero. No relatório referente ao ano de 1905, o Diretor Geral da Instrução, Arthur Pereira de Cerqueira, afirma a necessidade de separação dos cursos, os quais teriam que permanecer por algum tempo no mesmo edifício:

A observação calma e reflectida trouxe-me a convicção da necessidade da separação da Escola Normal do Gymnasio, não em relação ao edificio que pode ser por enquanto o actual, mas em relação ao funcionamento dos cursos, que por sua natureza não são e não podem ser os mesmos dahi a difficuldade dos lentes em ministrarem o ensino simultaneamente. Sou, pois, de parecer que se dê aos respectivos lentes uma gratificação, com a condição de darem duas horas de aula por dia, uma para cada curso. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1905)

Em ata da Congregação de 28 de fevereiro, do ano de 1906, é formada uma comissão, que teria como função apresentar uma representação ao presidente do estado, propondo o aumento de trabalho dos lentes. A ação foi desencadeada pelo memorando do lente de francês

⁴⁷ Ver Figura 23.

Cônego Braga, no qual apresentava as dificuldades em ministrar aulas simultaneamente aos curso normal e ginásial. A Congregação decidiu reorganizar as aulas de francês e também formar uma comissão, a qual reuniria Dario Vellozo, Sebastião Paraná e Emiliano Pernetá, juntamente com o Diretor Geral da Instrução. Estes deveriam propor ao governo o aumento de trabalho, para que os lentes pudessem observar os programas de ensino e reorganizar os horários da Escola Normal e Ginásio. Pelo que é possível entender, através do exposto em ata, a comissão iria negociar o aumento do número de aulas, condicionado ao aumento de salário. (*Ata da Congregação do Gymnasio Paranaense e Escola Normal*, 28/02/1906.)

Em relatório do ano de 1908, o Diretor Geral, Arthur Pereira de Cerqueira, faz uma longa exposição dos problemas do acúmulo dos cargos que ocupava naquele momento. Além disso, o trecho do relatório analisado traz a informação de que os cursos normal e ginásial haviam sido finalmente separados:

Penso que, tendo sido aumentados os vencimentos dos lentes do Gymnasio e Escola Normal, em virtude do acrescimo de horas de trabalho com a separação dos cursos, é de toda equidade que se abone ao professor de desenho a mesma vantagem, pois não deve elle perceber o mesmo que percebem os professores de música e prendas domesticas, que só teem uma hora de aula na Escola Normal. Ainda, em relação a separação dos cursos do Gymnasio e Escola Normal, devo dizer o seguinte: 'No meu relatório de 31 de dezembro de 1905 expendo as impressões recebidas nos primeiros tempos de minha gestao, assim me exprimi: "A observação calma e reflectida trouxe-me a convicção da necessidade da separação da Escola Normal do Gymnasio, não em relação ao edificio que pode ser por enquanto o actual, mas em relação ao funccionamento dos cursos, que por sua natureza não são e não podem ser os mesmos dahi a diffículdade dos lentes em ministrarem o ensino simultaneamente.' Hoje, porém, devido ao augmento crescente de alumnos de ambos os cursos, reconheço a necessidade também da remoção da Escola Normal para outro edificio e sob uma direção especial, único meio de melhor fazer-se a selecção dos alumnos do Gymnasio dos da Escola Normal, composta em sua maior parte de moças, de modo a tornarem-se mais efficazes a fiscalização e a manutenção da ordem, disciplina e moralidade. (...) Antigamente, quando a instrucção publica era pouco desenvolvida e a Escola Normal era frequentada por pequeno numero de alumnos, era tolerável e mesmo razoável a accumulção dos dois cargos; hoje, porém, não se dá o mesmo, principalmente depois da creação do Gymnasio, que constitue um curso completamente aparte. Penso que se deve nomear um director especial para o Gymnasio e outro para a Escola Normal, os quaes poderão ser tirados dentre os lentes destes estabelecimentos percebendo uma gratificação razoável, ficando entretanto sujeitos ao Director Geral, como aliás se faz em muitos dos estados, onde a instrucção está desenvolvida.' (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1908)

Importante destacar que em 1905 a separação dos cursos e uma direção especial para cada um seria a solução para o problema da coabitação dos mesmos, podendo permanecer no

mesmo prédio. Porém, o diretor está usando o recurso de relembrar os relatórios anteriores e, portanto, em 1908 sua opinião é de que além da separação dos cargos (direção Ginásio, Escola Normal e Instrução Pública) e dos cursos, a Escola Normal também deveria ser removida para outro edifício.

Mesmo tendo conseguido separar os cursos, as dificuldades persistiram, segundo Cerqueira, principalmente em relação à manutenção da moralidade na instituição de ensino, por isso ressaltou a necessidade de desvinculação total da Escola Normal. O diretor atrelou todas as questões que julgava pertinentes em um mesmo texto, assim, trazia a questão da promiscuidade, devido ao estabelecimento ser frequentado pelas normalistas e pelos ginásianos, e ainda atrelava a necessidade de direções separadas para manter a ordem e a disciplina.

Até a sua saída, em 1911, o Diretor Geral da Instrução, Arthur Pereira de Cerqueira, insistiu na separação física entre Ginásio e Escola Normal, chegando a afirmar que o prédio, apesar de vasto, ficava a cada dia mais acanhado para as atividades que abrigava. Além da Escola Normal, Cerqueira reclamou também a saída do Instituto Comercial, afirmando que o prédio estava ficando pequeno para tantas atividades. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1910)

Pelo visto, a separação dos cursos relatada por Cerqueira não durou muito, pois em 1912, o seu sucessor, Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, retoma a reivindicação da separação:

Para isso surge, como a mais importante, a necessidade de separação dos dois cursos, unidos de há muito e ainda hoje como irmãos xiphopagos, na promiscuidade dos horários, das salas, dos lentes e até dos programas. Cortado o cordão, desligada a Escola Normal do Gymnasio, funcionando como instituto de ensino a parte, embora no mesmo edifício, com sua respectiva direcção, regulamento, regimento interno, programmas racionalmente organizados, previa e collectivamente approvados pela Congregação respectiva, corpo docente próprio e radicalmente refundida, distribuído melhor o curso em quatro annos e não em três, como actualmente, o seu resultado forçosamente será outro, mais approximado do fim que tem em vista. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1912)

Nesta fala é possível detectar o quanto a simultaneidade, com a qual eram ministrados os dois cursos, era incômoda. Lembrando que o diretor acumulava três cargos, a saber, Diretor Geral da Instrução Pública, diretor do Ginásio e também da Escola Normal. Por falta de estrutura, principalmente devido ao número de profissionais, os dois cursos ainda não

havia sido separados na nova sede, mesmo muitos acreditando, à época da construção, que o novo prédio seria a solução para estes problemas.

Para completar o aperfeiçoamento do curso normal, segundo Claudino dos Santos, era necessária ainda a criação de uma Escola Modelo. A preocupação com a formação de professores era a premissa para o bom funcionamento da escola primária, na qual deveria ser ministrado um ensino atraente, baseado no prazer. Segundo esse diretor, a estética das escolas influenciava diretamente no gosto dos alunos pelos estudos, tratando tanto da arquitetura quanto da decoração interna das escolas. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1912)

2.2.2 As primeiras salas especiais: a montagem dos laboratórios

Como mencionado no capítulo anterior, segundo o diretor Reinaldo Machado, a baixa frequência e a irregularidade do curso ginásial deviam-se ao fato de o estabelecimento não ser equiparado ao Ginásio Nacional. De acordo com a fala do diretor, um dos requisitos faltantes à equiparação era a aquisição de laboratórios e gabinetes de física, química e história natural. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1904)

Em relação ao mobiliário, o mesmo diretor afirma que, naquele momento, era deficiente e, portanto, era necessário melhorá-lo para não contrastar com a imponência do edifício. Também, quanto aos materiais pedagógicos afirma a insuficiência, exemplificando com a necessidade de mapas e globos para o ensino de geografia, sendo mencionado também um museu pedagógico. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1904)



Figura 24: Aspecto de uma sala de aula. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Esta imagem (Figura 24) representa uma sala de aula convencional, na década de 1940. Contudo, essas carteiras foram adquiridas entre as décadas de 1910 e 1920, e constam em relatório do ano de 1928, no inventário apresentado pela Comissão de Finanças ao Diretor do Ginásio. Esse tipo de carteira é citado em relatórios do período estudado como o ideal para as escolas. Nos inventários do Ginásio Paranaense elas aparecem somente nas salas de aula comuns, nas quais não existiam laboratórios ou materiais específicos.

Outra imagem (Figura 25) traz a representação de uma sala de aula equipada com alguns materiais didáticos. Os objetos nessa foto constituíam parte significativa do que existia em termos de material didático diferenciado, naquele momento. Lembrando que por diversas vezes foi solicitado aumento de orçamento para a aquisição de materiais, como mapas, globos, armários, um museu pedagógico, etc. Devemos atentar para o fato de que estas fotografias, tão raras e altamente custosas no início do século XX, eram devidamente planejadas e o ambiente arranjado para tal fim.

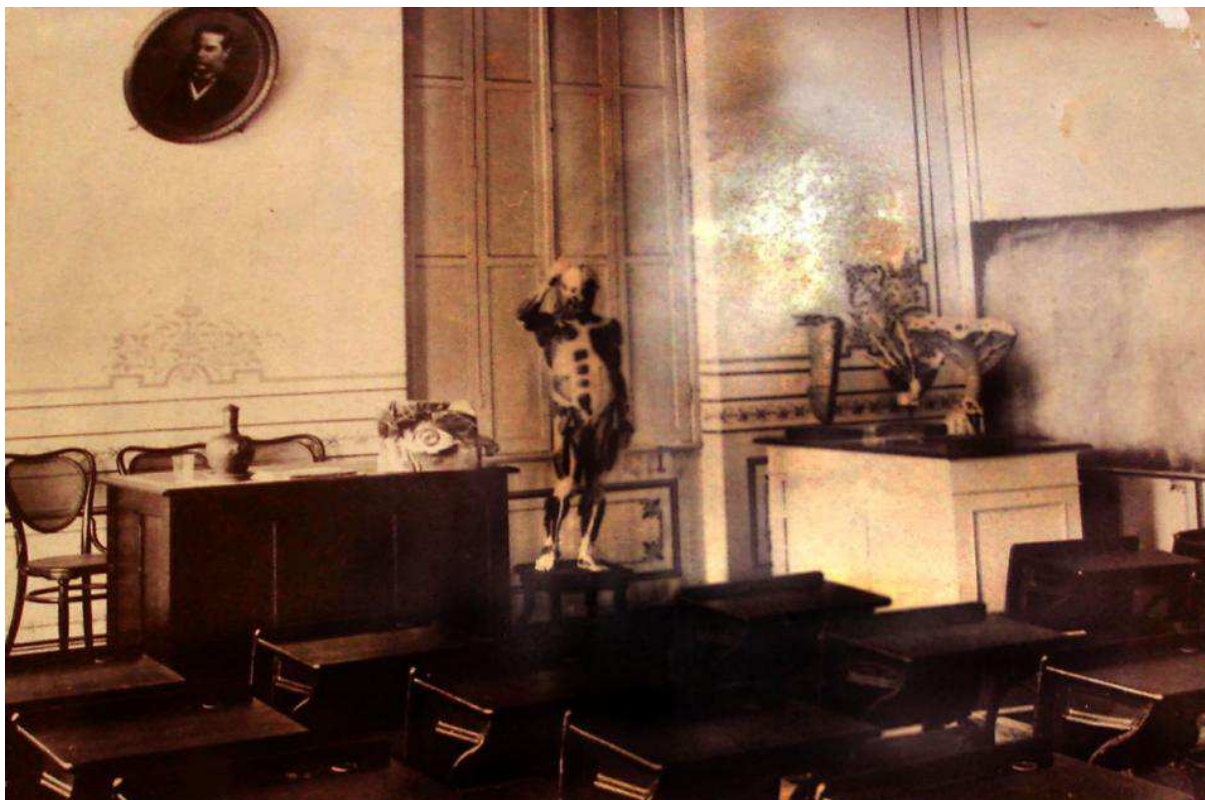


Figura 25: Aspecto de uma sala de aula. Reprodução. Data atribuída: 1905. Acervo de fotografias digitalizadas. CM-CEP.

O manequim de gesso que aparece no centro da imagem foi importado da França⁴⁸ e era provavelmente um artigo caro para a época. Os outros objetos são dificilmente decifrados, sendo que os do canto direito da imagem parecem ser reproduções ampliadas de partes de plantas. As carteiras dessa sala são de madeira, do tipo americano; não há elementos decorativos na sala, exceto um quadro, o qual se deduz que seja de uma personalidade histórica.

Em 1904 um museu pedagógico é mencionado, mais uma vez, no relatório do Diretor Geral da Instrução. Em alguns regulamentos de ensino anteriores consta a criação do referido museu, a exemplo do Regulamento de 1882. Este documento, referente ao Instituto Paranaense e Escola Normal prevê a fundação de uma biblioteca e de um museu pedagógico, e ainda um gabinete de física e um laboratório de química, “indispensáveis aos estudos normais”. (PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1882).

No ano seguinte ao da inauguração, o Ginásio Paranaense é equiparado ao Ginásio Nacional através de Decreto Federal n. 5742, de 30 de outubro de 1905. Segundo o diretor geral da instrução, Artur Pereira de Cerqueira, este fato, “além de assignalar mais um marco

⁴⁸ Importado da empresa *Les Fils D'Émile Deyrolle*. Outras informações sobre esse objeto serão apresentadas no capítulo 3.

no progresso da instrução pública, dissipou de muitos moços desprovidos de fortuna o receio de verem-se privados da instrução secundária, que os habilitasse para os cursos superiores” (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1905). No relatório do ano de 1906, o mesmo diretor assim descreve a situação do edifício e respectivas instalações:

O edifício do Gymnasio Paranaense e Escola Normal, que ressentia-se da falta de mobília condigna, gabinetes científicos, instrumentos apropriados para o ensino da musica, etc., etc., acha-se com pequenas lacunas de fácil preenchimento, perfeitamente aparelhado para satisfazer os seus fins, tendo merecido lisonjeiras referencias de illustres hospedes que o visitaram. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1906)

Neste trecho, em relação à situação de infraestrutura material, não aparecem as mesmas queixas que até o momento estavam presentes anualmente nos relatórios. Contudo, como veremos, as dificuldades e problemas estruturais permanecem e serão apresentados por outros diretores e professores.

Em relatório do diretor da instrução para o Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, datado de 1908, encontramos em anexo um documento redigido pelo lente catedrático Lysímaco Ferreira da Costa, no qual solicita a organização dos materiais de física e química em forma de laboratórios.

De acordo com a fala de Lysímaco, responsável pela disciplina Física-Química, já existiam uma série de materiais, porém não estavam sendo utilizados de maneira satisfatória, devido à falta de condições propícias de armazenamento. No documento foram solicitados tubos de ensaio, vidros com rolhas de esmeril, pipetas, funis, tubos, retortas⁴⁹, entre outros. Quanto aos materiais de física, descritos como aparelhos, o grande problema era a falta de condições adequadas de armazenamento, de maneira que facilitasse o seu uso. Lysímaco afirmou, através de seu pedido, que fazia uso dos aparelhos e materiais, porém esta utilização estava cada vez mais inviabilizada. O lente explica ainda que, mesmo estes dois conteúdos de ensino (física e química) formando uma única disciplina, eram necessárias duas salas separadas para a montagem de dois ambientes distintos, devido à grande diferença existente entre um conteúdo e outro. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1908)

Lysímaco reclama ainda a contratação de um preparador, que serviria como auxiliar do professor nas demonstrações e também seria responsável pela organização dos laboratórios. O

⁴⁹ Recipiente de vidro usado em destilações.

professor é preciso em suas solicitações para o laboratório de química, incluindo em seu pedido não apenas as especificações dos materiais, quanto suas quantidades:

São necessárias duas mesas de trabalho, cobertas de mármore ou ladrilhos, uma para os trabalhos de Chimica mineral, e outra para os de Chimica orgânica; a constucção dessas mesas especiaes deve ser dirigida pelo professor. Um armario apropriado tambem deverá conter todas as peças de vidro para a montagem dos aparelhos. (...) São precisos 30 vidros vasis com tampas de esmeril de 500 grammas. São indispensaveis pois pretendo colocar nelles soluções das substancias que vão servir durante o ano de reactivos para o estudo dos caracteres analyticos dos saes, analyses, etc. Para a montagem dos aparelhos faltam muitas peças e o laboratório precisa ter sempre sortimento de tubos de ensaio, pipetas, funis, retortas, allongas, capsulas, almofarizes, tubos de vidro e borracha, etc, que a proporção que necessitar farei pedido. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1908 – Relatório Anexo)



Figura 26: Laboratório de Química. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

A imagem acima (Figura 26) é datada de 1941, contudo é provável que parte dos materiais que aparecem nessa fotografia seja desse período no qual se iniciava a organização do laboratório de química. Não foi encontrada nenhuma imagem de período anterior, relacionada a esta disciplina. As mesas do laboratório são de madeira com revestimento em

vidro e são acompanhadas de banquetas. Esta configuração de laboratório remete a um modelo de ensino mais prático, fornecendo indícios de que possivelmente os alunos também realizavam experiências, pois todas as mesas de alunos estavam preparadas para este fim.

Voltando a 1908, em relação ao laboratório de Física, o lente também descreve como deveria ser organizado:

Laboratório de Physica. Todos os aparelhos e instrumentos estão collocados dentro de um grande armario, quase amontoados, não obedecendo a ordem alguma. Muitos aparelhos desmontados, para serem as peças collocadas dentro do armario, trazem o inconveniente de tomarem grande tempo antes e depois de cada licção para a sua montagem fora do armario, devido as acções da humidade, poeiras, etc. Seria mais compativel com um aspecto de laboratório que os aparelhos todos montados estivessem distribuidos pela sala da seguinte maneira: os grandes cobertos com capa de couro, caixas de vidro ou de madeira; os de electricidade dinamica, como os de iluminação, campainha, telephono, etc., montados funcionando pelas paredes da sala; e os pequenos e delicados colocados dentro de pequenos armarios apropriados, correspondendo cada um a uma das partes da Physica. As vantagens que esta disposição traria para o ensino seriam extraordinarias. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1908 – Relatório Anexo)

Dos materiais do ensino de física há uma imagem de uma reportagem do jornal *O Dia*, de 23 de fevereiro de 1934. A imagem está bem desgastada pela ação do tempo, mas é possível perceber que existe um armário com divisórias, cada um com um aparelho diferente, conforme o pedido de Lysímaco Ferreira da Costa, em 1908, mais de vinte anos antes. Apresento uma imagem (Figura 27) da coleção de 1941, a qual traz o mesmo armário da imagem da reportagem do periódico *O Dia*, e ainda outros materiais:



Figura 27: Gabinete de Física. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP

No relatório de 1909, o diretor Artur Cerqueira volta a citar os pedidos de Lysímaco, afirmando que o lente de física e química continuava a insistir quanto à necessidade de modificações nos laboratórios, bem como a necessidade de um preparador como auxiliar. Já no relatório do ano seguinte, 1910, o mesmo diretor geral escreve:

Attendendo aos reiterados pedidos do lente de Phisica e Chimica do Gymnasio e Escola Normal, foi preparada uma sala destinada especialmente ao gabinete e aulas de chimica, com os componentes moveis e utencilios, faltando apenas a nomeação de um preparador, pelo qual continua a insistir o mesmo lente. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1910)

Ainda em relação às modificações feitas na instituição, nesse mesmo documento, o diretor relata que foi montado um gabinete para o “Delegado Fiscal do Governo Federal junto ao Gymnasio Paranaense”. Relata também que naquele ano o prédio havia sido beneficiado com os serviços de água e esgoto, o que atesta que até o ano de 1909 a situação devia ser mais precária em relação a esta questão. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1910)

A Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental, conhecida como Reforma Rivadavia, decretada em 1911 pelo ministro Rivadavia Correa, eliminou os privilégios representados pelos certificados de exames ginasiais e de preparatórios dos estabelecimentos equiparados. Resumindo, a reforma acabou com o regime de equiparação ao Ginásio Nacional, dando mais autonomia aos ginásios estaduais. (NAGLE, 2001)

No Ginásio Paranaense foram sentidos os efeitos da queda do regime de equiparação, principalmente em relação às matrículas. Segundo Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Diretor Geral da Instrução, no ano de 1913 ainda estava sendo utilizado o regulamento do Ginásio Nacional, anterior à Reforma Rivadavia. O diretor discorre sobre a urgência de reformulação do programa de ensino, adaptando-se à nova situação, pois o estabelecimento já havia perdido muitos alunos. Sem a garantia de ingresso às universidades, muitos alunos deixaram o Ginásio. Segundo Francisco Ribeiro, a própria Universidade do Paraná havia aberto um curso de preparatórios, o qual acabou sendo preferido por muitos alunos do ginásio. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1913)

Em 1915, uma nova reforma reestabelece o regime de equiparação, contudo sem muitos privilégios desta vez, e também restaura os exames de preparatórios, os quais garantiam o ingresso para a instrução superior. (NAGLE, 2001) No relatório da Secretaria dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, de 1915, o secretário discorre sobre os benefícios da equiparação ao Colégio Pedro II, contudo, o Ginásio Paranaense obtém novamente esta titulação apenas no ano de 1917. No entanto, o secretário apresenta um tom otimista em relação ao crescimento do número de matrículas para o Ginásio, proporcionado pela volta da equiparação. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1915)

Através do relatório de 1916 é possível ter uma ideia de como a equiparação, sua extinção e posterior retorno, influenciou no funcionamento do Ginásio. Segundo o Diretor do Ginásio, Sebastião Paraná, após a extinção do curso de preparatórios, as matrículas no curso secundário voltam a crescer, pois tinham diminuído consideravelmente com o fim da equiparação e também com a instituição do curso de preparatórios pela Universidade. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1916 – Relatório Anexo)

Em relação a um preparador para auxílio e cuidado do laboratório de física e química, ainda neste mesmo relatório, de 1916, o diretor atesta ao secretário que havia nomeado um acadêmico da Universidade para o cargo no início daquele ano, porém em agosto o aluno pediu afastamento por conta da época de exames. Sebastião Paraná solicita autorização para nomear outra pessoa para o cargo, uma vez que o servente da instituição não possuía as

qualidades específicas para exercer aquela função. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1916 – Relatório Anexo). Este relato indica que mais um aspecto da solicitação do professor Lysímaco da Costa havia sido atendido, ainda que posteriormente. Outra questão interessante é a necessidade de conhecimentos específicos que o preparador deveria ter, pois, além de organizar os materiais do laboratório, auxiliava o professor nas demonstrações.

No ano de 1917 o Ginásio é novamente equiparado ao Colégio Pedro II, sendo apresentada uma cópia do decreto pelo diretor, no relatório. Um dado que chama atenção nesse documento é o quadro de despesas do Ginásio, no qual são percebidas verbas específicas para o laboratório de química e física, indicando ser um local único, e ainda há despesas referentes a um laboratório de história natural, o qual até o momento não havia sido citado nos documentos. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1917 – Relatório Anexo). No relatório de 1918, o mesmo diretor, relata que, durante este ano, dois alunos do Ginásio foram nomeados para exercerem alternadamente, os cargos de preparador dos gabinetes de química e física e de história natural. (PARANÁ, *Relatório de Governo*, 1918 – Relatório Anexo)

A configuração espacial dessa instituição, durante o período em que permanece neste prédio, passa por inúmeras modificações. Ao longo dos anos em que funcionaram juntos, Ginásio e Escola Normal, percebem-se disputas em torno dos dois cursos, sendo que em determinados momentos há uma maior valorização do curso ginasial e em outros do curso normal, dependendo da postura dos diretores. Todos concordavam, no entanto, quanto ao ideal de separar as instituições, uma vez que possuíam propósitos diferenciados. Contudo, não havia estrutura e tampouco professores suficientes para atender tal demanda.



Figura 28: Edifício da Escola Normal, inaugurado em 1923. **Estado do Paraná**. Empresa Editora Brasil. São Paulo, 1923.

Em 1923, na gestão de Lysímaco Ferreira da Costa como Diretor da Escola Normal e do Ginásio Paranaense, o curso normal instalou-se em local exclusivo⁵⁰, prevalecendo a ideia de que o curso normal deveria receber nova identidade. O prédio (Figura 28) foi construído especialmente para a então Escola Normal Secundária⁵¹ e possuía proporções adequadas, além de ter sido difundido sob a denominação de Palácio da Instrução Paranaense.

⁵⁰ Hoje a instituição possui o nome de *Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto*, situado à rua Emiliano Pernet, no centro de Curitiba e em funcionamento no mesmo edifício, inaugurado em 1923.

⁵¹ Passa a denominar-se Escola Normal Secundária a partir de 1923. Importante pensar na década de 1920 como aquela em que foi realizada a Reforma Educacional no Paraná, nas palavras do próprio Inspetor Geral do Ensino, Cesar Prieto Martínez, em relatório do ano de 1922. Outro nome que figura como autor e ator da reforma educacional do Paraná é Lysimaco Ferreira da Costa, que exerceu a direção do Ginásio Paranaense, de 1920 até 1928, e nesse período também foi diretor da Escola Normal, sendo o responsável pela reestruturação desta instituição de ensino.

3 O ESPETÁCULO DO PATRIMÔNIO MATERIAL: ENTRE A EXIBIÇÃO E A (IN)UTILIZAÇÃO DOS OBJETOS

A partir de 1916, com a desvinculação da Direção Geral da Instrução Pública, os relatórios passam a ser emitidos pela direção do Ginásio Paranaense separadamente. Esse documento anual passou a ser remetido do Diretor do Ginásio e do Diretor da Escola Normal para o Diretor Geral da Instrução⁵². Tais relatórios, a partir de 1916 não foram encontrados anexados aos relatórios do governo, seja da Inspetoria de Ensino, seja da Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública. Cópias de alguns relatórios da direção do Ginásio encontram-se nos acervos do Colégio Estadual do Paraná e da Biblioteca Pública do Estado, mas ainda permanecem algumas lacunas. O preenchimento de tais lacunas foi galgado através das outras fontes do acervo em questão, a exemplo do jornal da instituição.

Dentre os relatórios encontrados, emitidos pela direção do Ginásio, o do ano de 1928 é o mais completo, pois relata todos os acontecimentos da instituição, apresenta cópia das Atas da Congregação e traz anexos de todo o movimento de matrículas. Neste relatório há ainda um levantamento patrimonial detalhado, com inventário individual de cada espaço, sala ou gabinete do Ginásio.

Após a saída da Escola Normal, no ano de 1923, o espaço interno do Ginásio Paranaense passou a ser exclusivo dessa instituição. Durante essa década, vários materiais pedagógicos foram adquiridos e são identificadas algumas salas especiais que anteriormente não existiam, como a sala de História Natural. Novos gabinetes passam a figurar entre as salas administrativas, a exemplo do Gabinete dos Lentes. (Ginásio Paranaense. *Registro de Pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino*. 1928)

Segundo discurso proferido pelo governador Caetano Munhoz da Rocha no Congresso Legislativo, em 1923, o Ginásio Paranaense continuava equiparado ao Colégio Modelo da República⁵³, e, nas palavras do governador, “estava sob a fiscalização competente do Inspetor Federal João de Oliveira Franco”⁵⁴. Afirmava ainda o elevado conceito da instituição e que apesar de bem aparelhado em termos materiais,

⁵² Ou Inspetor Geral do Ensino, a partir de 1920.

⁵³ Anteriormente a essa data, a última equiparação data de 1917. Decreto n. 675 do Governo do Estado de 28 de setembro de 1917.

⁵⁴ O cargo de Inspetor Federal era exercido junto às instituições de ensino secundário, sob a atuação do Conselho Superior de Ensino. Em 1910 foi montada uma sala no prédio do Ginásio para o Delegado Fiscal do Governo Federal, fato relatado pelo Diretor da Instrução, em relatório referente à este ano.

fez-se nova encomenda de material para os laboratórios de ciências físicas e naturais, afim de que a eficiência do ensino aí ministrado seja completa e os progressos científicos possam ser apreciados pelos estudantes em seus aspectos experimentais modernos. (PARANÁ, *Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Presidente do Estado Caetano Munhoz da Rocha*, 1923)

É simbólico que na mensagem do presidente do estado, nas poucas palavras em que se refere ao Ginásio da Capital, a ênfase tenha sido na encomenda de novos materiais para a instituição. Cita ainda os “métodos experimentais modernos”, os quais estavam cada vez mais presentes nos discursos das autoridades, ainda que não fique claro se, na prática cotidiana, os professores utilizavam-se de tais métodos.

O diretor Lysimaco Ferreira da Costa, no relatório referente à este ano, destaca o aparelhamento didático do Ginásio:

Dispõe o Gymnasio de ótimo material de ensino. Todas as matérias que exigem ensino prático, como sejam, Geografia, Física, Química, Zoologia, Botânica, Geologia e Mineralogia, dispõe de material ilustrativo e laboratórios satisfazendo as necessidades do ensino e da praticagem dos alunos. Esta diretoria visando sempre a renovação e ampliação desse material, já fez novas encomendas da França, esperando aparelhar cada vez mais o estabelecimento para a boa execução do ensino e dotando-o de recursos modernos de investigação científica. (PARANÁ, *Relatório da Diretoria do Ginásio Paranaense*, 1923)

A ampliação e renovação do material são veiculadas no discurso da direção como meta, a qual estava sendo cumprida. Dentre as disciplinas apresentadas como aquelas que necessitavam de material específico estão Geografia, Física, Química e História Natural. O investimento nessas disciplinas pode ser analisado nos inventários e também nas fotografias analisadas. Foram localizados quadros murais pertencentes a uma coleção intitulada “Quadros para o ensino intuitivo”, os quais datam de 1932, e constam no levantamento de materiais didáticos da Cadeira de Geografia de 1941. Alguns exemplares de tais quadros serão apresentados adiante.

Sobre o princípio da igualdade de condições, proporcionado pelo regime de equiparação é interessante observar que a Seção de Internato do Ginásio Paranaense também funcionava aos moldes do Colégio Pedro II e gozava dos privilégios desse sistema: “Em qualquer dessas seções o ensino obedece aos planos, programas, horários e disciplina estabelecidos no Colégio Modelo, o que torna válidos em toda a República, para todos os efeitos, os exames prestados pelos alunos.” (PARANÁ, *Relatório da Diretoria do Ginásio Paranaense*, 1923) Observar que, como ainda estava funcionando o sistema de exames

parcelados e preparatórios avulsos, o regime de equiparação funcionou como o grande diferencial das instituições de ensino secundário, nos períodos em que vigorou⁵⁵.

No relatório do ano de 1925, o diretor Lysimaco Ferreira da Costa cita a Reforma do Ensino Secundário (Decreto Federal n. 16.782 de 13 de janeiro de 1925), que extingue os cursos de preparatórios e altera a natureza dos cursos seriados do colégio modelo e consequentemente dos ginásios equiparados.

Através da fala do diretor é possível perceber um tom de crítica em relação à perda de autonomia que a reforma gerou, pois afirma que o estabelecimento de ensino passou a ser regido, quase que exclusivamente, pelas determinações do Departamento Nacional do Ensino. Em contrapartida, parecendo justificar-se, ressalta as elevadas intenções do Departamento em melhorar a qualidade do ensino secundário e, por esse motivo, o Ginásio esforçava-se quanto ao cumprimento de todas as determinações. (PARANÁ, *Relatório da Diretoria do Ginásio Paranaense*, 1925)

No relatório de 1928, o diretor Algacyr Munhoz Mader ressalta a falta de adequação e estrutura do edifício do Ginásio. Segundo esse relato, o espaço da instituição já não comportava mais as atividades da mesma, a exemplo no número de salas de aula, o qual não permitia a instalação de uma sala para cada disciplina, como era desejado. A instalação de “cada aula em uma sala”, conforme palavras do diretor, seria o ideal: para o bem estar de professores e alunos. (PARANÁ, *Relatório da Direção do Ginásio Paranaense*, 1928)

Em um primeiro momento causa estranhamento essa observação, pois o diretor não menciona quais seriam as soluções para tal problema, se era o caso de um novo prédio, ou se o edifício poderia ser ampliado, por exemplo. No entanto, insiste no tema, apresentando em seguida uma série de problemas em relação às instalações:

Outras imperfeições são: a falta de uma entrada independente das senhoras alunas; a falta de acomodação para os alunos em geral durante os intervalos de aulas quer no interior do Estabelecimento quer no pátio; as inconvenientemente localizadas e insuficientes instalações sanitárias e a falta absoluta de bebedouros higiênicos e de lavatórios. (PARANÁ, *Relatório da Direção do Ginásio Paranaense*, 1928)

Uma das entradas laterais existente no edifício, anteriormente utilizada pelas alunas da Escola Normal, não era mais utilizada, fato constatado pela fala do diretor, que leva a crer que todos os alunos estavam utilizando uma única entrada. Com o passar do tempo, mulheres

⁵⁵ Analisando as diversas reformas do ensino, observa-se que esse sistema de privilégios, que tomava o Colégio Pedro II como modelo, não teve uma permanência regular.

passaram a fazer parte do corpo discente do Ginásio, o que demonstra que as questões de gênero continuavam presentes.

Do Anuário do Ginásio Paranaense de 1929, publicação que traz várias informações da instituição com o intuito de divulgação externa, destaco a presença feminina, pois há mulheres nas turmas de 3º, 4º e 5º anos. O espaço na sala de aula é segregado, indicando que no restante do edifício permaneciam as divisões de gênero, questão evidenciada pelas imagens a seguir (Figuras 29, 30, 31 e 32).



Figura 29: Aula de Filosofia do 5º ano. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba.



Figura 30: Aula de Inglês. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Chamo atenção para a intenção de produção desse material, o qual nos apresenta o cotidiano da instituição, alunos e professores em seu ofício diário. Proponho como reflexão que o leitor coloque atenção nessas representações das **aulas**, para que possam ser comparadas com as representações das **salas** que serão analisadas no decorrer deste capítulo. Ao representar o ato de ensinar, a aula de determinado professor, a preocupação foi de que os alunos estivessem em seus lugares e que o respectivo professor estivesse ao lado. Na figura 31, mais adiante, percebe-se a tentativa de captar o momento natural da explicação de uma lição, no entanto, não conseguindo escapar dos olhares curiosos dos alunos. Em contraposição, nas representações dos espaços, tanto nos jornais quanto no material fotográfico produzido pela instituição, a ênfase é no espaço e nos objetos, os quais em nenhum momento estão em uso.

3.1 ESPAÇOS, OBJETOS E TRAJETÓRIAS.

As mudanças educacionais ocorridas entre as décadas de 1920 e 1940 impulsionaram o aumento do patrimônio total da instituição, o que já vinha ocorrendo, principalmente em termos de quantidade de material pedagógico adquirido. Os pareceres das comissões de docência, finanças e ensino, realizados em 1919, 1928 e 1942 demonstram esse aumento.

No relatório da comissão de tomadas de contas, de 1919, consta:

Prédio onde funciona o Gymnasio Paranaense, á rua Ébano Pereira, com jardim e muro de gradil de ferro pelo valor de cento e cinquenta contos de réis (150.000\$000); moveis e utensílios do estabelecimento, registrados todos no respectivo livro, pelo valor de onze contos quatrocentos e trinta e três mil e quinhentos réis (11.433\$500); material escolar, compreendendo carteiras, bancos, mesas, cadeiras, estas de usos nas aulas, registradas no livro respectivo, pelo valor de dezessete contos setecentos e dezessete mil réis (17.717\$000); laboratório de Física pelo valor de cinco contos e quinhentos mil réis (5.500\$000); laboratório de Química pelo valor de três contos de reis (3.000\$000) e laboratório de Historia Natural pelo valor de três contos de réis (3.000\$000), total do valor dos laboratórios onze contos e quinhentos mil réis (11.500\$000); Biblioteca formada de cento e trinta volumes, pelo valor de um conto e cem mil réis (1.100\$000).(*Livro de Pareceres da Comissão de Finanças do Ginásio Paranaense 1918*)

O valor total entre móveis, material escolar e materiais de laboratório soma quarenta e um contos, seiscentos e cinquenta mil e quinhentos réis (41.650\$500). Neste parecer consta o inventário de material mais antigo encontrado, no qual estão discriminadas as salas existentes, quais sejam: **Sala de geografia, Sala de aritmética, Sala de Física, Sala de Química**, e mais cinco salas não especificadas. Os materiais (móveis e utensílios) discriminados por sala são referentes apenas às salas de aula, não incluindo os espaços administrativos como gabinete da direção e secretaria. Nesta listagem também não estão especificados os materiais que compunham os laboratórios de Química e Física e História Natural, porém estavam incluídos nos valores totais do patrimônio, conforme mencionado na citação acima. (*Livro de Pareceres da Comissão de Finanças do Ginásio Paranaense 1918*)

A maioria das salas de aula estava equipada com carteiras de tipo americana (Figura 31), uma secretária (escrivadinha) ou mesa de pinho ou imbuia, e um estrado de pinho, usado para deixar a mesa do professor num nível mais elevado, em relação às carteiras dos alunos⁵⁶. Algumas salas possuíam ainda uma escarradeira e uma, duas ou três cadeiras austríacas (Figura 32). (*Livro de Pareceres da Comissão de Finanças do Ginásio Paranaense 1918*)

⁵⁶ O efeito pode ser observado na Figura 31.

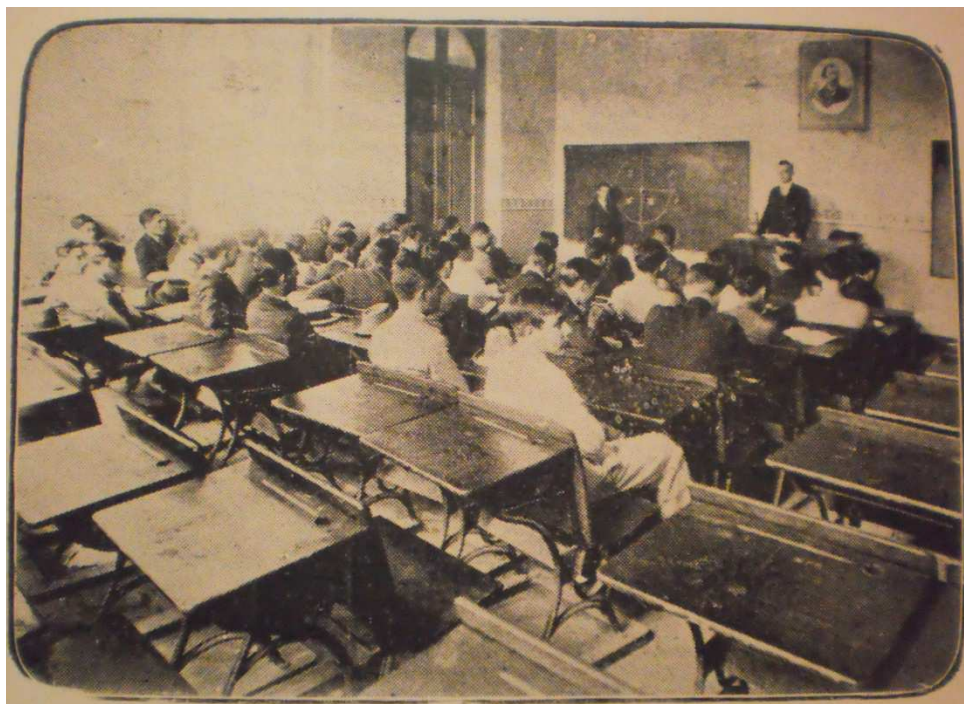


Figura 31: Aula de Geometria. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba⁵⁷



Figura 32: Aula de Física. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba.⁵⁸

⁵⁷ Nesta imagem é possível visualizar as carteiras do tipo americano. Essas são carteiras americanas simples (individuais), sendo que em algumas salas existiam carteiras americanas duplas, as quais eram ocupadas por dois alunos.

⁵⁸ Nesta sala as cadeiras são do tipo austríaca, constituídas de madeira e vime (assento), também há pequenas mesas de madeira compondo os “conjuntos” utilizados por cada aluno individualmente, embora as mesas estivessem juntas.

O parecer seguinte, da comissão de contas, datado de 1928, apresenta o valor de cinquenta e dois contos e quatrocentos e trinta e sete mil e quinhentos réis, entre material escolar, gabinetes e laboratórios. Em dez anos o patrimônio interno aumentou pouco mais de dez contos de réis, sem considerar a valorização do imóvel.

Este parecer é muito detalhado, pois os dados são apresentados numa tabela: primeiramente, com os valores totais e, em seguida, há o inventário, denominado à época de arrolamento, de todos os objetos e móveis existentes, divididos por sala/gabinete. Neste arrolamento estão incluídos todos os materiais de laboratórios e gabinetes: instrumentos de física divididos por área⁵⁹, animais taxidermizados, amostras de insetos, plantas e minérios, além de todo o mobiliário e objetos auxiliares do ensino existentes em cada sala. (Anexo I)

Esta fonte é muito interessante, pois permite o conhecimento e distinção dos ambientes administrativos e os objetos que os compunham. Podem ainda ser identificadas as funções do diretor e vice-diretor, do inspetor de alunos e do inspetor federal, cada um com um gabinete próprio. A partir dessas informações, identifica-se, em meio às fotografias selecionadas (a maioria sem a identificação da função da sala), o gabinete dos professores:

⁵⁹ Barologia, eletricidade, ótica e mecânica.



Figura 33: Gabinete dos professores. Reprodução. 1946. Acervo CM-CEP.

Nesta imagem (Figura 33) destaco alguns detalhes, por exemplo, a existência de uma pequena biblioteca, com vários livros, armazenados nos armários com porta de vidro. Ao fundo da imagem visualiza-se um suporte de madeira com cabides (também chamado de chapeleira), o que era comum em todos os gabinetes. Há uma mesa central forrada por uma toalha e várias poltronas de madeira revestidas em couro. Essas poltronas diferenciam-se das cadeiras utilizadas pelos professores nas salas, por serem mais confortáveis, ao passo que as usadas em sala de aula eram mais simples.

Na representação dessa sala, portanto, há uma intenção de demonstrar a distinção deste local. Nele, mesmo no cumprimento do seu dever, o professor poderia ter um momento de maior conforto e até mesmo de descanso. Já, nos inventários encontrados (1928 e 1931) essas poltronas de madeira e assento em couro, estão presentes apenas nos levantamentos patrimoniais dos gabinetes do Diretor e do Inspetor Federal. É possível, que neste ínterim, as mesmas tenham sido transferidas para o gabinete dos lentes, que anteriormente possuía cadeiras mais simples.

Estas informações podem ser complementadas com o levantamento existente no Relatório da Direção do Ginásio Paranaense de 1928. Através do levantamento de objetos existente neste documento (Anexo I) é possível afirmar que o gabinete dos lentes possuía, de

mobiliário, três armários de pinho, um cabide, uma mesa de imbuia e algumas cadeiras. Além de vários objetos como um relógio e quadro para horário, tinteiro, filtro de água, bacia e jarro esmaltados para lavar as mãos.

Em alguns veículos da imprensa, durante a década de 1930, os aspectos materiais do Ginásio Paranaense ganham destaque, principalmente nos impressos diários. Em 16 de fevereiro de 1934 o jornal *A Gazeta do Povo* publicou reportagem, ressaltando os aspectos positivos da instituição, com notas sobre a organização dessa casa de instrução. O título da reportagem é “Ginásio Paranaense” e o subtítulo: “O que é o conceituado estabelecimento de ensino secundário oficial do Paraná – As diversas dependências daquela casa de instrução, seus gabinetes e laboratórios otimamente instalados – O ilustrado corpo docente do Ginásio Paranaense – Diversas notas sobre a organização daquele estabelecimento e sobre sua orientação no ensino pratico.” (*Gazeta do Povo*, 16/02/1934)

Os espaços do estabelecimento são explorados por fotografias, as quais representavam o Gabinete de Geografia, Cinema Educativo, Museu de História Natural, Gabinete de Física, Biblioteca e uma fotografia do diretor Dr. Guido Straube (Figura 34). Além das imagens, são descritos todos os espaços, incluindo aqueles que não estão representados por imagens, como o gabinete do diretor, a sala de desenho, o gabinete dentário e laboratório de química.



Figura 34: Reportagem. *Gazeta do Povo*. 16/02/1934. Acervo CM-CEP.

No texto (Anexo VI), a afirmação do autor, logo no início da redação, de que estava revisitando aquele espaço é significativa, pois é um indicativo de que existia uma relação afetiva entre o jornalista e a instituição, na qual viveu como aluno. O tom de exaltação à instituição perpassa todo o texto e, logo nos primeiros parágrafos afirma que era visível a remodelação pela qual o Ginásio havia passado, causando “grande surpresa”. A precariedade do passado é oposta à suntuosidade e prosperidade material percebida naquele momento, segundo o jornalista. É imprescindível problematizar essas falas, pois o papel assumido por este e outros jornais locais era de total adesão ao regime varguista. Elogiar a situação patrimonial dessa instituição de ensino pública era elogiar diretamente a atuação do interventor Manoel Ribas e do governo central. A oposição a um passado de precariedade é uma estratégia comumente utilizada e muito explorada pelos governantes, fato que durante o Estado Novo ocorreu de maneira significativa.

O periódico *O Dia*, de 23 de fevereiro de 1934, publicou reportagem muito semelhante (Figura 35), porém com a finalidade de esclarecer ao público sobre os cursos pré-ginásio e de maturidade. O título da reportagem traz essa informação central, porém o subtítulo “As excelentes instalações do tradicional estabelecimento de ensino onde serão ministradas as aulas desses cursos que terão início do mês de março”, indica que os espaços da instituição de ensino seriam colocados à mostra.



98

E ainda, *O Correio do Paraná*, em primeiro de janeiro de 1935 publicou uma reportagem sobre o Ginásio (Figura 36), na qual também são valorizados principalmente os seus aspectos materiais. De acordo com a reportagem, o Ginásio era motivo de orgulho para a sociedade curitibana e paranaense, e isto estava exposto no título da matéria: “O estabelecimento de ensino secundário que muito nos orgulha”.



Figura 36: Reportagem. Correio do Paraná. 01/01/ 1935. Acervo CM-CEP.

Como nas reportagens citadas, esta também traz fotos, mas apenas do cinema educativo e da sala de história natural. Os demais locais são descritos, sendo também dedicado um item para cada espaço, seguindo o modelo das reportagens do ano anterior dos outros periódicos. O objetivo dessa reportagem é explicar a natureza dos cursos pré-ginásial e de madureza, os quais estavam sendo implementados e a constituição material oferece legitimidade e demonstra a importância do Ginásio Paranaense, que naquele momento estava equiparado ao congênere nacional.

Os textos dessas duas últimas reportagens (Anexos VII e VIII) apresentam ao seu público leitor os cursos pré-ginásial e de madureza do Ginásio Paranaense. Para tanto, fazem

um apanhado geral de todas as instalações da instituição de ensino e apresentam seu corpo docente. A reportagem do *Correio do Paraná* explica inicialmente a finalidade dos cursos que estavam sendo implantados: o curso pré-ginasial tinha por fim preparar os jovens para o exame de admissão para ingresso no Ginásio. Já o curso de madureza, de acordo com o texto jornalístico, apresentava a possibilidade dos alunos que já possuíam algum conhecimento, mas não tinham condições de completar o curso de sete anos, de concluir o secundário em apenas três anos.

Da mesma forma que o texto anterior, essa reportagem apresenta alguns números relacionados à quantidade de materiais existente em alguns ambientes, a exemplo: a quantidade de livros da biblioteca, amostras de rochas e minerais e também a quantidade de aparelhos de física. São citadas todas as salas especiais, sendo que de algumas são descritos os objetos pedagógicos, como da sala de geografia, pois o cenário da sala é montado: “diversos mapas e pranchas, tabuleiros para manipulações com areia, aparelhos para a formação de dobras orgânicas, chuvas e rios, além de telúrios, aparelhos para observações climáticas, hemisférios e modelos demonstrativos das diferentes raças humanas” (*Correio do Paraná*, 01/01/1935)

Há muitos aspectos em comum entre essas três reportagens: a abordagem, a forma como exaltam a instituição educacional, o tipo de escrita e a finalidade a que esses textos jornalísticos se propunham, a valorização dos materiais e corpo docente, enfim, tornam as reportagens em alguns trechos exatamente iguais. Nos dois últimos textos, especialmente, que tratam dos cursos pré-ginasial e de madureza, a semelhança é mais evidente. Nos últimos tópicos que tratam das instalações dos laboratórios e de outras salas equipadas com materiais específicos o texto é idêntico. Em relação às três reportagens, através de uma comparação atenta constata-se que o trecho final é idêntico nas três, quando apresentam o corpo docente, a biblioteca e gabinetes da direção e dos professores.

As três reportagens destacam a importância das instalações e dos materiais do Ginásio utilizando termos como ensino prático e ensino moderno. Além disso, a reportagem do jornal *O Dia* afirma que a direção da instituição não media esforços para atender às exigências do Departamento Nacional de Educação. Essas notícias, veiculadas por esses jornais, tinham o objetivo de reforçar a atuação do referido departamento e legitimar o esforço da direção e corpo docente do Ginásio Paranaense, no sentido de manter a instituição no patamar de estabelecimento oficial. As medidas centralizadoras e fiscalizadoras do Estado Novo exigiam um empenho mais aguçado, e este estava sendo reconhecido pela imprensa.

Para tanto, não se pode deixar de pensar no caráter de encomenda, ao qual essas reportagens aludem. Primeiramente, pela repetição da redação de parte considerável dos textos. A partir disso é possível pensar em um texto modelo para essas e, possivelmente, para outras reportagens da época sobre a instituição. E ainda, outra característica importante em relação a essas três notícias: elas foram recortadas e coladas em um livro de registro intitulado *Livro de Registros de Publicações Oficiais do Ginásio Paranaense*. O livro contém, além dessas reportagens, várias publicações referentes às épocas de matrículas e exames do Ginásio, decretos e editais da Diretoria da Instrução e da Inspetoria Federal de Ensino.

De acordo com Chaves Junior (2004), a partir dos anos iniciais da década de 1940 é possível perceber a presença de imagens nos relatórios do Ginásio Paranaense enviados aos órgãos de inspeção federal. Pensando nos materiais referentes à educação física, sugere que os registros fotográficos eram minuciosamente arranjados e que representavam um cotidiano idealizado da instituição. (CHAVES Jr., 2004).

Chamo atenção para o que significou o uso de imagens, principalmente do registro fotográfico, no período do Estado Novo. O governo de Getúlio Vargas fez largo uso de imagens como propaganda política, sendo intensificada no final da década de 1930. Outro poderoso e eficiente meio de propaganda política do período foi o cinema, amplamente difundido através de ações de estímulo ao cinema nacional. O caráter convincente e, portanto, pedagógico da imagem em movimento foi explorado pelo regime varguista.

3.1.1 O Cinema Educativo

Nas primeiras décadas do século XX o cinema passou a ser utilizado como recurso educativo no Brasil, intensificando-se na década de 1930. O Cinema Educativo foi introduzido no ensino primário do Distrito Federal, através da reforma educacional empreendida por Fernando de Azevedo, na década de 1920. Em 1928 foi realizada a primeira Exposição de Cinematografia Educativa na capital federal. (MONTEIRO, 2006)

O movimento da Escola Nova, almejando a modernização da sociedade brasileira através da educação, incluiu no seu projeto o rádio e o cinema como instrumentos pedagógicos fundamentais para a educação das camadas populares e para a integração de diversas regiões do país através da produção imagética de um sentimento de nacionalidade. (SILVA, 2007, p.7)

O Cinema Educativo, como recurso didático, foi inserido na escola juntamente com um conjunto de métodos inovadores e de uma nova maneira de pensar a educação. Mesmo sendo recebido como uma ideia inovadora, o cinema na escola foi considerado muito perigoso. Para tanto, eram necessários professores bem preparados para trabalhar com esse recurso, bem como um rigoroso controle na composição de coleções, com o intuito de que a finalidade pedagógica pudesse ser devidamente alcançada. (MONTEIRO, 2006)

As ideias veiculadas na Revista Cinearte na década de 1920 demonstram a missão civilizadora do cinema nacional. A criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo, em 1937, reforçou esse papel civilizador do cinema, na medida em que suas produções de documentário e filmes científicos tinham caráter pedagógico e, além de serem distribuídos às escolas, eram exibidos em outros espaços públicos. (SILVA, 2007)

A partir de um necessário processo de estruturação do poder estatal, os políticos do Estado Novo articularam-se no sentido de ampliar as esferas de influências do estado, estas não deveriam limitar-se aos locais já conhecidos do fazer político, como o sindicato. O governo Vargas, em seu movimento autoritário, busca apresentar a verdadeira reflexão sobre o espírito da brasilidade, percebendo as múltiplas possibilidades diluídas na cultura. (VELLOSO, 2003)

No contexto do Estado Novo o cinema foi apropriado, sendo usado seu potencial na propagação os valores patrióticos e morais. O cinema, bem como o rádio e outros meios de propaganda, foi utilizado como um instrumento auxiliar da política varguista. O Cinema Educativo apresentava-se então como um grande aliado em termos de massificação cultural.

Quanto à instalação do projetor de cinema no Ginásio Paranaense, foi mencionada pela notícia da Gazeta do Povo, anteriormente citada (Anexo VI):

Com luxuosa instalação no Salão Nobre daquele estabelecimento, o cinema Educativo, recentemente inaugurado, possui um ótimo projetor “Pathé”, com alcance de 36 metros, para vistas fixas e animadas que são projetadas durante as conferências dos professores. Com acomodação para 500 alunos esse salão possui também um radio de 5 válvulas e um piano Essenfelder⁶⁰ para concertos. (GAZETA DO POVO, 16/02/1934)

⁶⁰ Por volta de 1890 o alemão Florian Essenfelder chegou a Curitiba e começou a fabricar pianos de vários modelos. Segundo depoimento de vários pianistas profissionais, a qualidade dos pianos Essenfelder sempre foi comparável às tradicionais marcas estrangeiras. O negócio familiar durou até 1996, quando a empresa foi fechada devido à grave crise financeira. Há um curta-metragem sobre a história da Essenfelder intitulado *Entre Concertos e Consertos: A arte da afinação de pianos*. In: **Os órfãos da Essenfelder**. Gazeta do Povo, 29/01/2011, disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1091474&tit=Os-orfaos-da-Essenfelder>

A criação do Cinema Educativo do Ginásio Paranaense ocorreu em 19 de agosto de 1933. As conferências citadas pelo jornal estavam sendo realizadas mensalmente, durante o ano letivo, desde 1928. As Conferências Mensais eram proferidas por lentes da casa sobre assuntos de interesse público, principalmente relacionados à saúde, e eram abertas à população. (*Livro de Ofícios Expedidos pela Direção do Ginásio Paranaense*, 1928)

É importante pensar nesses eventos como uma forma de afirmação da função sócio-educativa do Ginásio Paranaense na sociedade curitibana. Essas palestras tinham o caráter de disseminar conhecimentos considerados importantes para o conjunto da população, como o combate ao alcoolismo e ao tabagismo.

Com a aquisição do projetor, no ano de 1933, as referidas conferências passaram a ser incrementadas com projeções fixas e com filmes relacionados ao tema da conferência. O Cinema Educativo do Ginásio Paranaense foi pensado especialmente para uso interno, como auxiliar didático dos professores.

Segundo documento enviado pelo vice-diretor Algacyr Mäder para o professor Guido Straube, a inauguração do cinema ocorreu bem, com sessão proferida pelo Diretor Geral da Instrução Octávio da Silveira. Segundo o documento, citado por Ernani Straube, os filmes exibidos haviam sido emprestados da Escola Normal. (STRAUBE, 1990) Essa informação é muito instigante, pois demonstra que já existia um projetor na Escola Normal Secundária, fato que merece ser investigado.



Figura 37: Cinema Educativo do Ginásio Paranaense. Data atribuída: 1935. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

Esta é a única imagem encontrada no acervo referente ao Cinema Educativo. Esta fotografia é do Salão Nobre do Ginásio, onde eram exibidas as projeções, e se assemelha com aquelas publicadas nos jornais anteriormente citados. O que se vê nessa imagem é apenas uma tela à frente das cadeiras do salão, contudo, as informações analisadas nos fornecem indícios de que este espaço foi efetivamente utilizado como um espaço para conferências e exibição de filmes educativos.

A reportagem a seguir, retirada do Jornal do Colégio, reforça essa informação:

CINEMA EDUCATIVO. Por nímia gentileza do Centro de Cultura Inter-Americano, no dia 14 de agosto próximo passado, às 11, às 16 e às 21 horas respectivamente, foram projetados no salão nobre do Colégio Estadual do Paraná, excelentes filmes de caráter educativo. Foram os seguintes os filmes projetados: Jornal n. 36 – Invasão; Ondas sonoras e suas origens; Coisas que os olhos não veem; O coração e a circulação do sangue; Pelas Américas. Sendo a exibição composta de filmes tão selecionados, não poderia deixar de causar viva satisfação entre os alunos de nosso educandário, como de fato causou. (Jornal. *Colégio Estadual do Paraná*, agosto de 1944)

O Salão Nobre da instituição teve múltiplas funções durante todo o período de utilização do edifício. Serviu como sala de projeções do cinema educativo, mas também foi

palco de vários ciclos de palestras, a exemplo das Conferências Mensais já mencionadas. Internamente, o espaço do Salão Nobre também foi utilizado para a realização das reuniões da Congregação⁶¹ e, de acordo com os registros fotográficos, sediou a biblioteca da instituição.

A seguir, apresento outras duas representações do Salão Nobre, ambas da coleção de 1941. Nesta primeira fotografia, chama atenção à primeira vista os símbolos da república: uma reprodução de um quadro de Marechal Deodoro exatamente ao centro e, junto a este, as bandeiras do Brasil e do Estado do Paraná. A imagem de Deodoro destaca-se no salão e em torno do mesmo vê-se os quadros da “Galeria dos Lentes”, a qual ficava anteriormente na sala da Congregação.



Figura 38: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

⁶¹ Devido à lacuna existente na documentação referente às reuniões da Congregação não se sabe a partir de qual ano as reuniões passaram a acontecer no Salão Nobre. O segundo período da documentação encontrada inicia-se em 1942 e as reuniões já estavam ocorrendo neste espaço. A sala da Congregação (Figura 17) provavelmente foi transformada em um dos ambientes administrativos apresentados no item a seguir.



Figura 39: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. 1941. Acervo CM-CEP. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

A segunda imagem demonstra que este espaço também foi utilizado como biblioteca da instituição, devido à grande quantidade de armários e mesas longas com várias cadeiras, indicando ser um local de leitura. A Biblioteca Pública havia funcionado na instituição até o ano de 1930, pois segundo o diretor Padre Francisco das Chagas Torres, “Havendo sido retirada do edifício do Externato a Biblioteca Pública, outrora anexa ao Ginásio Paranaense, ficou este estabelecimento de todo privado de livros de consultas quer para lentes quer para alunos.” (PARANÁ, *Relatório da Direção do Ginásio Paranaense*, 1931)

O diretor segue relatando que, diante da necessidade de formar uma biblioteca para o estabelecimento, iniciou uma campanha para arrecadação e, com o aval da congregação, já havia adquirido alguns volumes no total de 139. Durante aquele ano havia recebido donativos de Lysimaco Ferreira da Costa, Dario Velloso e do Instituto Pitagórico. A biblioteca foi inaugurada em 19 de dezembro de 1930 e recebeu o nome de “Cyro Velloso”, em homenagem a este que havia sido lente do Ginásio, naquele momento já falecido.

Para demonstrar o caráter simbólico desse espaço e do conceito de biblioteca, é interessante narrar mais um fato relacionado a este espaço. Tal fato está registrado em Ata da Congregação como “Ata da solenidade de inauguração da biblioteca”. Sob a presidência do interventor Manoel Ribas e com a presença de autoridades civis, militares, eclesiásticas e

alunos, foi inaugurada a biblioteca do Colégio Estadual composta por 4500 volumes distribuídos em 15 armários. Não foi possível perceber, nessa e em outras fontes, se esta “nova biblioteca” funcionou em outro espaço ou no Salão Nobre mesmo. Chamo atenção para esta necessidade de reinaugurar o que já existia, a fim de espetacularizar o esforço do governo em fornecer as melhores condições materiais. Nesta mesma solenidade, o interventor Manoel Ribas prometeu a construção de um novo edifício para o Colégio Estadual do Paraná.

3.1.2 Alguns ambientes e suas atividades: entre a memória biográfica e a memória iconográfica.

Segundo o depoimento de Ernani Costa Straube (1990), ginasiano no início da década de 1940, o prédio onde estudou era um estabelecimento de ensino com salas especializadas e com vários espaços administrativos. São representadas algumas funções importantes, como a sala da inspetoria federal, o gabinete da direção, as salas de história natural, física, química, geografia, desenho etc.. Segundo o autor, no primeiro pavimento estavam instaladas cinco salas de aula, uma sala destinada à secretaria, outra à inspetoria de alunos e ainda um amplo salão nobre, um hall de entrada e um pátio externo para a prática de ginástica (STRAUBE, 1990).

No segundo pavimento encontrava-se o gabinete do diretor, do inspetor federal e a sala de professores e ainda seis salas de aula, com acesso por uma escada de madeira (STRAUBE, 1990). Destacamos a localização da direção no pavimento superior, onde se encontrava o maior número de salas de aula. Fazia parte da sala da direção uma pequena sacada, a qual pode ser vista da fachada do prédio, pois faz parte da torre frontal.

Segundo Viñao (2005), a localização da direção na configuração espacial da escola é reveladora de diferentes concepções sobre as funções da atividade de direção de um estabelecimento de ensino. De acordo com Straube (1990), o gabinete do diretor localizava-se entre duas salas de aula exatamente em frente à escada de acesso ao pavimento superior, ficando próximo também da sala de professores. O gabinete do diretor do Ginásio (Figura 39) possuía uma localização privilegiada, devido ao status dessa função.



Figura 40: Vista do Gabinete da Direção a partir da sacada. Reprodução. Governo do Estado do Paraná. 1993. Acervo CM-CEP. Data estimada: 1930.



Figura 41: Gabinete Administrativo. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

A análise detalhada dessas imagens leva a crer que se trata do mesmo espaço, embora, como os ângulos são diferenciados, o olhar possa se confundir. A segunda fotografia, pelos detalhes ornamentais, serviu para uma função de destaque: a presença da bandeira nacional chama atenção, bem como os detalhes de ornamento nas paredes, a meia-parede revestida de madeira, a presença do telefone, chapeleira e sofás que acomodavam no mínimo seis pessoas.

Com relação aos sofás, na primeira fotografia, percebe-se que algumas poltronas estão exatamente na porta de entrada, neste caso, obstruindo a passagem, o que indica que essa configuração dos móveis foi forjada especialmente para o momento do registro fotográfico. A presença dos sofás, em ambas as imagens, indica que os dois ambientes (sendo o mesmo espaço ou não) abrigaram funções que exigiam espaço propício para receber visitas. Há uma hipótese de que as duas imagens representem o Gabinete da Direção, porém em momentos diferenciados, possuindo maior diversidade ornamental na década de 1940.

Até o ano de 1915 o diretor do Ginásio também exercia a função de Diretor da Escola Normal e Diretor Geral da Instrução Pública. Há indícios⁶² de que a sala da direção também tenha funcionado no pátio interno. O gabinete do diretor diferencia-se de todos os outros locais do estabelecimento, constituindo-se em local de acesso restrito, além de ser preparado para receber visitas externas, por isso neste ambiente encontravam-se sofás, indicando ser um local de recepção.

Na próxima imagem, tirada recentemente, fica mais clara uma das localizações do gabinete do diretor, no segundo pavimento, com fácil visualização das salas de aula que ficavam nos corredores laterais desse pavimento e de todo o saguão inferior, onde ficava o restante das salas de aula e salas administrativas:

⁶² Informação existente na ata da congregação de 21 de setembro de 1942, na qual se discutiu o comportamento de um aluno e o relator do caso afirma que o aluno infrator encontrava-se no pátio, próximo ao gabinete do diretor.



Figura 42: Imagem do pavimento superior da Secretaria de Estado da Cultura. No centro da imagem a porta da sala que foi Gabinete da Direção do Ginásio/Escola Normal e onde atualmente funciona a sala de reuniões da SEEC. 2012.

Apresento novamente a planta do edifício para facilitar a compreensão da disposição dos ambientes aqui analisados. Essa planta apresenta uma nova configuração espacial e está baseada nas fontes que correspondem ao período entre as décadas de 1920 e 1940, sugerindo que essa composição do espaço tenha permanecido até o final do período analisado.

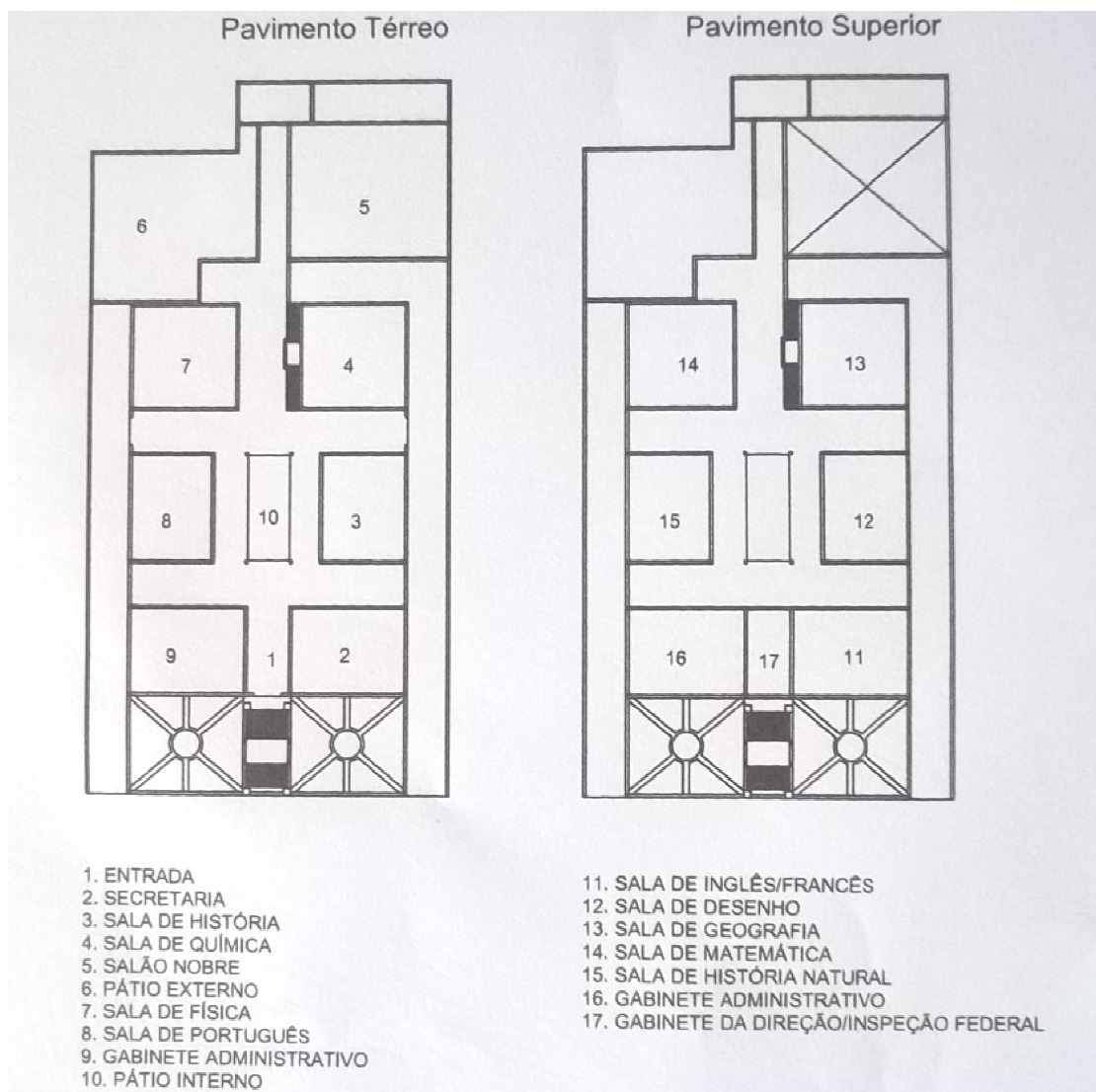


Figura 43: Desenho da planta do Ginásio Paranaense referente a 1940.

Outra função importante é a Inspetoria Federal, pois representou durante as décadas de 1930 e 1940 os olhos do Estado sobre a educação, professores e alunos. A inspetoria federal possuía gabinete próprio e era representada por um ou dois inspetores federais nomeados pelo interventor federal para exercer uma função fiscalizadora. Os inspetores federais participavam das reuniões da congregação, tomando parte, portanto, nas deliberações referentes à instituição.

Levando em consideração a descrição do Gabinete do Inspetor Federal, a qual consta no relatório de 1928 (Anexo I), percebemos que nesse período essa sala era a que possuía a maior quantidade de móveis e utensílios: cadeira giratória, mesa pequena, um bureau, uma mesa de centro, um armário, um porta chapéu, uma estante, lavatório de imbuia com pedra

mármore, porta toalhas, sofá e poltronas de imbuia estofadas em couro, e ainda um tapete grande e três pequenos e outros objetos.

No processo de elaboração da memória institucional, considerou-se que as fotografias nas quais se via um gabinete bem organizado e com os melhores móveis, estariam relacionadas à função da direção. Esse processo ocorreu sem a consideração ou o conhecimento de que existia a função da inspetoria, existente desde a década de 1920, a qual acabou sendo fortalecida pela configuração política do Estado Novo. No cotidiano do Ginásio Paranaense, o inspetor federal trabalhava em conjunto com o diretor, atuando como um fiscalizador e também como interventor. Traço essa discussão para apresentar outra hipótese, a de que a fotografia do gabinete administrativo (Figura 41) representa o gabinete do Inspetor Federal.

Outro espaço que merece ser mencionado é a secretaria, que na década de 1940 estava instalada em uma grande sala com várias escrivaninhas, algumas máquinas de escrever e uma mesa central para reuniões:



Figura 44: Secretaria. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Esta imagem sugere que um grupo de funcionários trabalhava neste local, podendo esta realidade ser oposta àquela situação vivida no início do século, quando o curso secundário do Ginásio possuía apenas cinco ou sete alunos com matrículas regulares, no máximo. Neste período a secretaria contava com o secretário e um auxiliar apenas. As

mudanças na legislação educacional referentes ao ensino secundário impulsionaram o aumento gradativo de matrículas regulares, o que fez surgir a necessidade de uma secretaria que pudesse atender tal demanda.⁶³

Sobre o período em que foi aluno do Ginásio, Germano Bayer afirma a competência dos professores, apesar de deixar a impressão de que os métodos poderiam ser outros: “Não posso ter queixa dos professores com seus métodos de ensinar, obedeciam ao que era preconizado na época. Davam boas aulas.” (BAYER, 2009) É necessário considerar que a longa experiência de Germano como professor de Educação Física do Colégio Estadual do Paraná e as viagens que fez à Europa buscando conhecer métodos novos, são fatores de peso os quais permitem uma visão crítica do autor em relação à sua própria formação. Quando escreveu a obra, *Um adolescente bem orientado*, contava com 85 anos de idade, possuía, portanto, uma longa experiência de vida, como pesquisador e educador. No processo de construção da memória fica evidente a preleção por embelezar o passado e a intenção de retirar-lhe os aspectos negativos.

Germano limitou-se a comentar mais detalhadamente sobre as aulas de Educação Física, ministradas no Campo do Britânia, conhecido como Bar Carola. Ele descreve uma curiosidade: a de que ia a cavalo para essas aulas, pois o campo ficava no bairro Juvevê⁶⁴.

Como indica a imagem a seguir (Figura 45) algumas aulas de Educação Física eram ministradas no pátio externo do edifício. Contudo, segundo as problematizações de Sergio Chaves Junior (2004), grande parte do material fotográfico era produzida, principalmente a partir da década de 1930, para ser anexada aos relatórios enviados à Inspeção Federal de Ensino. Assim, é preciso ter clareza que esse tipo de fotografia tem o aspecto de exposição e, neste caso, o “dar-se a ver” pode não corresponder com aspectos do cotidiano da instituição, principalmente pelo fato da maioria dos alunos estar de gravata e calça comprida.

⁶³ Como exemplo, apresento os números de matrículas do ano de 1939: 605 no Curso Complementar e 507 no Curso Fundamental.

⁶⁴ De acordo com a localização fornecida por Ernani Straube, em depoimento gravado, o Bar Carola ficava a uma distância de mais ou menos uns 8 km do Ginásio Paranaense. Segundo Straube ele e outros colegas saíam de casa e seguiam juntos (a pé) até o campo.



Figura 45: Reprodução feita pelo Governo do Estado em 1993. Acervo Ernani Costa Straube (Fotógrafo Heisler). Aula de Ginástica no Pátio do Ginásio Paranaense, em 1932, comandada pelo professor Luiz Bastos. Acervo CM-CEP.

Há vários indicativos nas fontes pesquisadas por Chaves Jr. (2004) da não existência de um espaço apropriado para a prática da educação física. A pesquisa, cujo período inicial é a década de 1930, analisa essa sede e o prédio posterior, inaugurado em 1950. O pesquisador utilizou o jornal da instituição como fonte e explica que em 1940 foi criada neste periódico uma seção denominada *Olímpia*, destinada aos assuntos esportivos, a exemplo dos jogos colegiais, na qual o esporte é apresentado como fator de diferenciação da instituição em relação às outras. (CHAVES Jr., 2004)

Um professor indica em entrevista para o jornal do CEP, em 1956, que no início as aulas não eram obrigatórias e fazia-se pela vontade dos alunos, muitas vezes nos corredores do colégio e nas ruas próximas, pois não existiam instalações adequadas. Interessante observar que a educação física era obrigatória na legislação, mas não efetivamente: “Sua prática era realizada na medida do possível, de acordo com a exiguidade do espaço do GP⁶⁵, dos materiais, dos professores e dos óbices” (CHAVES Jr., 2004, p. 91).

⁶⁵ Ginásio Paranaense. Sigla utilizada pelo autor.

Embora não possuísse um espaço propício para a prática de Ginástica ou Educação Física, o edifício do Ginásio esteve munido de um Gabinete Antropométrico:



Figura 46: Gabinete Antropométrico⁶⁶. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Através das fontes analisadas por Chaves Junior (2004), principalmente relatórios de inspetores, é possível perceber que não apenas esta, mas outras disciplinas não estavam sendo ministradas a contento por falta do espaço e materiais adequados. Por outro lado, algumas disciplinas estavam com salas bem equipadas, visto que estas fontes tratam já do início da década de 1940. A disciplina Educação Física não chegou a ter as condições materiais desejáveis nessa sede, sendo que os anseios dos educadores foram atendidos pelo complexo esportivo da sede posterior e atual edifício do Colégio Estadual do Paraná.

Para apresentar o restante do espaço, Germano Bayer utiliza fotografias do acervo da instituição para compor o universo imagético e dar legitimidade às suas lembranças⁶⁷. Germano Bayer ainda apresenta ao leitor uma foto de seu acervo particular, o “seu” pelotão no desfile da Semana da Pátria de 1941:

⁶⁶ O exame antropométrico servia para medir a altura e peso dos alunos.

⁶⁷ Tais imagens estão presentes ao longo desse trabalho.



Figura 47: Germano Bayer e seu pelotão na Semana da Pátria em 1941. (BAYER, 2009).

A importância conferida aos desfiles cívicos é notória, sendo possível perceber na fala desse ex-aluno o orgulho de fazer parte desses acontecimentos, de ter feito parte desse momento da história do país. Segundo Bencostta (2006), essa e outras festividades de caráter cívico e patriótico passaram a figurar no calendário escolar, especialmente do ensino primário.

Percebidas desde o início do regime republicano, as comemorações cívicas, no entanto, ganharam força e destaque durante o Estado Novo. Analisando as fotografias de desfiles cívicos, Bencostta (2006) chama atenção para a construção de uma cultura cívica através de uma identidade coletiva e para o papel de registro na memória social, pensando o desfile em si e a sua representação fotográfica.

A cultura cívica varguista e seu notório enaltecimento ao chefe da nação, através de um aparato de propaganda política, disseminava a imagem de Vargas como um grande administrador. Entre outras ações, destaca-se a inserção no calendário de comemorações cívicas, o aniversário de Getúlio, em 19 de abril. (BENCOSTTA, 2006)

O ensino secundário também fez parte dessa grande campanha cívica. Nos Jornais do Ginásio Paranaense, o patriotismo exaltado do período do Estado Novo fica evidente nos textos dos alunos. O jornal era produzido pelo Centro Estudantil, sob a vigilância atenta da

direção da instituição, uma vez que o diretor era “presidente de honra” do Centro. Os textos demonstram sintonia com os ideais expressos pelo regime varguista. Os valores cívicos, patrióticos e de entendimento do trabalho como quesito para o progresso, permeiam todas as edições, que também trazem notícias sobre o cotidiano da instituição, e também vários textos de cunho literário. Estes últimos possuíam teor moral em sua maioria e havia ainda aqueles que narravam e comentavam fatos históricos.

Em relação às comemorações cívicas, destacam-se as programações da Semana da Pátria, a exemplo do recorte a seguir:

Paranaense-Externato
N. 15

Programa

das sessões cívicas promovidas pelo Ginásio Paranaense,
Externato, durante a

SEMANA DA PÁTRIA

(De 1 a 6 de setembro de 1941)

Dia 1.º (segunda-feira), às 11 horas:

- 1 — Abertura.
- 2 — Hino do Ginásio.
- 3 — Prof. Dr. Orlando Sprenger Lôbo. (Alocução).
- 4 — Hino da Independência — Orfeão.
- 5 — Palavras — Francisco Frigério, da 4.ª série do Curso Fundamental.
- 6 — Hino à mocidade acadêmica — Orfeão.
- 7 — Palavras — Frederico Barlach, da 4.ª série do Curso Fundamental.
- 8 — Encerramento.
- 9 — Hino Nacional.

x x x

Dia 2 (terça-feira), às 20,30 horas:

- 1 — Abertura.
- 2 — Hino do Ginásio.
- 3 — Prof. Dr. Rosário Farani Mansur Guérios: Porque 7 de setembro é a maior data nacional.
- 4 — Narciso (piano e violino) — Emi Lima e Eduardo, do Curso Complementar.
- 5 — Nola (piano) — Zaque Tacila, da 2.ª série do Curso Complementar.
- 6 — A vida particular de D. Pedro II — Arnaldo Filizola, da 5.ª série do Curso Fundamental.

Dia 3 (quarta-feira), às 11 horas:

- 1 — Abertura.
- 2 — Hino do Ginásio.
- 3 — Prof. Dr. Abílio Peixoto da Silva — Oração.
- 4 — Hino da Independência — Orfeão.
- 5 — A obra de Marfim Afonso de Sousa — Moisés Kulich, da 4.ª série do Curso Fundamental.
- 6 — Cavatina de Raffi — Violino e piano — Eduardo Winter e sua irmãzinha Ieda Winter.
- 7 — O sentimento nativista — Rui Saldanha Gomes, da 5.ª série do Curso Fundamental.

x x x

Dia 4 (5.ª-feira), às 16 horas.

- 1 — Abertura.
- 2 — Hino do Ginásio.
- 3 — Prof. Dilermando Peres, da Almeida — Oração.
- 4 — Hino da Bandeira — Orfeão.
- 5 — Piano — Scipião Palange, da 2.ª série, pre-médico.
- 6 — Palavras — Adal Springer Passos, da 5.ª série do Curso Fundamental.
- 7 — Hino à mocidade acadêmica — Orfeão.
- 8 — Piano — Walter Roth, do Curso Complementar.
- 9 — Origem do indígena brasileiro — Donato Kulich, da 4.ª série do Curso Fundamental.
- 10 — Encerramento.
- 11 — Hino Nacional.

x x x

Dia 5 (sexta-feira), às 9 horas:

PARADA

Dia 6 (sábado), às 20,30 horas:

SESSÃO MAGNA

Figura 48: Jornal Ginásio Paranaense Externato. Edição de setembro de 1941. Acervo CM-CEP.

De acordo com este programa (Figura 48), o Ginásio Paranaense promoveu uma semana inteira de eventos em comemoração ao Dia da Independência. Durante a semana haveria uma seção diária, chamadas de seções cívicas, totalizando seis seções, cada uma com

várias palestras, tanto de professores quanto de alunos. Todas as seções seriam encerradas com o hino nacional, e para cada uma estavam previstos alguns hinos: da bandeira, da mocidade brasileira, do Ginásio ou da Independência. (Jornal *Ginásio Paranaense-Externato*, setembro de 1941)

Nesta mesma edição, de setembro de 1941, há outra programação: a da “Semana de Duque de Caxias”. Esta é muito semelhante a anterior, mas já havia ocorrido, em agosto daquele ano. (Jornal *Ginásio Paranaense-Externato*, setembro de 1941) Outras manifestações merecem destaque, especialmente a imagem de Getúlio Vargas. Um desenho do rosto de Vargas (Figura 49) foi veiculado em três edições diferentes, novembro de 1941, setembro de 1942 e setembro de 1943. Em setembro de 1941 e 1944, em ocasião da semana da pátria, não havia a imagem do presidente, mas a de D. Pedro II.

"AMA COM FÉ E ORGULHO A TERRA EM QUE NASCESTE!"

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

1846

Órgão dos estudantes dos Cursos Complementar e Fundamental

Redação: Rua Ébano Pereira N.º 240

Tipografia João Haupt & Cia.

ANO 5

Curitiba, setembro de 1943

Núm. 24



GETÚLIO VARGAS

Consolidador da emancipação econômica do Brasil

Tecemos, em torno dos aforismos, certas considerações, e repetimos, às vezes, cegamente, um sem número deles, sem compreendê-los no íntimo de seu significado. Repete-se alhures, "Pátria é a família ampliada", e como tal um conglomerado de sentimentos que nos une por laços fraternais, sob a direção espiritual de um chefe, que, como o pai de família, reúne qualidades imaculáveis de honra, dignidade e coragem.

Quanta vez para chegarmos a determinado fim percorremos o sismóide da incompreensão, que nos encaminha inconcientemente para o futuro. Se diminuíssemos as amplitudes dessas oscilações e reduzíssemos-las a uma linha reta, teríamos apressado o ideal que aspiramos. Para tanto, torna-se óbvio libertarmos-nos de todos os impecilhos que se antepõem à nossa rota. Começemos pela instrução do povo, pois "começa a liberdade onde

SEMANA DA PÁTRIA

Brasil, transcorre a tua semana,
— Dias em que teu povo, vibrante
De amor, a ti se irmana
Num movimento de civismo emocionante.

Nesta semana, em que 7 de Setembro
Fulgura como um sol radioso,
Eu, como brasileiro, relembro
Os feitos do teu passado glorioso.

Sinto-me nesta semana que passa
Orgulhoso de ser brasileiro,
Pois que, no mundo inteiro

País como tu, digo com ufania,
Não há. Paz, hospitalidade, harmonia,
São as virtudes de tua raça.

INES SOARES DA SILVA

acaba a ignorância" (VITOR HUGO).

Para o povo culto não são precisos a chibata e agulhões; domesticamo-lo com o poder persuasivo da lógica e da inteligência.

E' grande o destino do mundo, cujos primeiros réverberos principiam por despertar. Não podemos criar credulices sociais, políticas e morais que destruiriam certas convicções depositadas ao pé do grande monumento do futuro.

De que valem certas libertações outorgadas, quando ainda se permanece preso aos flâmes da incompreensão, da ignorância, dos vícios espirituais e morais?

Encarcera-se tudo, menos a faculdade do pensamento, que só a pusilanimidade individual pôde engalolar. E é pela força de pensar que o homem evolui, que transpõe as barreiras do presente e que melhor se harmoniza com a natureza. Pois purifiquemos nossos pensamentos e teremos orientada a reta do nosso ideal.

Que a data da independência política do Brasil possa em breve coadunar-se com a data de nossa independência espiritual e moral para a possível concretização de nossos lúdimos ideais.

PAULO de ARAUJO CRUZ

Figura 49: Jornal Ginásio Paranaense Externato. Edição de setembro de 1943.⁶⁸ Acervo CM-CEP.

Na página inicial desta edição, além do retrato de Getúlio Vargas, há uma poesia sobre a pátria e um interessante texto sobre a independência. Neste texto a verdadeira independência

⁶⁸ No dia 10 de novembro era comemorada a instalação do Estado Novo.

do Brasil é atrelada à emancipação econômica do país, a qual se devia à atuação de Vargas e ainda anuncia que a consolidação dessa independência dependia de uma libertação moral, a ser alcançada através da instrução do povo. (Jornal *Ginásio Paranaense-Externato*, setembro de 1943).

Muito interessante pensar que, apesar do elogio que o autor tece ao chefe da nação, comparando-o a um pai de família, que a conduz firmemente, também chama atenção para as carências em termos de instrução popular. As esperanças depositadas na educação da população, como símbolo do progresso e da superação do atraso, faziam parte dos imaginários desses atores da escola.

3.2 SALAS ESPECIAIS E SEUS ARTEFATOS

Segundo Zancul e Souza (2012), a partir de 1931, as publicações dos programas oficiais do ensino secundário traziam definições mais específicas das finalidades do ensino de cada matéria científica e das propostas metodológicas. Pela primeira vez, os programas oficiais traziam os conteúdos e as maneiras de trabalhá-lo, fato que facilitava o entendimento das finalidades pensadas para cada disciplina:

Os programas para as diferentes séries eram abrangentes, compreendiam conteúdos diversificados, definiam as finalidades de cada matéria da área científica e traziam instruções metodológicas que, entre outros aspectos, preconizavam o uso do laboratório, recomendavam procedimentos para que fosse evitada a memorização, falavam em aplicações na vida cotidiana do aluno e na participação deste aluno. Um papel significativo era atribuído à experimentação, que compreendia principalmente as demonstrações realizadas pelo professor. A importância do ensino das disciplinas da área de ciências era reconhecida, inclusive em relação ao conhecimento de seus métodos e dos processos mentais implicados. (ZANCUL; SOUZA, 2012, p. 5)

É importante pensar que essas instruções explicitadas no programa são referentes a todas as séries do ciclo fundamental, ou seja, desde os primeiros anos, nos quais eram ensinadas noções gerais dos conteúdos científicos.

O aumento significativo dos objetos didáticos do Ginásio Paranaense não pode ser vinculado apenas a uma reforma ou concepção de ensino específica, pois a valorização dos aspectos materiais da instituição ocorreu de maneira gradativa, ao longo das cinco décadas analisadas. Portanto, para analisar a aquisição desses materiais pedagógicos, é preciso ter clareza que ela teve tanto motivações individuais, quanto prescrições externas, como a legislação federal.

Como mencionado no capítulo 2, os laboratórios de química e física foram organizados por iniciativa do lente Lysimaco Ferreira da Costa, titular da cadeira Física-Química. Esses espaços passaram por um processo de aperfeiçoamento, pois, ao longo dos anos, a instituição foi adquirindo novos aparelhos de demonstrações. No início, foram organizados os equipamentos de física, guardados em um único armário, porém não há um levantamento preciso desses materiais.

A listagem anexada ao relatório da Direção de janeiro de 1932 (referente ao ano de 1931) demonstra esse aumento significativo que ressalto, pois traz o levantamento de 487 itens somente do Gabinete de Física. Esse número é curioso, pois representa um aumento significativo, sobretudo em relação ao levantamento de quatro anos antes. No ano de 1928, a Comissão de Finanças apresentou uma listagem referente a todos os objetos do Laboratório de Física. (Anexo IV)

Nesse levantamento citado são identificados cerca de 100 itens. Comparando os três documentos existentes – 1919, 1928 e 1932 – conclui-se que, além do aumento real dos materiais para o ensino das ciências físicas, a concepção da finalidade do documento produzido também não é a mesma. O que ocorreu gradativamente, junto às novas aquisições naturalmente, foi o aumento do grau de detalhamento dos documentos. Nos dois primeiros anos as listagens possuem itens como “diversos”, o que não se repete no último relatório encontrado.

A seguir duas fotografias que trazem imagem do espaço do Gabinete de Física:



Figura 50: Gabinete de Física. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.



Figura 51: Gabinete de Física. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Nas duas imagens anteriores visualizam-se seis armários com portas de vidro, todos com prateleiras repletas de aparelhos da disciplina. Estas fotos, por terem sido produzidas no ano de 1941, demonstram como estava organizado o referido espaço na última década do período analisado. Neste momento, o Gabinete de Física estava composto por cadeiras do tipo americano simples, nove armários de madeira com porta de vidro, em cujas prateleiras ficavam guardados os aparelhos e instrumentos. Grande parte desses materiais não consta no último levantamento da cadeira de física, porque foram registrados no levantamento da cadeira de Ciências Físicas e Naturais, criada na década de 1930.

O programa de ensino para o ano de 1930, elaborado pelo professor Porthos Morais de Castro Velloso, traz as especificações sobre a parte prática do ensino de Física, naquele momento ministrado para o quarto e quinto ano. A parte prática para o quarto ano consistia em:

1. Manejo do: vernier, paquímetro, esferômetro; 2. Manejo e retificação do catetometro; 3. Medidas das massas pela balança; 4. Determinação da curva de sensibilidade de uma balança; 5. Determinação de volumes dos corpos pelo princípio de Arquimedes; 6. Medida de densidade dos sólidos e líquidos; 7. Determinação de uma tensão superficial; 8. Manejo do barômetro e correção das leituras barométricas; 9. Prática com o manômetro, máquinas de comprimir e arefazer os gases e sifões. 10. Determinação rigorosa de uma temperatura; 11. Determinação de calores específicos; 12. Determinação das temperaturas de fusão e vaporização; 13. Dilatação linear e cúbica; 14. Medidas higrométricas; 15. Observações meteorológicas. (Ginásio Paranaense. *Programas de Ensino em vigor no ano de 1930*)

De acordo com o programa, o ensino de física teria uma considerável parte teórica, aliada a algumas lições práticas. Pela quantidade de instrumentos e aparelhos observados a partir da década de 1920, sabe-se que havia condições materiais para que o programa fosse atendido. Resta a dúvida quanto à efetiva utilização de maneira sistemática pelos professores (demonstração) e pelos alunos (aplicação e experimentação).

Ainda com relação ao parecer de 1928, do Laboratório de Química também foi apresentado arrolamento pela Comissão de Finanças constando os materiais, entre vidraria, substâncias, tubos de ensaio e outros instrumentos para possíveis experimentos. No relatório referente ao ano de 1931, novo levantamento do material pertencente ao Gabinete de Química é apresentado, no qual estão listados 100 itens entre vidraria, aparelhos, tubos de ensaio, instrumentos, cubas, funis, etc. Na sequência são apresentadas duas imagens, ambas da década de 1940:



Figura 52: Laboratório de Química. 1936. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

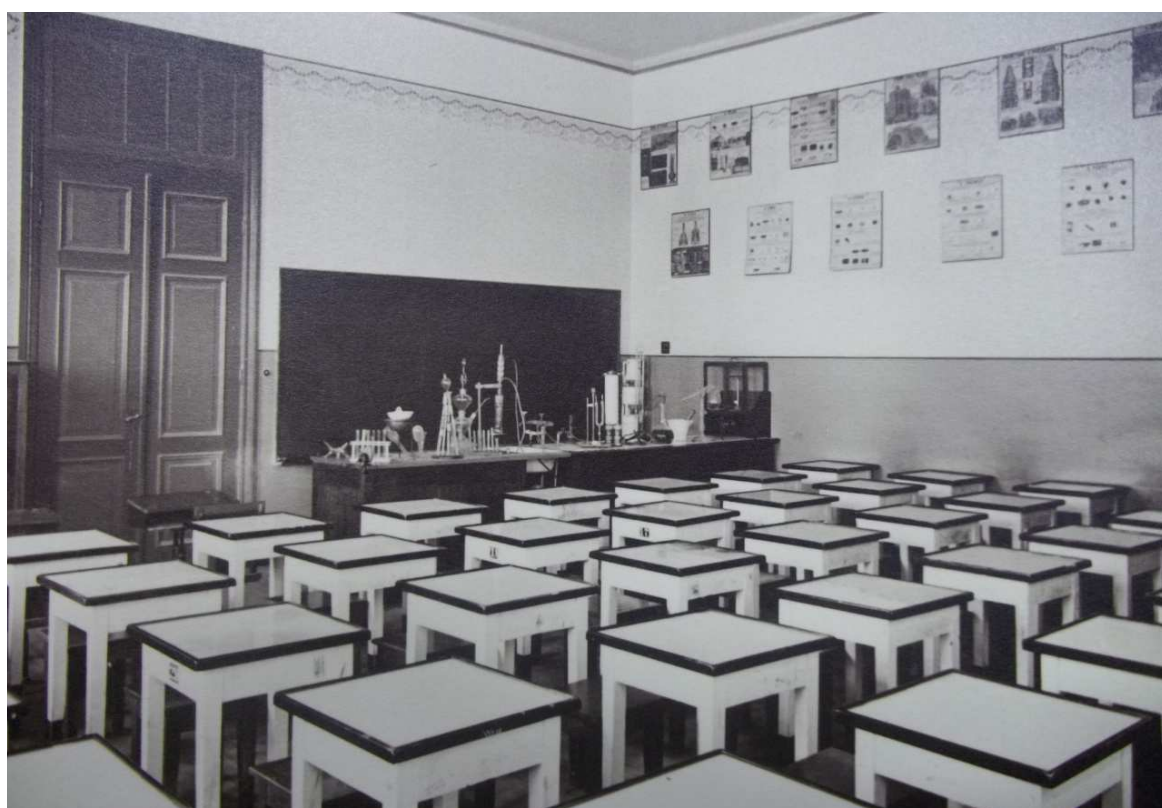


Figura 53: Laboratório de Química. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Segundo depoimento de Ernani Straube essas mesas brancas (Figura 53) tinham uma chapa de vidro para as experiências. Porém, apesar de todo o preparo da sala para que cada aluno pudesse fazer suas experimentações, o ensino, segundo Ernani, era estritamente teórico. Fala sobre o ensino de física, que apesar da grande quantidade de aparelhos, ele (Ernani) como aluno do curso fundamental e depois do colegial, ambos na década de 1940, nunca teve uma aula prática-experimental em todo o período em que estudou no Ginásio Paranaense. (Ernani Straube. Entrevista, junho de 2009. Acervo CM-CEP)

Straube afirma que viu alguns aparelhos de física funcionando durante uma aula inaugural, com o professor Porthos Velloso. (Ernani Straube. Entrevista, junho de 2009. Acervo CM-CEP). Não se pode considerar apenas as prescrições dos programas e a quantidade de objetos adquiridos no decorrer da história de utilização do edifício, pois a depender desses fatores acreditaríamos firmemente que o ensino de ciências físicas e naturais do Colégio Estadual do Paraná, durante a década de 1940, era essencialmente experimental. Contudo, devido à grande quantidade de aparelhos e objetos existentes, considero que ao menos parte desse material tenha sido utilizada para experimentos em sala de aula.



Figura 54: Gabinete de História Natural. 1946. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

A imagem acima representa o Museu de História Natural, na qual se vê-se ao fundo um grande armário repleto de animais taxidermizados, e também alguns modelos de gesso com ampliações de parte de plantas, usados no ensino de botânica. Ao lado direito da imagem está o manequim de corpo humano em um suporte de madeira. Este manequim desmontável, apelidado de ‘esfolado’ é o mesmo de uma imagem mais antiga apresentada no capítulo 2 (Figura 25). Fazem parte desse manequim os órgãos do corpo humano que podem ser encaixados, pois o tórax é removível. Como esse manequim ainda existe e faz parte do acervo do Colégio Estadual do Paraná, apresento algumas imagens para clarear essas informações:



Figura 55: Modelo de Corpo Humano. 1946. Recorte da imagem anterior.



Figura 56: Manequim desmontável. 2012. Acervo CM-CEP.

Este manequim foi fabricado por *Les Fils d'Emile Deyrolle*⁶⁹, fabricante francês de inúmeros materiais pedagógicos, coleções, mobiliário, museus escolares, etc. Esse material está em um suporte de madeira e, à época, era acompanhado de um armário tipo vitrine, de

⁶⁹ A Casa Deyrolle foi criada em 1831, em Paris, por Jean-Baptiste Deyrolle e seu filho Achilles. Eles eram entomólogos e desenvolveram um próspero negócio de venda de insetos e equipamentos de caça para coleções de história natural. Jean-Baptiste também foi um conhecido taxidermista trabalhando para vários cientistas franceses. A empresa também foi reconhecida pelas publicações e venda de literatura especializada em conhecimentos de fauna e flora. Na segunda metade do século XIX Émile Deyrolle, neto de Jean-Baptiste, desenvolveu e editou materiais de ensino, modelos anatômicos, peças de biologia e outros murais coloridos publicados sob o título de “Museu Escolar Deyrolle”. Os negócios da família ampliaram-se, e em 1870 a “Casa Deyrolle” passou a ser a maior fornecedora de materiais didáticos e pôsteres pedagógicos para as escolas francesas, pois os materiais foram traduzidos e exportados para países como Espanha, Portugal e Inglaterra. “O gabinete de curiosidades foi um dos materiais pedagógicos mais vendidos para as escolas. O material procurou simular os lugares onde os viajantes curiosos e colecionadores da Natureza acumularam todos os tipos de riquezas encontradas. Deyrolle organizou coleções heterogêneas de minerais, ovo de avestruz, asas de borboleta, pássaros empalhados, insetos entre outros objetos, expostos sobre uma base envidraçada. O princípio da Deyrolle sempre foi trazer a natureza humana para a presença da observação e descrição: “uma imagem vale mais que mil palavras”, então se alguém quer proteger a natureza é preciso conhecê-la para compreendê-la.” (tradução livre). In: <http://www.deyrolle.fr/magazine/spip.php?article149> acesso em 10/01/2013. O fabricante desse manequim pertence a esta mesma família, dado o nome inscrito na base de madeira: Os Filhos de Émile Deyrolle. (Referência completa da plaqueta: *Les Fils D'Émile Deyrolle. 46, rue Du Bac, 46. Paris*, mesmo endereço onde a Casa Deyrolle funciona ainda hoje.)

madeira e vidro. No levantamento realizado em 1928 esse manequim foi avaliado no valor de 750 mil réis, um item muito valioso, pois o valor era consideravelmente mais elevado que os demais objetos didáticos de história natural. Só para se ter uma ideia, o segundo item mais caro dessa coleção era um esqueleto humano no valor de 350 mil réis. O manequim desmontável constitui um item didático muito interessante para estudos de anatomia humana, pois permite que os órgãos sejam retirados e recolocados nas posições corretas do corpo.



Figura 57: Gabinete de História Natural. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Esta fotografia apresenta-nos outro ângulo da mesma sala, na qual são vistos mais cinco armários, observe que duas paredes inteiras da sala estão ocupadas por armários com equipamentos, materiais didáticos. Nesta imagem, veem-se algumas aves empalhadas, que provavelmente ficavam em armários, mas que naquele momento foram expostas para a fotografia. Nos cinco armários com portas de vidro, que além de armazenar também servem de vitrine, estão amostras minerais. Em cima desses armários há várias caixas de vidro com

esqueletos de pequenos animais e na parede quadros ilustrativos, chamados à época de quadros murais.

Segundo o depoimento de Ernani Straube (2009), essa sala era a que mais chamava atenção dos alunos. Realmente, a organização da sala e o tipo de material chamam atenção e essas imagens se destacam no conjunto de fotografias analisadas.

Algumas salas especiais aparecem somente na documentação da década de 1940, a exemplo da sala para o ensino de línguas e a sala de desenho, com materiais próprios para estas disciplinas. No caso da disciplina de desenho, uma sala com “77 pranchetas para desenho com armação de ferro” consta no levantamento do ano de 1928, na imagem do ano de 1941, a sala conta, além das pranchetas, com vários modelos para desenho:



Figura 58: Sala de Desenho. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Nesta imagem (Figura 58) é possível visualizar a permanência das pranchetas inclinadas com armação de ferro e vários modelos em gesso, os quais se encontram expostos à frente dos alunos. A prancheta é inclinada, tendo o tamanho ideal para o desenho de observação, aquele que se faz com um modelo à frente. A inclinação é adequada, pois impede

a deformação do desenho. Há um armário, no canto superior esquerdo da foto, indicando a presença de outros materiais.

Segundo prescrição do Programa de Ensino do Ginásio Paranaense⁷⁰, do ano de 1935, referente à terceira série do curso fundamental para a disciplina de desenho, os modelos de animais a serem utilizados nas aulas de desenho deveriam ser emprestados do Museu de História Natural. Isso indica que, na década de 1930, a cadeira de desenho ainda não possuía todos os materiais necessários ao desenvolvimento daquele programa. (Ginásio Paranaense. *Programa de Ensino do Curso Fundamental, 3ª série*. 1935)

No entanto, diversos materiais podem ser apontados, os quais constam em livro de registro próprio da cadeira de desenho, iniciado em 1940. Constam nesse inventário 136 itens e, além dos modelos de gesso como bustos e miniaturas de animais, são identificados vários utensílios de cozinha, como tigelas, escumadeiras, pires, canecas de argila, etc.



Figura 59: Sala de Desenho. 1941. Recorte da imagem anterior.

Através deste recorte ampliado (Figura 59) da mesma fotografia identifica-se um cone (ao centro próximo do chão) e outros sólidos geométricos de gesso ou madeira, na cor branca, ao lado direito da imagem. No canto direito do quadro há uma espécie de compasso ou

⁷⁰ Os programas são divididos por curso e série, mas infelizmente não foram encontradas todas, apenas algumas publicações, as quais estão sendo consideradas como amostras. Depois das lições de cada disciplina aparece o nome do professor responsável pela mesma, e acredita-se que os programas tenham sido elaborados pelos próprios professores do Ginásio.

medidor de ângulo. Geralmente o que se ensinava primeiro era desenho geométrico e desenho de observação, para tanto, os modelos na cor branca facilitavam os estudos de cor e sombra e de volume. Os demais modelos, a maioria em gesso, miniatura de animais, baixos relevos florais e bustos, apontam certa influência de metodologias relacionadas ao Renascimento e seu parâmetro de beleza clássica, principalmente os bustos. No Brasil, estas metodologias tem ligação com a Academia Imperial de Belas Artes, posteriormente denominada Escola Nacional de Belas Artes.

Em seu depoimento, Ernani Straube afirma que as aulas de desenho ocorriam em uma sala que possuía pranchetas. Afirma ainda que o professor colocava sólidos grandes de madeira pintados de branco para que os alunos observassem e desenhassem. Não comenta sobre a existência de outros materiais ou outros tipos de atividade. (Ernani Straube. Entrevista, junho de 2009. Acervo CM-CEP)



Figura 60: Sala de Geografia. 1946. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

A sala de Geografia também estava bem aparelhada, com globos, mapas, modelos étnicos, alguns aparelhos e quadros murais. Essa fotografia é significativa justamente porque reúne amostra dos principais objetos pedagógicos pertencentes a essa disciplina. Em

levantamento da cadeira de Geografia, de 1941, os mapas estão descritos pelo título, o mesmo ocorrendo em relação aos quadros murais. Os quadros que aparecem nessa foto estão em suportes de madeira existentes na sala, um em cada lado do armário tipo vitrine. Esses dois quadros fazem parte da coleção intitulada “Quadros para o ensino intuitivo”.

A sensação causada pelo álbum fotográfico de 1941 é de encantamento. Provavelmente o objetivo de quem idealizou esse documento de memória institucional tenha sido o de despertar algum sentimento próximo a isso. A quantidade de materiais didáticos e a diversidade das salas especiais e seus respectivos artefatos sem dúvida salta aos olhos de quem folheia as suas páginas.

A sede do externato do Ginásio Paranaense e suas instalações vinham sendo colocadas à vista da população através da imprensa desde o início da década de 1930. Contudo, o edifício, por sua beleza, já havia sido utilizado como imagem de cartão postal da cidade desde que foi construído, no início daquele século.

Nesta coleção de fotografias (1941), os objetos apresentados como auxiliares didáticos foram dispostos de maneira a receber maior visibilidade: os animais taxidermizados do Museu de História Natural, os modelos e bustos utilizados nas aulas de desenho, os troféus das competições esportivas, os globos terrestres e mapas geográficos, os quadros murais e mapas históricos. A Sala de Física foi fotografada de diversos ângulos para que o observador pudesse ver todos os armários onde estavam guardados os aparelhos. Além disso, alguns objetos foram expostos para o ato da fotografia: bússola, luneta, balança de precisão, microscópio, balança de Roberval, etc.

3.2.1 A trajetória de alguns objetos: a diversidade do acervo do Colégio Estadual do Paraná

Parte considerável dos materiais aqui apresentados pertence hoje ao acervo do Colégio Estadual do Paraná. Alguns objetos de história natural estão expostos em um dos corredores do colégio desde 1979, quando foi criado o Museu Guido Straube, a partir das coleções da antiga sede. As imagens apresentadas a seguir são todas fotografias produzidas no ano de 2012:



Figura 61: Aves Taxidermizadas. 2012. Acervo CM-CEP.



Figura 62: Aves Taxidermizados. 2012. Acervo CM-CEP.



Figura 63: Esqueletos de animais. 2012. Acervo CM-CEP.



Figura 64: Aves Taxidermizadas. 2012. Acervo CM-CEP.

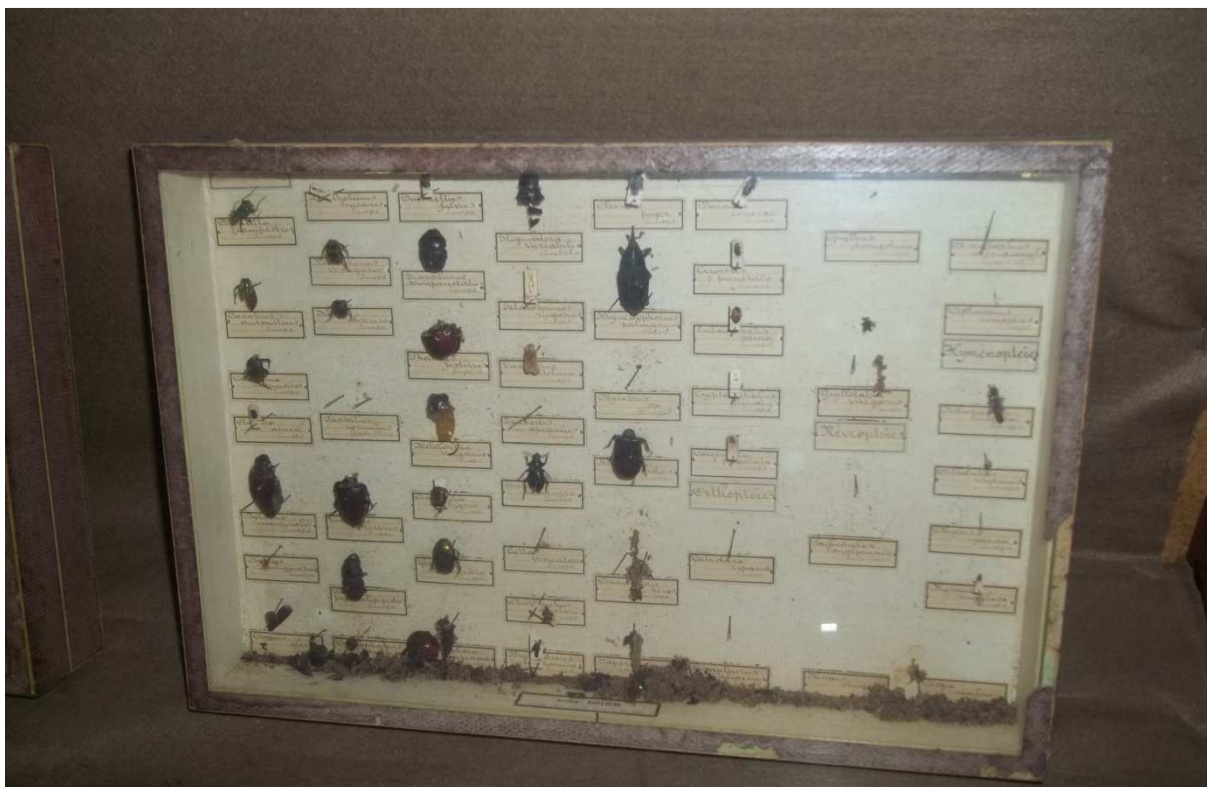


Figura 65: Coleção de insetos. 2012. Acervo CM-CEP.

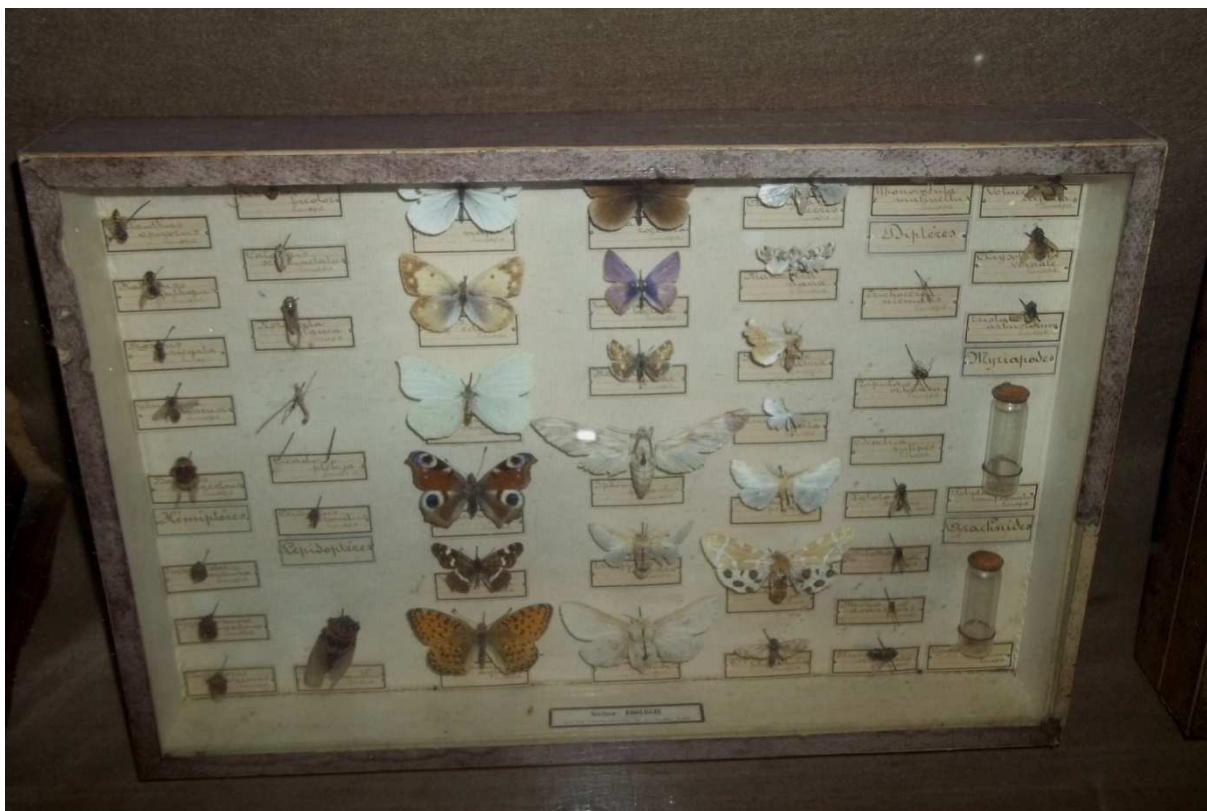


Figura 66: Coleção de borboletas. 2012. Acervo CM-CEP.



Figura 67: Mamíferos Taxidermizados. 2012. Acervo CM-CEP.



Figura 68: Peixes Taxidermizados. 2012. Acervo CM-CEP.

Além dos animais taxidermizados, existem duas caixas de madeira com tampo de vidro contendo amostras de borboletas, e mais duas caixas de mesmo modelo com insetos variados. Há muito esqueletos completos de animais e crânios, sendo que alguns desses esqueletos estão em caixas de vidro. Peixes taxidermizados também estão armazenados nessas pequenas vitrines, como se pode ver na última fotografia dessa seção e também na imagem da sala de história natural do Ginásio (Figura 57).

Neste primeiro bloco de fotografias foram destacados os objetos oriundos das coleções de história natural da antiga sede, os quais se encontram em vitrines de um dos seis corredores de sala de aula, podendo ser vistos por alunos e professores do colégio. Porém, vários materiais estão apenas guardados, necessitando de tratamento adequado⁷¹. Dentre os itens do acervo, identificamos algumas peças de uma coleção de quadros murais, com o nome de “Quadros para o ensino intuitivo”⁷², utilizados no ensino de geografia.

⁷¹ Essa ação está prevista em uma das etapas do Projeto de Implantação do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.

⁷² Dois desses quadros podem ser vistos na imagem 58 da Sala de Geografia: “O Algodão” e “O Matte”.



Figura 69: Pranchas didáticas. Coleção “Quadros para o ensino intuitivo. 1932”. Acervo CM-CEP. 2012.

Dessa coleção existem no acervo cinco pranchas, todas com duas faixas de madeira para serem colocados em suporte, conforme imagem da sala de geografia (Figura 60), elas também possuem uma etiqueta com o nome da coleção e o ano de 1932. Os quadros possuem os seguintes títulos: O Fumo, O Cacau, O Coco, O Trigo, Produtos Tropicais, Pedras Preciosas.

Outros quadros murais foram encontrados, alguns produzidos pelo Departamento Nacional do Café, que tratam do cultivo desse produto. Outros dois fazem parte de uma coleção, pois possuem numeração, e tem motivos histórico-nacionais. Essa coleção, ou uma parte dela, foi identificada em uma das imagens de salas de aula do álbum de 1941, imagem esta que representa a Sala de História (Figura 70). Nesta fotografia há dois mapas históricos, um deles, intitulado “Império Macedônico”, também compõe o acervo. Na sequência apresento os quadros murais e a imagem da sala:



Figura 70: Pranchas didáticas. Coleção de quadros demonstrativos. Acervo CM-CEP. 2012.



Figura 71: Sala de História. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Com a mudança para a nova sede, em 1950, parte considerável dos materiais pedagógicos foi renovada, para que o suporte didático se adequasse àquela infraestrutura moderna⁷³. De lá para cá, contudo, parte da memória material da antiga sede foi preservada, a exemplo das coleções de história natural, objetos que enfatizei no decorrer dessa pesquisa e que podem ser observados nas imagens apresentadas neste item.

O conjunto de imagens do acervo da instituição demonstra sua diversidade em termos de objetos tridimensionais. Ressalto a relevância quanto à conservação dos documentos impressos e também desses objetos, os quais, mesmo não estando em condições ideais de acondicionamento, estão disponibilizados aos pesquisadores.

A intenção dessa pesquisa não foi analisar cada objeto em sua especificidade, embora essa proposição seja interessante, na medida em que cada peça constituinte do acervo possui uma trajetória. Este caminho se inicia com esses objetos enquanto material pedagógico, de apoio dos professores, em um segundo momento alguns desses materiais foram expostos no colégio e outros ficaram armazenados. Esses percursos, traçados para cada um desses objetos, bem como o trajeto que constrói a história das coleções – de livros, de quadros murais, de minerais, de animais taxidermizados, de projeções e películas didáticas de temas variados, de documentos administrativos, de jornais, etc. – merecem ser investigados, devido à sua diversidade e por representarem momentos diferenciados, tanto da história da instituição, quanto da história do ensino secundário no Paraná.

⁷³ Ver: CORREIA, A. P. P. Arquitetura escolar: a cidade e a escola rumo ao “progresso” – Colégio Estadual do Paraná. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino secundário em Curitiba foi fundado a partir da criação do Liceu de Curitiba, em 1846, o qual funcionou com algumas cadeiras avulsas. Em 1876 foi criado o Instituto Paranaense, instituição com o caráter de preparatórios, que funcionava juntamente com a Escola Normal, criada no mesmo ano. Em 1892 é criado o Ginásio Paranaense, um curso de estudos secundários, cujo currículo equivalia ao do Ginásio Nacional, instituição que deveria servir de modelo para os estados da Federação.

O objetivo dessa pesquisa foi entender a necessidade da construção de um prédio próprio para o Ginásio, e também para a Escola Normal que permaneceu funcionando no mesmo edifício até o ano de 1922. De 1846 até o ano de 1904, a maioria das sedes dessas instituições de ensino secundário público foram adaptações de construções já existentes. O Liceu de Curitiba chegou a funcionar em apenas uma das salas da Assembleia Provincial.

O Estado do Paraná, desde a emancipação em 1853, precisava consolidar-se no cenário político e econômico do país. Neste contexto, cultura e educação foram importantes para o desenvolvimento do estado, que nas décadas iniciais do século XX buscava consolidar seu lugar no conjunto dos estados brasileiros. Daí a necessidade de construir um espaço adequado que atendesse à demanda do ensino secundário público da capital, responsável pela formação de parte significativa de sua elite dirigente.

À época em que foi construído o edifício do Ginásio Paranaense, em 1904, não havia nenhum padrão arquitetônico a ser seguido para o ensino secundário, porém o prédio é dotado de uma identidade arquitetônica, devido ao seu estilo e à sua fachada frondosa. A imagem desse edifício de ensino foi utilizada em diversos postais da cidade entre as décadas de 1900 e 1920. Além disso, possuía uma localização central na cidade, e em seu entorno havia vários prédios com serviços públicos.

As fontes que trazem as falas das autoridades ligadas ao ensino e diretores do Ginásio, principalmente entre as décadas de 1900 e 1910, ressaltam as dificuldades enfrentadas pela instituição em termos de infraestrutura material, seja pelo compartilhamento do espaço com a Escola Normal e outras atividades, seja pela falta de material pedagógico especializado.

Os primeiros ambientes adaptados foram planejados e organizados no ano de 1910, a pedidos do lente responsável pela disciplina Física-Química, Lysimaco Ferreira da Costa. Ainda que de maneira modesta, os laboratórios de química e física foram montados

separadamente, devido à especificidade de cada matéria e dos diversos materiais que já haviam sido adquiridos pelo governo estadual para compor esses ambientes.

Foi possível identificar, principalmente através dos relatórios de Diretores da Instrução Pública, que os administradores do Ginásio Paranaense procuraram seguir as prescrições federais e adaptar-se às normatizações vigentes, principalmente aquelas relacionadas às políticas de equiparação ao colégio modelo, o Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro. O regime de preparatórios avulsos e de exames parcelados impediam uma organização mais rígida do ensino secundário. A partir da equiparação de 1917, o Ginásio Paranaense atinge um nível maior de organicidade, sendo evidenciado com o aumento das matrículas, porém a situação dos preparatórios ainda permanece em momentos alternados.

Com as políticas centralizadoras do Estado Novo ocorre a consolidação do ensino secundário enquanto sistema, precisamente a partir da Reforma Francisco Campos de 1930. Esta apresentou prescrições mais detalhadas quanto ao currículo e implantou um sistema de avaliação. De acordo com os programas de ensino produzidos a partir dessa Reforma, o ensino das ciências físicas e naturais deveria ser essencialmente experimental e possuir materiais específicos para essa finalidade. O Ginásio Paranaense acompanhou esse processo de organização, o qual colabora para a criação de uma identidade visual da instituição, incluindo seus espaços internos, principalmente seus ambientes equipados e especializados. A partir da década de 1930, com seu patrimônio material colocado à mostra, o Ginásio legitimou seu papel social, o qual estava intimamente ligado ao momento político, ao regime do Estado Novo.

Com o aumento da valorização das ciências no ensino, consequência das inovações tecnológicas e do início da industrialização do país, o ensino secundário precisou adaptar-se, aumentando o espaço dedicado às disciplinas científicas. Nos relatórios de diretores é possível notar a preocupação em adquirir materiais mais modernos, de acordo com as prescrições da “pedagogia moderna”, e quando se referem ao “moderno” estão se referindo ao que havia que mais contemporâneo, às mais recentes produções lançadas no mercado em termos de ensino.

Assim, a cultura escolar do Ginásio Paranaense foi marcada fortemente por sua cultura material, pois a consolidação do papel exercido pela instituição na sociedade curitibana e paranaense foi valorizado, entre outros, pelo patrimônio da instituição. Este fato pode ser comprovado pelas informações veiculadas pela imprensa e também pelo lugar ocupado pelos levantamentos patrimoniais no conjunto da documentação expedida pelo Ginásio. A função social da instituição como guia da juventude é ressaltada por alguns órgãos da imprensa local,

os quais utilizaram o Ginásio Paranaense como exemplo da boa atuação do poder público, representado pelo interventor Manoel Ribas e pelo chefe de estado Getúlio Vargas. Além da cultura material, o corpo docente do Ginásio também é destacado nas reportagens analisadas, as quais procuraram demonstrar que parte dos professores da instituição secundária também eram catedráticos das Faculdades de Engenharia e Medicina, da Universidade do Paraná.

No intervalo entre as décadas de 1920 e 1940 outros locais especialmente equipados para as disciplinas foram organizados: sala de geografia, sala de história, sala de desenho, sala de línguas e sala de história natural. Apesar de todos os aparatos para as diversas disciplinas, não há indícios de uma utilização sistemática dos materiais por professores e alunos. De acordo com os programas de ensino do Ginásio Paranaense nos anos de 1928 e 1935 as disciplinas de física e química tinham aulas reservadas especialmente para experiências e demonstrações, porém não se pode afirmar com certeza que os programas eram seguidos a rigor. Contudo, mesmo não tendo acesso a informações precisas quanto ao uso efetivo desse material, podemos afirmar que é significativa sua existência. Mesmo que não tenham sido explorados pelos professores, acabaram cumprindo uma função didática, pelo fato de estarem expostos aos olhares curiosos dos alunos.

Lembrando as duas diferentes representações fotográficas dos espaços, das salas (álbum de 1941) e das aulas (anuário 1929), pode-se afirmar que ambas pretenderam captar momentos do cotidiano da instituição. As imagens das aulas, publicadas no anuário do Ginásio de 1929, são mais dinâmicas nesse sentido, pois apesar de possuírem o aspecto forjado da fotografia apresentam as salas de aula com os alunos e professores em suas atividades diárias. Por sua vez, a finalidade das representações dos espaços da instituição, presentes no álbum institucional de 1941, foi demonstrar a diversidade dos ambientes, uma vez que são ressaltadas nas fotografias as características peculiares a cada um dos laboratórios e salas especiais.

Em relação às salas especializadas foram destacados nas fotografias os objetos específicos da disciplina à qual a sala se destinava, fato que fica evidente através do arranjo do mobiliário e materiais pedagógicos, pensado especialmente para o ato da fotografia. No entanto, observa-se nessas fotografias que as salas estavam efetivamente aparelhadas, e também que existia um número variado de salas especiais. Para a área científica existia uma sala própria para cada uma das disciplinas: física, química e história natural. Além desses, outros espaços da instituição foram representados no documento fotográfico de 1941, o qual demonstra claramente a hierarquização dos mesmos de acordo com sua função. Neste sentido,

destacaram-se alguns espaços como gabinete da direção e do inspetor federal, e ainda o salão nobre que, além de ter sido sala de reuniões da congregação e biblioteca, também se consolidou como um auditório da cidade.

De acordo com Le Goff (2003), o documento enquanto monumento possui uma forte característica de perpetuação, ou seja, é a herança de uma memória coletiva. Seguindo esse pensamento, é possível concluir que as fotografias analisadas têm por finalidade legitimar os esforços das autoridades do ensino e da direção do Ginásio, em prol do aparelhamento da instituição em termos de mobiliários e materiais didáticos. O conjunto fotográfico analisado nesta pesquisa, incluindo as imagens veiculadas pela imprensa, faz parte de um discurso elaborado, constituidor de uma autoimagem a ser difundida pelo estabelecimento de ensino.

O próprio edifício da instituição é um exemplo de construção de um monumento, sendo utilizado como cartão postal da cidade. A história do Ginásio Paranaense, que continua como Colégio Estadual do Paraná é um exemplo de perpetuação de uma ideia de instituição secundária, um padrão dentro do Estado do Paraná. Parte significativa da documentação fotográfica aqui analisada foi produzida no ano de 1941, e foi nesta mesma década, precisamente no ano de 1943, que foram iniciadas as obras de construção da nova sede do Colégio Estadual do Paraná, inaugurada somente em 1950, devido às suas grandes proporções. O papel exercido por esta instituição de ensino secundário continuou sendo, ao longo da segunda metade do século XX, de muito destaque, principalmente, por ser público, pela grande demanda de todo o estado que passou a atender e, ainda, por seu chamativo patrimônio material.

REFERÊNCIAS

BAYER, G. **Um adolescente bem orientado**. Blumenau: Nova Letra, 2009.

BENCOSTTA, M. L. **A noção de cultura material escolar em debate no campo de investigação da História da Educação**. No prelo.

BENCOSTTA, M. L. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

BENCOSTTA, M. L. Arquitetura escolar na Belle Époque: Jean Omer Marchand e Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Montreal e São Paulo, 1894-1926) In: BENCOSTTA, M. L. (Org.) **Culturas escolares e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BENCOSTTA, M. L. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, D. G. (org.) **Grupos escolares: cultura primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

BENCOSTTA, M. L. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba **História**. São Paulo: v. 30, n.1, p. 397-411, jan/jun 2011.

BENCOSTTA, M. L. Olhares sobre a cultura material escolar: discurso arquitetural eclético de Cândido Ferreira de Abreu, um construtor de espaços e ideias na Belle Époque curitibana. In: ENS, R. T.; BEHRENS, M. A. (org.) **Formação do professor: profissionalidade, pesquisa e cultura escolar**. Curitiba: Champagnat, 2010.

BURKE, P. A História como memória social: In: O mundo como teatro – estudos de antropologia histórica. Lisboa, Difel, 1992.

CALAÇA, M. Fotografia, Registro Histórico e Modernidade. In: **Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina, 2009.

CAPRARO, et. al. A história de uma praça: sociabilidades, manifestações públicas e religiosidade na cidade de Curitiba. **Licere**. Belo Horizonte: v.13, n.3, set/2010. Disponível em: www.publicacoesdeturismo.com.br/ref.php?id=90

CARVALHO, J. M. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARVALHO, M. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSP, 2003.

CASTRO, C. A. (org.) **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)**. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

CHAVES JUNIOR, S. R. **A educação física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná: contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931-1951)**. Mestrado em Educação. UFPR, 2004.

COEUR, M. Os liceus na cidade: O exemplo parisiense (1802-1914). In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

CORREIA, A. P. P. Arquitetura escolar: a cidade e a escola rumo ao “progresso” – Colégio Estadual do Paraná. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **História e arquitetura escolar: os prédios escolares públicos de Curitiba 1943-1953**. Mestrado em Educação, UFPR, 2004.

_____. **Palácios da Instrução: história da educação e arquitetura das Escolas Normais no Estado do Paraná (1904-1927)**. Doutorado em Educação. UFPR, 2013.

CORREIA, M. G. **Pesquisa sobre prédios de Curitiba: Ginásio Paranaense**. Folhetim do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, 1978.

COSTA, M. J. F. **Lysímaco Ferreira da Costa: A dimensão de um homem**. Coleção Mestres da Universidade. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1987.

CUNHA FILHO, V. F. **Cidade e Sociedade: a gênese do urbanismo moderno em Curitiba**. Mestrado em História. UFPR, 1998.

CUNHA JUNIOR, C. F. F. **O Imperial Collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

CZAP, A. L.; SILVEIRA, M. H. P; ZACHARIAS, M. R. Educação Patrimonial: experiências com alunos do Colégio Estadual do Paraná. In: **X Congresso Nacional de Educação EDUCERE**. Anais. Curitiba: PUC-PR/FCC, nov. 2011, CD-ROM.

DALLABRIDA, N. **A fabricação escolar das elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

_____. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

_____.; CARMINATI, C. J. Ensino secundário em Santa Catarina: da instituição da República à Era Vargas. In: DALLABRIDA, N.; CARMINATI, C. J. (org.) **O Tempo dos Ginásios: Ensino Secundário em Santa Catarina (final do século XIX – meados do século XX)**. Santa Catarina: UDESC, 2007.

ESCOLANO, A. B. A arquitetura como programa. In: VIÑAO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. Ed. DP&A, 2001.

FALCON, F. J. C. História cultural e história da educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32, maio/ago 2006, p. 328-375. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a11v11n32.pdf acesso em 19/06/2011.

FARIA FILHO, L; VIDAL, D.G; PAULILIO, A. L. A cultura escolar como categoria de análise e como investigação histórica. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 139-159, jan/abr 2004.

FELGUEIRAS, M. L. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 11, n.1(25), jan.-abr. 2011. Campinas: Ed. Autores Associados, 2011.

_____; SOARES, M. L. B. O projeto Para um museu vivo da escola primária: concepção e inventário. In: MENEZES, M. C. (Org.) **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FONSECA, T. História da Educação e História Cultural. In: FONSECA, T. e VEIGA, C. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREITAS, M. C. Educação brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos. In: STEPHANOU, M. BASTOS, M. H. C.(org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

IWAYA, M. **Palácio da Instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná (1940-1960)**. Mestrado em Educação. UFPR, 2001.

KOCH, W. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KUHLMANN, M. **As grandes festas didáticas: A educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.

KULESZA, W. A. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 79, n. 193, p. 63-71, set./dez. 1998.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, S. O. **Colégio Estadual do Paraná como centro de irradiação cultural: uma análise de suas atividades complementares (décadas de 1950-1960)**. Mestrado em Educação. UFPR, 2009.

LYRA, C. C. (org.) **Guia dos bens tombados, Paraná**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

MENESES, U. B. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.) **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Educativa**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

MONARCHA, C. **A escola normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

MONTEIRO, A. N. **O cinema educativo como inovação pedagógica na escola primária paulista (1933-1944)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05122007-122324/>>. Acesso em: 2013-01-06.

MORAES, J. G. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atual, 1994, v. 1.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira república**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Editora da PUC, p. 7-28, 1981.

NUNES, C. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, E. M.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Memória e história da educação: entre práticas e representações. **Educação em foco**. Juiz de Fora, v.7, n.2, set/fev 2002/2003.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. Coleção História do Paraná.

PERES, E. A Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière: Elementos para entender a Escola Nova no Brasil. In: STEPHANOU, M. BASTOS, M. H. C.(org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____; SOUZA, G. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im)possibilidades de investigação In: CASTRO, C. A. (org.) **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)**. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

PESAVENTO, S. J. **Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX**. Série Arte e Vida Urbana. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

PESSANHA, E.; ARRUDA, A. M. V. **Arquitetura escolar de ‘escolas exemplares’ em quatro cidades brasileiras: expressão de projetos de modernização e escolarização de 1880 a 1954**. *Cadernos de História da Educação* – n. 7 – jan./dez. 2008.

PETRY, M. G. Museu escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina / 1941-1942) In: GASPAR, V. L.; PETRY, M. G. **Objetos da Escola: Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina: séculos XIX e XX)**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

POSSAS, H. C. G. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.) **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Educativa**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

RANZI, S. M. F. O espaço escolar e a convivência de duas propostas diferentes de formação: Ginásio Paranaense/Escola Normal e o processo de coeducação (1892-1922). In: **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos.

_____.; SILVA, M. C. O Ginásio Paranaense e as estratégias de legitimação de um campo pedagógico na Primeira República. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação. 2004, Curitiba. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2004. v. 01

ROSAS, F. O Estado Novo (1926-1974). In: MATTOSO, J. **História de Portugal**. Vol. 7. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1994.

SABÓIA, A. C. **Curitiba de minha saudade (1904-1914)**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1978.

SANTANA, L. W. A. **Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná: o projeto de ensino de artes e ofícios de Antonio Mariano de Lima Curitiba 1882-1902**. Mestrado em Educação. UFPR, 2004.

SILVA, R. M. L. **O movimento de renovação da educação e o cinema educativo**. In: XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=15485>. Acesso em 20/12/2012.

SOUZA, R. F. A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920-1960). **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.1, pp.72-90, Jan/Jun 2009. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1articles/4-souza.pdf acesso em 27/12/2012.

_____. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. (Org.) **Culturas escolares e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

_____. **Templos de civilização: A implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

STRAUBE, E. C. **Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993**. Curitiba: FUNDEPAR, 1993.

_____. **O prédio do Gymnasio 1903-1990**. Curitiba: SEEC, 1990.

SUTIL, M. S. **O espelho e a miragem: moradia e modernidade na Curitiba do começo do século 20**. Curitiba: Travessa dos editores, 2009.

TRINDADE, E. M. C.; ANDREAZZA, M. L. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. Coleção História do Paraná.

_____. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná da virada do século. **História: Questões e Debates**. Curitiba, n. 30, p.57-81, 1999. Editora da UFPR.

VECHIA, A. O plano de estudos das escolas públicas elementares na Província do Paraná: ler e escrever, para Deus e o Estado. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. n° 7 jan./jun. 2004.

VEIGA, C. G. Cidade e educação, modernidade e modernismo. In: SOUZA, C. P.; CATANI, D. B (org.) **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

_____. Educação estética do povo. In: LOPES, E. M.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VELLOSO, M. P. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, J.; DELGADO; L. A. N. (Orgs.) **O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 30 ao apogeu do Estado Novo. Livro 2**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VIDAL, D. G.; FARIA FILHO, L. M. Os tempos e espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Rio de Janeiro. n. 14, agosto, 2000.

_____; SILVA, V. L. G. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In: CASTRO, C.A. (org.) **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)**. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

_____. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, D. G.; SOUZA, M. C. C. **A memória e a sombra: A escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIÑAO, A. Do espaço escolar e da escola como lugar. In: VIÑAO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. Ed. DP&A, 2001.

_____. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada (trad. Deise Cristina de Lima Picanço). In: BENCOSTTA, M. L. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 0, set/out/nov/dez 1995.

WERLE, F. Constituição do Ministério da Educação e articulações entre os níveis federal, estadual e municipal na educação. In: STEPHANOU, M. BASTOS, M. H. C.(org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

ZANCUL, M. C.; SOUZA, R. F. Instrumentos Antigos como Fontes para a História do Ensino de Ciências e de Física na Educação Secundária. **Educação: Teoria e Prática** – Vol. 22, n. 40, Período mai/ago-2012. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/6272>

Documentos consultados:

Ata da Congregação do Gymnasio Paranaense e Escola Normal, 08/08/1903.

Ata da Congregação do Ginásio Paranaense e Escola Normal, 12/08/1903.

Ata da Congregação do Gymnasio Paranaense e Escola Normal, 06/06/1904.

Ata da Congregação do Gymnasio Paranaense e Escola Normal, 28/02/1906.

Ata da Congregação do Colégio Estadual do Paraná, 1949.

Ata da Congregação do Colégio Estadual do Paraná, 1948.

BRASIL. *Decreto Federal n. 981 de 9 de fevereiro de 1890*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/> navegando. Acesso em 09/06/2011.

BRASIL. Decreto Federal n. 5742 de 30 de outubro de 1905.

Coletânea da Documentação Educacional Paranaense 1854-1889. In: *Coleção Documentos da Educação Brasileira* (recurso eletrônico). Brasília: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004.

ERNANI STRAUBE. *Entrevista, junho de 2009*. Acervo Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.

GINÁSIO PARANAENSE. *Anuario. Num. 1. Anno 1*. Curityba – Paraná – Brasil. 1929. Typ. João Haupt e Cia.

GINÁSIO PARANAENSE. *Livro de Pareceres da Comissão de Finanças*. 1918.

GINÁSIO PARANAENSE. *Livro de Registro de Pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino*. 1928.

GINÁSIO PARANAENSE. *Livro de Registros de Publicações Oficiais*. 1936 a 1938.

GINÁSIO PARANAENSE. *Livro de Ofícios Expedidos pela Direção do Ginásio Paranaense*, 1928.

GINÁSIO PARANAENSE. *Programas de Ensino em vigor no ano de 1930*. Curityba. Typ. João Haupt e Cia.

GINÁSIO PARANAENSE. *Programa de Ensino do Curso Fundamental, 3ª série*. 1935. Curitiba. Typ. João Haupt e Cia.

PARANÁ. *Decreto Estadual n. 675 de 28 de setembro de 1917*.

PARANÁ. *Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Presidente do Estado Caetano Munhoz da Rocha*, 1923.

PARANÁ, *Regimento Interno do Gymnasio Paranaense e Escola Normal*, 1904. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ, *Regulamento de Ensino Obrigatório*, 1874. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1876. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1882. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ, *Regulamento de Ensino*, 1884. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. *Regulamento de ensino para o Gymnasio Paranaense*, 1891. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. *Regulamento de ensino para o Gymnasio Paranaense*, 1892. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. *Regulamento de ensino para o Gymnasio Paranaense*, 1894. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. *Relatório do Superintendente Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1893.

PARANÁ. *Relatório do Superintendente Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1894.

PARANÁ. *Relatório do Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública ao Governador do Estado*, 1895.

PARANÁ. *Relatório do Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública ao Governador do Estado*, 1896.

PARANÁ. *Relatório do Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública ao Governador do Estado*, 1897.

PARANÁ. *Relatório do Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública ao Governador do Estado*, 1902.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1902.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1903.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1904.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1905.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1906.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1907.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1908.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1910.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1912.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1913.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1914.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1915.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1916.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1917.

PARANÁ. *Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública*, 1918.

PARANÁ. *Relatório da Direção do Ginásio Paranaense*, 1923.

PARANÁ. *Relatório da Direção do Ginásio Paranaense*, 1928.

PARANÁ, *Relatório da Direção do Ginásio Paranaense*, 1931.

SÃO PAULO. *Lei n. 33 de 13 de março de 1846*. Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo. Cópia. Acervo Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.

Periódicos:

Correio do Paraná, 01 de janeiro de 1935.

Colégio Estadual do Paraná. Agosto de 1944.

O Dia, 23 de fevereiro de 1934.

O Diário da Tarde, 24 de fevereiro de 1904.

Gazeta do Povo, 16 de fevereiro de 1934.

Ginásio Paranaense Externato. Setembro de 1941.

Ginásio Paranaense Externato. Setembro de 1943.

Os órfãos da Essenfelder. *Gazeta do Povo*, 29/01/2011, disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1091474&tit=Os-orfaos-da-Essenfelder>

Fontes iconográficas:

Figura 172: Segunda sede do Liceu, construída em 1854, localizada na Rua da Assembleia. Esboço do artista plástico paranaense Augusto Conte. In: STRAUBE, 1993.

Figura 2: Prédio da Assembleia Legislativa Provincial. Terceira sede provisória do Liceu. Reprodução. Data atribuída: 1880. Acervo Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (CM-CEP).

Figura 3: Quarta sede do Instituto Paranaense e primeira da Escola Normal, a partir de 1876. Localizado na Rua Aquidaban, atual Emiliano Perneta. Data atribuída: 1890. Acervo CM - CEP.

Figura 4: Quinta sede, onde funcionou o Instituto Paranaense a partir de 1883. Data atribuída: 1910. Acervo CM-CEP.

Figura 5: Sexta sede do Gymnasio Paranaense. Data atribuída: 1904. Acervo CM-CEP.

Figura 6: Rua Borges de Macedo, atual Ébano Pereira. Acervo Casa da Memória de Curitiba. Data atribuída: 1905

Figura 7: Fachada Lateral da Escola Normal de São Paulo. Fonte: Portfólio de Ramos de Azevedo – Acervo Condephaat.

Figura 8: Postal “Edifício do Gymnasio Paranaense”. Data atribuída: 1910. Acervo CM-CEP.

Figura 9: Desenho da planta do Ginásio Paranaense. Referente a 1910.

Figura 10: Edifício do Gymnasio Paranaense. Fachadas principal e lateral. Recorte de postal de 1910. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Figura 11: Detalhes da fachada principal. Secretaria da Cultura do Paraná. 2012.

Figura 12: Detalhe do capitel das colunas. Secretaria da Cultura do Paraná. 2012.

Figura 13: Detalhe da Escadaria e entrada principal. Secretaria da Cultura do Paraná. 2012.

Figura 14: Postal datado de 1907. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Figura 15: Detalhe da torre – relógio. Secretaria da Cultura do Paraná. 2012.

Figura 16: Detalhe de um dos sinos da torre desgastado pelo tempo. Secretaria da Cultura do Paraná. 2012. Autor: Iriana Vezzani.

Figura 17: Detalhe da grade de ferro do mezanino, no interior do edifício. Secretaria da Cultura do Paraná. 2012.

Figura 18: Sala da Congregação do Gymnasio Paranaense e Escola Normal. Reprodução. Data atribuída: 1910. Acervo CM-CEP.

Figura 19: Vista parcial do saguão do primeiro andar do Colégio Estadual do Paraná. 2012.

Figura 20: Inscrição que fica acima da entrada lateral à esquerda do prédio. Secretaria da Cultura do Paraná. 2012.

Figura 21: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. Data atribuída: 1910.

Figura 22: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 23: Pátio Interno. Reprodução. Acervo de fotografias digitalizadas. Data atribuída: década de 1920. CM-CEP.

Figura 24: Aspecto de uma sala de aula. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 25: Aspecto de uma sala de aula. Reprodução. Data atribuída: 1905. Acervo de fotografias digitalizadas. Centro de Memória do CEP.

Figura 26: Laboratório de Química. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 2773: Gabinete de Física. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 28: Edifício da Escola Normal, inaugurado em 1923. Estado do Paraná. Empresa Editora Brasil. São Paulo, 1923.

Figura 29: Aula de Filosofia do 5º ano. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Figura 30: Aula de Inglês. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Figura 31: Aula de Geometria. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Figura 32: Aula de Física. Anuário do Ginásio Paranaense. 1929. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Figura 33: Gabinete dos professores. Reprodução. 1946. Acervo CM-CEP.

Figura 34: Reportagem. *Gazeta do Povo*. 16/02/1934. Acervo CM-CEP.

Figura 35: Reportagem. *O Dia*. 23/02/1934. Acervo CM-CEP.

Figura 36: Reportagem. *Correio do Paraná*. 01/01/ 1935. Acervo CM-CEP.

Figura 37: Cinema Educativo do Ginásio Paranaense. Data atribuída: 1935. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

Figura 38: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 39: Salão Nobre do Ginásio Paranaense. 1941. Acervo CM-CEP. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 40: Vista do Gabinete da Direção a partir da sacada. Reprodução. Governo do Estado do Paraná. 1993. Acervo CM-CEP. Data estimada: 1930.

Figura 41: Gabinete Administrativo. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 42: Imagem do pavimento superior da Secretaria de Estado da Cultura. 2012.

Figura 43: Desenho da planta do Ginásio Paranaense referente a 1940.

Figura 44: Secretaria. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 45: Reprodução feita pelo Governo do Estado em 1993. Acervo Ernani Costa Straube (Fotógrafo Heisler). Aula de Ginástica no Pátio do Ginásio Paranaense, em 1932, comandada pelo professor Luiz Bastos. Acervo CM-CEP.

Figura 46: Gabinete Antropométrico. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 47: Germano Bayer e seu pelotão na Semana da Pátria em 1941. (BAYER, 2009).

Figura 48: Jornal Ginásio Paranaense Externato. Edição de setembro de 1941. Acervo CM-CEP.

Figura 49: Jornal Ginásio Paranaense Externato. Edição de setembro de 1943. Acervo CM-CEP.

Figura 50: Gabinete de Física. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 51: Gabinete de Física. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 52: Laboratório de Química. 1936. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

Figura 53: Laboratório de Química. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 54: Gabinete de História Natural. 1946. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

Figura 55: Modelo de Corpo Humano. 1946. Recorte da imagem anterior.

Figura 56: Manequim desmontável. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 57: Gabinete de História Natural. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 58: Sala de Desenho. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

Figura 59: Sala de Desenho. 1941. Recorte da imagem anterior.

Figura 60: Sala de Geografia. 1946. Reprodução pertencente ao acervo do CM-CEP.

Figura 61: Aves Taxidermizadas. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 62: Aves Taxidermizados. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 63: Esqueletos de animais. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 64: Aves Taxidermizadas. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 65: Coleção de insetos. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 66: Coleção de borboletas. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 67: Mamíferos Taxidermizados. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 68: Peixes Taxidermizados. 2012. Acervo CM-CEP.

Figura 69: Pranchas didáticas. Coleção “Quadros para o ensino intuitivo. 1932”. Acervo CM-CEP. 2012.

Figura 70: Pranchas didáticas. Coleção de quadros demonstrativos. Acervo CM-CEP. 2012.

Figura 71: Sala de História. Álbum fotográfico intitulado “Antigo Ginásio Paranaense 1941”. Acervo CM-CEP.

ANEXO I
LEVANTAMENTO DOS OBJETOS DAS SALAS ADMINISTRATIVAS DO GINÁSIO
PARANAENSE - 1928

Gabinete do diretor:

- 1 secretária de imbuia, uma cadeira giratória de imbuia
- 1 sofá e 2 poltronas em couro
- 1 armário e um porta chapéu ambos de imbuia
- 1 lustre
- 1 tapete grande

Gabinete do vice-diretor:

- 1 escrivaninha imbuia
- 1 cadeira de braço
- 1 cadeira austríaca
- 1 quadro pequeno

Gabinete do inspetor federal:

- 1 cadeira giratória, uma mesa pequena, um bureau, uma mesa de centro, um armário, um porta chapéu, uma estante (todos de imbuia)
- 1 lavatório de imbuia com pedra mármore,
- 1 porta toalhas
- 1 sofá e 2 poltronas de imbuia estofadas em couro
- 1 tapete grande e três pequenos
- 1 tinteiro
- 1 tímpano
- 1 jogo para lavatório
- 1 quadro e um quadro pequeno.

Gabinete dos lentes:

- 1 mesa de imbuia
- 1 relógio de parede

- 1 lavatório de pinho
- 2 sofás de palhinha
- 1 cadeira de braço de palhinha
- 4 cadeiras
- 1 tinteiro de metal
- 1 escarradeira
- 1 quadro
- 3 armários de pinho
- 1 filtro nacional e um banco para o filtro
- 1 cabide, uma jarra e uma bacia
- 1 quadro para horário
- 1 tapete grande e dois capachos.

Gabinete do inspetor de alunos:

- 1 bureau⁷⁴ de pinho
- 1 mesa para o livro de ponto
- 2 mesas de pinho
- 2 cadeiras de braço de palhinha
- 1 armário de pinho
- 2 escarradeiras
- 1 tinteiro de vidro.

Secretaria:

- 2 secretárias de imbuia
- 1 bureau de pinho
- 3 cadeiras giratórias
- 1 armário grande para o arquivo
- 2 armários de pinho
- 1 armário de imbuia

⁷⁴ Pode ser sinônimo de secretária ou escrivanhinha, aqui nesse inventário deve haver uma distinção entre os três termos pois os três são utilizados.

- 1 escrivaninha de pinho
- 3 mesas de pinho
- 1 mesa para máquina de escrever
- 1 mesa pequena simples
- 1 lavatório de pinho
- 1 cadeira austríaca
- 1 relógio de parede
- 1 máquina de escrever Remington
- 1 banco para talha, um filtro Berkefeld, um capacho
- 2 escarradeiras, um tinteiro de vidro
- 2 cestas para papel
- 1 bacia e um jarro esmaltados.

Sala n. 8 (salão nobre):

- 1 mesa de imbuia
- 13 cadeiras de braço de imbuia
- 22 cadeiras com encosto de palhinha
- 83 cadeiras austríaca
- 1 porta busto
- 3 lustres
- 15 quadros (galeria dos lentes)
- 1 pano de mesa
- 1 tinteiro

Biblioteca: contém levantamento das obras da biblioteca (com 76 títulos – alguns com apenas 1 exemplar, chegando ao número máximo de 9 exemplares).

Em um primeiro olhar, constata-se que a maioria dos livros é de línguas, literatura estrangeira (francesa e inglesa) e literatura portuguesa.

Depósito: 115 carteiras americanas (30°), 2 assentos americanos (15°), 2 assentos americanos (30°), 2 estrados de pinho.

Referência: Ginásio Paranaense. *Registro de Pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino*. 1928.

ANEXO II
LEVANTAMENTO DOS OBJETOS DAS SALAS DE AULA DO GINÁSIO
PARANAENSE - 1928

Sala n. 2:

- 1 bureau
- 1 cadeira de braço
- 1 quadro negro
- 45 carteiras americanas

Sala n. 3:

- 1 mesa de pinho
- 1 cadeira
- 77 pranchetas para desenho com armação de ferro.

Sala n. 4:

- 1 aparelho epidiascópio⁷⁵ de Leit
- 1 mesa tosca
- 1 armação e duas telas para projeção
- 1 mesa de pedra mármore e instalações
- 1 mesa de pinho
- 1 quadro negro
- 1 estrado com 18 bancos
- 1 cadeira austríaca;

Sala n. 5:

- 1 bureau de pinho
- 1 cadeira de palhinha
- 18 carteiras americanas duplas
- 24 carteiras americanas simples
- 1 quadro.

⁷⁵ Aparelho de projeção de transparências de diapositivos.

Sala n. 6:

- 1 bureau de pinho
- 1 cadeira austríaca
- 1 quadro de formatura
- 2 telas negras
- 10 carteiras americanas duplas (45°)
- 38 carteiras americanas simples (30°).

Sala n. 7:

- 1 bureau de pinho
- 1 cadeira de palhinha
- 37 carteiras americanas duplas (45°)
- 1 quadro negro com cavalete
- 1 tela negra
- 2 armários grandes
- duas mesas pequenas de pinho.

Sala n. 9:

- 1 bureau de pinho
- 1 cadeira de braço
- 50 carteiras americanas a 45°
- 1 tímpano
- 1 quadro de formatura
- 2 telas negras.

Sala n. 10:

- 1 bureau de pinho
- 1 quadro
- 1 cadeira austríaca de braço
- 37 carteiras americanas
- 1 tímpano
- 2 globos geográficos

- 1 relógio globo
- 1 telúrio
- 2 mesas de pinho
- 20 mapas geográficos
- 1 vitrine pequena
- 1 telescópio grande (incompleto).

Referência: Ginásio Paranaense. *Registro de Pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino*. 1928.

ANEXO III
LEVANTAMENTO DOS OBJETOS DO GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL DO
GINÁSIO PARANAENSE - 1928

Gabinete de História Natural:

Anatomia humana:

- 1 manequim desmontável, n. 1 Deyrolle, com suporte e armário de vidro
- 1 esqueleto humano Deyrolle, suporte e armário
- 1 modelo de anatomia elástica (ouvido, globo ocular, língua, nariz, pele, mão – um de cada)

Botânica:

- 1 modelo demonstrativo da estrutura primária da raiz
- 1 modelo de caule dicotiledôneo de três anos
- 1 modelo de folha aérea
- 1 modelo de óvulo ortótropo (seção longitudinal)
- 1 modelo de óvulo anátropo
- 1 modelo de óvulo “campytatropo”
- 1 modelo de inflorescência cacho simples
- 1 modelo de inflorescência umbrela
- 1 modelo de inflorescência espiga
- 1 modelo de inflorescência capitulo
- 1 modelo de inflorescência corpulo (?)
- 1 modelo de inflorescência cimeira unipora Lelie
- 1 modelo de inflorescência cimeira escorpioidal
- 1 modelo de inflorescência cimeira bipara
- 1 modelo de inflorescência umbrela composta
- 1 modelo de inflorescência cacho composto
- 1 diagrama floral papilionácea
- 1 diagrama floral iridácea
- 1 diagrama floral cancéfera
- 1 diagrama floral regular ideal

- 5 modelos demonstrativos de germinação do feijão
- 5 modelos demonstrativos de germinação do trigo.

Zoologia:

- 1 tartaruga empalhada
- 1 coelho empalhado inutilizado
- 1 gato do mato
- 1 tatu empalhado sixciutus
- 1 tatu empalhado novencinctus
- 1 tatu empalhado
- 2 lagostas empalhadas
- 1 irara empalhada inutilizada
- 1 veado empalhado inutilizado
- 1 sabiá empalhado inutilizado
- 1 biguá empalhado inutilizado
- 1 socó empalhado inutilizado
- 1 saracura inutilizado
- 18 aves empalhadas inutilizadas

aparelhos:

- 1 microscópio Deyrolle
- 1 aparelho de projeção para diapositivos a querosene
- 709 diapositivos 8x8cm à 1.500

Total: 51 (sendo 18 aves não utilizadas e um total de 709 diapositivos)

Referência: Ginásio Paranaense. *Registro de Pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino*. 1928

ANEXO IV
LEVANTAMENTO DOS OBJETOS DO LABORATÓRIO DE FÍSICA DO GINÁSIO
PARANAENSE - 1928

Aparelhos de eletricidade:

- 1 eletroscópio de folhas de papel
- 1 eletroscópio com suporte de vidro
- 2 bobinas de Rhumkorff, interruptor de platina e condensador
- 2 garrafas de Leyde pequena
- 1 garrafa de Leyde Grande
- 1 pilha de Fleischer (incompleta)
- 3 pilhas de dicromato de potássio
- 2 pilhas de Leclanché
- 4 pilhas de Bunsen com recipiente de barro
- 4 pilhas de Bunsen com recipiente de vidro
- 1 galvanômetro vertical
- 1 haste cilíndrica de vidro
- 7 acessórios de tábua de (?)
- 1 aparelho de indução (incompleto)
- 1 aparelho para ventilação dos efeitos da indução
- 1 maquina magnético elétrica
- 1 tubo de Crookes com suporte
- 1 tubo faiscante
- 1 interruptor simples
- 1 ampola para produção de faíscas no vácuo
- 1 aparelho telegráfico simples
- 1 máquina de Ramsden (incompleta)
- 1 placa faiscante
- 1 aparelho para perfuração do vidro
- 3 esferas condutoras de Weinhold para aportes
- 1 cilindro metálico com extremidades esféricas sobre vidro
- 1 receptor telegráfico Morse

- 3 pêndulos elétricos sobre coluna de vidro
- 1 voltâmetro (inutilizado)
- 1 bateria de Leyde com quatro elementos
- 1 haste de ebonite
- 1 torniquete elétrico
- 3 tubos de Geisler
- 1 tubo de Crookes Cruz de Malta
- 1 taboa com interruptor, bobina e pratos
- 1 bussola marítima em caixa.

Aparelho de Barologia⁷⁶:

- 2 balanças de 1 kg com 4 pesos
- 1 aparelho de Pascal com 3 peças de vidro
- 1 aerometro
- 1 manômetro de vidro Deyrolle
- 2 (?) de Magdburgo
- 1 caroscopio
- 1 máquina pneumática
- 1 máquina de (?)
- 1 críquete pneumático
- 1 aparelho de tubos capilares Deyrolle
- 1 tubo de Mariotte
- 2 tripés para demonstração da Lei de Mariotte (incompletos)
- 1 tubo de Newton (inutilizado)
- 1 tripé elástico
- 1 máquina centrífuga
- acessórios de máquina centrífuga: esquadro com dois tubos, anéis metálicos de duas esferas de madeira
- 1 carometro de sifão inutilizado
- 1 esfera oco para propagação das pressões
- 1 torniquete hidráulico

⁷⁶ Teoria da gravidade, ramo da física que estuda o peso.

- 1 balança de precisão com 2 pares de pratos e pesos
- 1 bomba metálica sobre suporte de ferro
- 1 suporte de latão
- 1 vaso de vidro sobre pé
- 1 vaso para produção de chuva no vácuo
- 1 tubo para chuva de mercúrio.

Aparelhos de Ótica:

- 1 espelho convexo com suporte
- 1 espelho plano
- 2 primas com os respectivos girantes sobre dois eixos
- 1 disco de Newton
- 1 lente bicôncava com suporte
- 1 pinça de turmalina com 6 preparações
- 1 suporte para lente
- 1 aparelho de Silbernaus
- 1 espelho cilíndrico metálico
- 1 espelho cônico
- 1 telescópio simples com tripé
- 1 fotômetro de Foucault
- 1 aparelho de 7 espelhos para síntese da luz
- 1 espelho plano sobre suporte
- aparelhos de termologia
- 1 lâmpada a gasolina
- 1 anel de suporte
- 1 marmitta e Papin
- 1 pirômetro
- 1 esfera de latão (Gravessaule?)
- 1 termômetro diferencial de Leslie (inutilizado)
- 1 aparelho de Sugenhause
- 1 termoscópio de Weinhart
- 1 termômetro de álcool

- 1 termômetro de máxima conveniência
- 1 aparelho de determinação do ponto 0 da escala centígrada
- 1 aparelho de determinação do ponto 100 da escala centígrada
- 1 radiômetro de Crooks
- 1 espelho parabólico para reflexão do calor
- aparelhos de acústica
- 1 tubo sonoro aberto
- 1 diapasão com caixa de ressonância
- 1 sirena de Caignard c/ contador duplo
- 1 sonômetro (incompleto)
- 3 placas metálicas para as figuras de “Chladui”
- Diversos
- 1 metrônomo de Maltz
- 1 esfera de vidro com torneiras de latão
- diversos copos e funis
- 1 higrômetro de Sauseure.

Total: 126 tipologias de material diferenciadas (sendo que alguns possuíam 2 até 7 exemplares)

Referência: Ginásio Paranaense. *Registro de Pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino*. 1928

ANEXO V
LEVANTAMENTO DOS OBJETOS DO LABORATÓRIO DE QUÍMICA DO
GINÁSIO PARANAENSE - 1928

Sala n. 1:

- 1 vitrine
- 2 mesas de pinho
- 8 carteiras americanas
- 39 mesas toseas
- 1 mesa
- 1 mesa com instalações
- 1 armário grande
- 2 estantes pequenas
- lavatórios e duas telas negras.

Laboratório de Química:

- 1 estante com 32 tubos de ensaio
- 1 estante com 6 tubos de ensaio
- 2 maçaricos de boca
- 1 alambique pequeno de cobre
- 17 matrizes de diversos tamanhos
- 3 tubos de vidro em U
- 29 tubos cilíndricos de vidro de comprimento e diâmetro diversos
- 4 tubos de vidro compostos
- 10 (?) de barro
- 4 (?) pequenas
- 9 capsulas de porcelana
- 1 almofariz de porcelana
- 1 almofariz de ferro
- 1 funil grande de ferro
- 1 vidro calibrado de 1 litro
- 1 vidro calibrado de 2 litros
- 1 suporte metálico com 3 anéis

- 1 tripé metálico pequeno
- 1 estojo com 8 reativos
- 1 estojo com 46 reativos
- 226 frascos com reativos diversos
- 100 amostras de minerais
- diversos metais e metaloides
- diversas peças avulsas de barro
- diversos aparelhos para demonstrações.

O que está inventariado, como sala n. 1 e laboratório de química, encontrava-se no mesmo ambiente, porém um inventário refere-se ao mobiliário e o outro aos materiais específicos do “laboratório”.

Referência: Ginásio Paranaense. *Registro de Pareceres da Comissão de Finanças, Docência e Ensino*. 1928.

ANEXO VI

Transcrição de reportagem. Gazeta do Povo. 16.02.1934.

Sexta-feira 16 de fevereiro de 1934.

GAZETA DO POVO

GINÁSIO PARANAENSE. O que é o conceituado estabelecimento de ensino secundário oficial do Paraná – As diversas dependências daquela casa de instrução, seus gabinetes e laboratórios otimamente instalados. – O ilustrado corpo docente do Ginásio Paranaense. – Diversas notas sobre a organização daquele estabelecimento e sobre sua orientação no ensino pratico.

O desejo de revermos o antigo e tradicional estabelecimento onde fizemos o nosso curso secundário, levou-nos até o suntuoso prédio onde funciona o Ginásio Paranaense, para uma demorada visita.

A impressão que se nos ficara ao deixarmos aquela casa, fazia com que pensássemos ainda naquelas antigas instalações que muito deixavam ainda a desejar. Ao subirmos as escadarias do edifício da instrução da Praça Santos Dumont, preparávamo-nos para tornar a ver aqueles laboratórios antigos e até certo ponto imprestáveis, onde ouvíramos os sábios ensinamentos dos velhos mestres.

Uma grande surpresa estava reservada, no entanto, para os nossos olhos curiosos. Uma completa remodelação emprestou ao Ginásio Paranaense um aspecto completamente novo, aparelhando-o a cumprir a alta finalidade de estabelecimento oficial de ensino secundário em nossa Capital.

Compenetrado da nobre investidura do seu cargo de diretor do estabelecimento, o dr. Guido Straube não tem negado o seu esforço extraordinário no sentido de transformar o Ginásio Paranaense em uma casa de instrução capaz de satisfazer a todas as exigências do ensino secundário oficializado.

Fundado em 1846, por uma plêiade de paranaenses ilustres que lançaram assim as bases solidas para a difusão do ensino secundário em nosso estado, o Ginásio Paranaense tem abrigado os mais destacados elementos de nossas diversas gerações, sendo que pelas suas cátedras têm passado os mais eruditos professores e em seus bancos grande maioria de nossos homens que hoje desempenham apreciáveis cargos na administração pública, no magistério e nas profissões liberais. Em 1917, reconhecido o valor extraordinário desse estabelecimento escolar, que já possuía então edifício próprio, o governo federal equiparou-o ao Colégio Pedro

II, para todos os efeitos. Cresceu de maneira notável, com este louvável gesto do governo central. O conceito em que era tido o Ginásio Paranaense e desde então tem sido cada vez mais acentuado o progresso dessa casa de instrução que tanto nos honra.

Mantendo um corpo docente constituído pelos mais ilustres professores do Paraná, o Ginásio Paranaense vai aliando à parte didática os melhoramentos para maior eficiência do ensino pratico e conforto para os numerosos alunos.

Assim, vem passando por uma serie de remodelações que são facilmente constatadas com uma visita as suas bem instaladas salas de aula e laboratórios.

Acompanhados do distinto e esforçado diretor Dr. Guido Straube e dos professores Dr. Durval Pinto Cordeiro e Sr. José Gomes Ribeiro, percorremos todo o estabelecimento, constatando a limpeza e o capricho em que se encontravam as varias dependências, colhendo dados positivos, que bem atestam as ótimas instalações do Ginásio Paranaense, os quais transmitiremos em detalhes aos nossos leitores, que poderão positivar, assim, as nossas assertivas.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL

O primeiro laboratório que nos foi dado visitar, causou-nos desde logo uma excelente impressão.

O laboratório de historia natural, caprichosamente montado, com considerável numero de armários que se dispõe ao redor da ótima sala, possui o total de 1.741 peças, admiravelmente selecionadas e dispostas em secções distintas com as classificações respectivas. Dessa forma, contam-se, na parte de Botânica 288 amostras naturais e modelos de apreciável perfeição; na secção de Zoologia existem 675 amostras naturais e excelentes modelos, apresentando grande facilidade para o estudo pratico, com diversos espécimes da nossa fauna, todos empalhados com arte e bom gosto; para nas secções de Mineralogia, Geologia e Paleontologia possui o referido laboratório 758 amostras naturais e modelos demonstrativos para o estudo detalhado dessa disciplina. Para maior perfeição na parte pratica do ensino de Historia Natural, possui aquele laboratório, além de 3 excelentes microscópios, um aparelho de projecção com 700 diapositivos cujas projecções (?) acompanham as preleções (?) regente da referida cadeira.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS

A seguir visitamos o laboratório de ciências físicas e naturais em os quais pudemos aquilatar da eficiência (?) ensino dessas matérias no Ginásio Paranaense, pois os alunos contam ali com material considerável para as observações práticas.

Pudemos anotar nesses laboratórios, a existência de uma coleção organizada com apreciável capricho, na qual existem 100 amostras de minerais e rochas. Para as experiências de física conta esse laboratório com 124 aparelhos e instrumentos e considerável instrumental e diversos reagentes para as observações de química, além de 18 pranchas de anatomia humana e dois rádios com antena instalados no gabinete.

GABINETE DE GEOGRAFIA

O Gabinete de Geografia, também otimamente instalado, possui material adaptado e métodos modernos para o estudo dessa matéria contando com 25 mapas de todas as partes do mundo, 20 pranchas para ilustração das palestras dos professores tabuleiro para (?) de areia afim de serem formados exemplos de ilhas, golfos, cabos, etc., aparelhos para a formação de dobras orogênicas, para a formação de chuvas, de rios e para demonstrar a ação das chuvas sobre as rochas: 2 telúrios, hemisférios elásticos e aparelhos para observações climáticas, além de vários modelos demonstrativos das diferentes raças humanas.

LABORATORIO DE QUÍMICA

O Laboratório de Química, com apreciável instalação dos aparelhos indispensáveis para as experiências realizadas durante o curso nessa disciplina, possui 210 amostras, grande variedade de minerais destinados às análises químicas, 20 pranchas murais de extraordinário valor para o ensino pratico funcionado a gaz de gasolina, 6 bicos de Barthel em perfeito funcionamento, uma balança de precisão, alem de 500 qualidades de drogas destinadas a ensaios e reativos e calculadamente 300 peças de vidro e barro para as diferentes manipulações químicas. A visita a esse Laboratório causou-nos, como todos os outros, excelente impressão, sendo que a seguir passamos a visitar

GABINETE DE FISICA

Sem fugir a nossa expectativa que se elevava com as visitas realizadas nas salas, gabinetes e laboratórios a que nos reportamos acima, o Gabinete de Física forneceu-nos também uma agradável impressão, pois se acha magnificamente aparelhado para o estudo da física através dos diversos anos do curso ginásial.

Logo de momento ressaltou-nos a vista, colocado ao fundo da sala em anfiteatro, um aparelho que constatamos tratar-se de um projetor epidoscopia, destinado a projeção de vistas transparentes e corpos opacos, durante as preleções do professor da matéria.

Esse gabinete possui 278 aparelhos e instrumentos destinados ao estudo da física, preenchendo dessa forma perfeitamente, como alias acontece nas demais disciplinas daquele curso, todas as exigências do Departamento Nacional de Ensino.

As diversas subdivisões da física acham-se ali representadas por aparelhos e instrumentos de ótica, acústica, eletrologia, hidrostática, mecânica, etc.

SALA DE DESENHO

Com disposição das carteiras adequadas aos efeitos de luz e sombra, a sala de desenho apresenta-se caprichosamente instalada com os lugares separadas em pequenos grupos que facilitam os alunos a observação dos modelos.

As carteiras, apropriadas para o desenho, oferecem aos estudantes grande comodidade para a realização dos seus trabalhos.

Possui essa sala uma escolhida coleção de modelos e sólidos geométricos, num total de 98, que são dispostos em estantes móveis e suportes elásticos.

CINEMA EDUCATIVO

Com luxuosa instalação no Salão Nobre daquele estabelecimento, o cinema Educativo, recentemente inaugurado, possui um ótimo projetos “Pathé”, com alcance de 36 metros, para vistas fixas e animadas que são projetadas durante as conferências dos professores.

Com acomodação para 500 alunos esse salão possui também um radio de 5 válvulas e um piano Essenfelder para concertos.

BIBLIOTECA

A Biblioteca do Ginásio, que funciona também para o público, instalada com capricho em uma excelente sala, conta na secção geral com 2624 obras em 5120 volumes, sendo que na parte didática possui 502 obras com 663 volumes. O movimento da biblioteca foi considerável em 1933 pois foram consultadas 7922 obras por um total de 6907 consulentes.

SALA DO DIRETOR E GABINETE DOS PROFESSORES

Tanto a sala do diretor quanto o gabinete dos professores, acham-se organizados com capricho, sendo que neste gabinete existe uma biblioteca privativa dos professores, com 502 obras didáticas com 663 volumes.

VARIAS OUTRAS SALAS

Foram procedidas, após as visitas a outras salas de aulas, sendo que dentre elas percorremos a sala de Matemática, onde constatamos considerável coleção de sólidos geométricos e medidas de volume; sala de História da Civilização, onde se destaca apreciável

coleção de quadros e a sala de Línguas, com numerosa coleção de quadros murais para o ensino pelo método direto.

Foi-nos dado após visitar as instalações da secretaria, onde observamos a mais perfeita ordem. Nessa dependência do estabelecimento, colhemos também alguns dados positivos sobre o movimento, sendo que foram manuseadas no ano próximo passado 45,120 notas atribuídas aos alunos do curso seriado fundamental. Na secretaria, como na tesouraria, colhemos ótima impressão, dada a perfeita organização dos serviços.

CORPO DOCENTE

Está assim constituído o corpo docente do Ginásio Paranaense:

Catedráticos efetivos: Dr. José de Sá Nunes, Português; prof. Luiz Lenz de Araújo Cesar, Português; prof. Guilherme Butler, inglês; prof. Elísio de Oliveira Viana, Francês; prof. Francisco José Gomes Ribeiro, Educação Moral e Cívica; dr. Algacyr Munhoz Máder, Matemática (Ca. de Física da Faculdade de Engenharia do Paraná); dr. Valdemiro Teixeira de Freitas, Matemática (prof. Cat. de Mecânica da F. E. do Paraná); dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, prof. de Desenho (prof. cat. (?) do Paraná); Padre Jeronimo Masaroto, cat. de Filosofia; Guido Straube, História Natural (prof. Cat. Fac. Medicina do Paraná); dr. Lysímaco Ferreira da Costa, química (prof. Cat. da Fac. de Engenharia do Paraná); Porthos Morais de Castro Vellozo, física; dr. Francisco Gonçalves Villanueva, geografia.

Catedráticos interinos:

Prof. Nilo Brandão, Historia da Civilização; dr. Hiperides Zanelo, Ciências Físicas e Naturais; Pe. Francisco Chagas Torres, cosmografia; prof. Francisco Gomes Ribeiro, Latim.

Corpo docente suplementar:

Maestro Bento Mossorunga, Música; prof. José Navarro Lins, Educação Física; dr. Leonardo Coube, Matemática; dr. Aníbal Borges Carneiro, química; dr. Alísio Xavier de Miranda, química; dr. Dulval Pinto Cordeiro, Historia Natural.

ANEXO VII

Transcrição de reportagem. O Dia. 25.02.1934.

Os cursos Pré-Ginasial e de madureza no Ginásio Paranaense

O Ginásio Paranaense graças aos esforços de sua distinta diretoria e de seu ilustrado corpo docente , vai preenchendo de maneira notável as necessidades da instrução secundária em nosso Estado.

O Dr. Guido Straube, esforçado diretor daquele tradicional estabelecimento de ensino oficial no Paraná, tem empenhado as suas apreciáveis atividades de dinâmico administrador, no sentido de aparelhar convenientemente o Ginásio Paranaense com a finalidade louvável de dotar a nossa capital de uma casa de ensino secundário que preencha a todas as exigências do Departamento Nacional do Ensino.

Ainda agora, por recente decreto da interventoria Federal em nosso Estado, vem de ser instalados no Ginásio Paranaense os cursos Pré-Ginasial e de Madureza que constituem relevantes fatores para o perfeito aparelhamento do ensino secundário oficial no Paraná.

O Curso Pré-Ginasial vem preencher uma lacuna que há muito se fazia se fazia notar com a falta de um curso intermediário entre os grupos escolares e admissão no curso ginasial, afim de que a juventude estudiosa encontrasse orientação eficiente e precisa para a transição do curso primário e secundário. Com o estabelecimento do curso pré-ginasial, que será mantido sem acarretar despesas para o Estado, completar-se-á a perfeita organização do ensino mantido sob orientação do governo no Ginásio Paranaense.

O referido curso que funcionará em um ano destina-se, como seu nome indica, à orientação e (...)

Funcionará assim regularmente pelo período de um ano cada turma, esse curso no qual serão ministradas as disciplinas necessárias para o preparo do aluno ao exame de admissão, sendo que para a taxa de matrícula será cobrada a importância de 30 mil réis e a mensalidade consistirá na importância de 10 mil réis. Como se constata por taxa e mensalidade excessivamente baixas, podendo os estudantes obter solidas bases para ingressar no curso ginasial.

O outro curso que vem de ser estabelecido pelo referido decreto do interventor federal em nosso estado, representa também um importante fator de progresso (...)

Possuindo ótimos laboratórios caprichosamente montados, o Ginásio Paranaense encontra-se em condições de manter em perfeito funcionamento as diferentes partes praticas das diversas cadeiras. Considerando-se a utilidade e o valor inestimável que representa para o

estudante o ensino pratico, contata-se em visita ao Ginásio Paranaense, da eficiência do ensino naquela casa de instrução.

O Gymnasio Paranaense conta com ótimos laboratórios e gabinetes dentre os quais se fazem notar: o Laboratório de Historia Natural, possuindo um total de 1741 peças classificadas nas diferentes partes do estudo dessa materia, alem de 700 dispositivos para projeções fixas, que completam as preleções dos lentes; o Laboratório de Ciências Físicas e Naturais com 100 amostras de minerais e rochas 124 aparelhos de física, considerável quantidade de reagentes químicos e 18 pranchas de anatomia humana; o Laboratório de Química com todos os aparelhos indispensáveis para as experiências durante o curso, 210 amostras de minerais, 20 pranchas murais, alem de 500 qualidades de drogas para ensaios e reações calculadamente 300 peças para as diversas manipulações; o Gabinete de Física com 278 aparelhos destinados ao ensino dessa disciplina; o Gabinete de Geografia, convenientemente aparelhado para o ensino moderno dessa cadeira, com diversos mapas e pranchas, tabuleiros para manipulações com areia, aparelhos para a formação de dobras orgânicas, chuvas e rios, além de telúrios, aparelhos para observações climatericas, hemisférios e modelos demonstrativos das diferentes raças humanas; a sala de Desenho com disposição das carteiras em observação as determinações pedagógicas possuindo escolhida coleção de modelos e sólidos geométricos; sala de Matemática com numerosos sólidos geométricos e medidas de volume, sala de Historia da Civilização com apreciável coleção de quadros demonstrativos, sala de Línguas, com numerosa coleção de quadros murais para o ensino pelo método direto, alem de varias outras salas de aulas, caprichosamente instaladas com carteiras modernas e muito bem iluminadas, satisfazendo aos preceitos de higiene.

O Gymnasio Paranaense conta ainda com luxuosa instalação para as seções de Cinema Educativo que são realizadas no estabelecimento com preleções por elementos do corpo docente. Essa dependência do Gymnasio possui três ótimos projetores, com alcance de 36 metros para vistas animadas e fixas, um radio de 5 válvulas e um piano Essenfelder para concertos.

Em 1934 foram projetadas 74 fitas instrutivas.

O ilustrado corpo docente do Gymnasio Paranaense acha-se constituído da seguinte forma:

Catedráticos efetivos:

Dr. Jose de Sá Nunes, Português; prof. Luis Lens de Araujo Cesar, Português; prof. Guilherme Butler, Inglês; prof. Elisio de Oliveira Viana, Francês; prof. Francisco José Gomes

Ribeiro, Educação Moral e Cívica; Dr. Algacyr Munhoz Maeder, Matemática (cat. de Física da Faculdade de Engenharia do Paraná); Dr. Waldemiro Teixeira de Freitas, Matemática (cat. de mecânica da Faculdade de E. do Paraná); Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, prof. de Desenho e prof. Cat. da F. En. do Paraná; pe Jeronimo Masarotto, cat. de Filosofia; Guido Straube, História Natural, prof. cat. Faculdade de Medicina do Paraná); Dr. Lysimaco Ferreira da Costa, Química (prof. cat. da Faculdade de Eng. do Paraná); Dr. Portos Morais de Castro Veloso, Física; Dr. Francisco Gonzales Villanueva, Geografia.

Catedráticos interinos:

Prof. Nilo Brandão, Historia da Civilização; Dr. Hiperides Zanelo, Ciências Físicas e Naturais; prof. Francisco Chagas Torres, Cosmografia; prof. Francisco Gomes Ribeiro, Latim.

Corpo docente suplementar:

Maestro Bento Mossurunga, Música; prof. José Navarro Lins, Educação Física; Dr. Leonardo Cobe, Matemática; Dr. Aníbal Borges Carneiro, Química; Dr. Aresio Xavier de Miranda, Química; Dr. Durval Pinto Cordeiro, Historia Natural.

BIBLIOTECA:

A Biblioteca do Gymnasio que funciona também para o público, instalada com capricho em uma excelente sala, conta na seção geral com 2.624 obras em 5.120 volumes, sendo que na parte didática possui 502 obras com 663 volumes. O movimento da biblioteca foi considerável em 1933 pois foram consultadas 5.207 obras.

SALA DO DIRETOR E GABINETE DOS PROFESSORES:

Tanto a sala do diretor como o gabinete dos professores, acham-se organizados com capricho, sendo que nesse gabinete existe uma biblioteca privativa dos professores, com 502 obras didáticas em 603 volumes.

ANEXO VIII

Transcrição de reportagem. Correio do Paraná. 01.01.1935.

1º de janeiro de 1935. Correio do Paraná.

UM ESTABELECIMENTO DE ENSINO SECUNDÁRIO QUE MUITO NOS ORGULHA.

Os cursos pré-gymnasial e de madureza do Gymnasio Paranaense.

No Paraná existe um estabelecimento de ensino secundário que, pela sua tradição e pelo renome de que goza, faz justo orgulho de todos os paranaenses e muito especialmente da mocidade que estuda em nossos cursos secundários.

Esse estabelecimento de que fazemos referencia é, sem duvida, o Gymnasio Paranaense, hoje brilhante e competentemente dirigido pelo Dr. Guido Straube, nome sobejamente conhecido e conceituado nos círculos educacionais de nosso estado.

Estabelecimento de ensino anteriormente chamado Lyceu de Curityba, o Gymnasio Paranaense foi criado pela Lei Provincial de São Paulo, sob n. 33, de 13 de março de 1936⁷⁷ e graças aos esforços, a dedicação e competência tanto de seus dirigentes quanto educadores, vem preenchendo, desde o seu inicio até os dias presentes, louvável e nobilitante missão na vida educacional de nosso povo.

Ainda ultimamente, isto é, em 20 de fevereiro do ano ontem findo, o Gymnasio Paranaense obteve junto ao governo do Estado, a criação dos cursos pré-gymnasial e de madureza, empreendimentos estes que muitos favorecem aqueles que procuram no estudo das escolas, a educação indispensável para enfrentarem a luta pela vida.

O curso pré-gymnasial, por exemplo, veio preencher, no ensino secundário oficial, uma lacuna de que há muito o estado do Paraná se fazia sentir, tal a necessidade da instrução àqueles que, impossibilitados anteriormente, de cursar o ensino secundário, viam nessa medida, a única maneira de atingirem o grau de educação e conhecimentos que se fazem hoje indispensáveis ao homem.

Com o estabelecimento do curso Pré-Gymnasial vem sendo mantido sem acarretar despesas para os cofres públicos e, com o curso de madureza, têm um número superior a 300 alunos.

⁷⁷ Um erro de redação. A data que se tem é 1846.

Sob a orientação da diretoria do Gymnasio Paranaense, o curso pré-gymnasial funcionará pelo período de um ano e destina-se ao preparo e orientação dos estudantes para admissão no curso gymnasial, sendo nelle ministradas as diferentes disciplinas exigidas nos exames para ingressos no curso secundário. As aulas desse curso, que serão realizadas nas salas e laboratórios do Gymnasio Paranaense, ficarão ao encargo dos ilustrados membros do corpo docente desse estabelecimento de ensino que tanto nos honra, sendo que as experiências e demonstrações práticas terão lugar nos laboratórios e gabinetes do próprio Gymnasio Paranaense, convenientemente montados.

As matriculas para o Curso Pré-Gymnasial poderão ser efetuadas a partir de 1º de março, na Secretaria do Gymnasio Paranaense, sendo que as aulas para esse curso serão iniciadas em 15 do referido mês. Funcionará assim regularmente pelo período de um ano para cada turma, esse curso em o qual serão ministradas as disciplinas necessárias para o preparo do aluno ao exame de admissão.

A mensalidade consistirá na importância de 10 mil réis. Como se constata mensalidades excessivamente baixas, podendo os estudantes obter solidas bases para ingressar no curso Ginásial.

O outro curso que vem de ser estabelecido pelo referido decreto do Interventor Federal em nosso Estado, representa também um importante fator de progresso para o nosso ensino secundário.

O Curso de Madureza, criado juntamente com o Pré-Gymnasial, na mesma data a que já aludimos, isto é, em 20 de fevereiro do ano findo, será realizado em três anos e representa um curso ginásial abreviado aqueles que, possuindo já conhecimentos suficientes das disciplinas dos primeiros anos de Gymnasio, se veem impossibilitados de fazer um curso secundário em toda a sua serie de sete anos.

Assim ,prestando prova dos conhecimentos que possui sobre as disciplinas dos três primeiros anos, o aluno completa o curso frequentando o 3º, 4º e 5º anos, que constituem o curso de madureza.

As disciplinas desse curso são as mesmas do curso ginásial, sendo que as diferentes séries terão aulas no edifício do Gymnasio Paranaense, com os elementos do corpo docente desse estabelecimento oficial e equiparado ao Colégio Pedro II.

As partes práticas e experimentais das diversas cadeiras serão realizadas nos excelentes laboratórios e gabinetes do Gymnasio Paranaense, sendo para isso utilizados os ótimos materiais que os mesmos encerram.

Afim de facilitar sobremodo aos empregados do comercio e funcionários públicos, o Gymnasio Paranaense manterá um Curso de Madureza de aulas diurnas e noturnas, em turmas distintas.

Assim, as pessoas que se veem impossibilitadas de frequentar aulas durante o dia, pelos seus afazeres, poderão realizar seu curso de madureza frequentando as aulas noturnas que o Gymnasio manterá em turmas especiais.

É notável, também, no curso de madureza, o ínfimo dispêndio monetário dos alunos, pois alem da taxa de inscrição, que importa em 30 mil réis, os alunos contribuirão com a mensalidade de apenas 20 mil réis.

As matriculas para esse curso serão abertas a 1º de março vindouro, sendo que as aulas terão inicio em 15 do mesmo mês, ficando o aluno com prazo suficiente para o preparo das diferentes materias que serão lecionadas por professores do Gymnasio Paranaense, e sobre os quais prestando exames no fim do ano letivo.

Possuindo ótimos laboratórios caprichosamente montados, o Gymnasio Paranaense encontra-se em condições de manter em perfeito funcionamento as diferentes partes práticas das diversas cadeiras. Considerando-se a utilidade e o valor inestimável que representa para o estudante o ensino prático, constata-se em visita ao Gymnasio Paranaense, da eficiência do ensino naquela casa de instrução.

O Gymnasio Paranaense conta com ótimos laboratórios e gabinetes dentre os quais se fazem notar: o Laboratório de Historia Natural, possuindo um total de 1741 peças classificadas nas diferentes partes do estudo dessa materia, alem de 700 dispositivos para projeções fixas, que completam as preleções dos lentes; o Laboratório de Ciências Físicas e Naturais com 100 amostras de minerais e rochas 124 aparelhos de física, considerável quantidade de reagentes químicos e 18 pranchas de anatomia humana; o Laboratório de Química com todos os aparelhos indispensáveis para as experiências durante o curso, 210 amostras de minerais, 20 pranchas murais, alem de 500 qualidades de drogas para ensaios e reações calculadamente 300 peças para as diversas manipulações; o Gabinete de Física com 278 aparelhos destinados ao ensino dessa disciplina; o Gabinete de Geografia, convenientemente aparelhado para o ensino moderno dessa cadeira, com diversos mapas e pranchas, tabuleiros para manipulações com areia, aparelhos para a formação de dobras orgânicas, chuvas e rios, além de telúrios, aparelhos para observações climatericas, hemisférios e modelos demonstrativos das diferentes raças humanas; a sala de Desenho com disposição das carteiras em observação as determinações pedagógicas possuindo escolhida

coleção de modelos e sólidos geométricos; sala de Matemática com numerosos sólidos geométricos e medidas de volume, sala de Historia da Civilização com apreciável coleção de quadros demonstrativos, sala de Línguas, com numerosa coleção de quadros murais para o ensino pelo método direto, além de varias outras salas de aulas, caprichosamente instaladas com carteiras modernas e muito bem iluminadas, satisfazendo aos preceitos de higiene.

O Gymnasio Paranaense conta ainda com luxuosa instalação para as seções de Cinema Educativo que são realizadas no estabelecimento com preleções por elementos do corpo docente. Essa dependência do Gymnasio possui três ótimos projetores, com alcance de 36 metros para vistas animadas e fixas, um radio de 5 válvulas e um piano Essenfelder para concertos.

Em 1934 foram projetadas 74 fitas instrutivas.

O ilustrado corpo docente do Gymnasio Paranaense acha-se constituído da seguinte forma:

Catedráticos efetivos:

Dr. Jose de Sá Nunes, Português; prof. Luis Lens de Araujo Cesar, Português; prof. Guilherme Butler, Inglês; prof. Elisio de Oliveira Viana, Francês; prof. Francisco José Gomes Ribeiro, Educação Moral e Cívica; Dr. Algacyr Munhoz Maeder, Matemática (cat. de Física da Faculdade de Engenharia do Paraná); Dr. Waldemiro Teixeira de Freitas, Matemática (cat. de mecânica da Faculdade de E. do Paraná); Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, prof. de Desenho e porf. Cat. da F. En. do Paraná; pe Jeronimo Mazzarotto, cat. de Filosofia; Guido Straube, História Natural, prof. cat. Faculdade de Medicina do Paraná); Dr. Lysimaco Ferreira da Costa, Química (prof. cat. da Faculdade de Eng. do Paraná); Dr. Portos Morais de Castro Veloso, Física; Dr. Francisco Gonzales Villanueva, Geografia.

Catedráticos interinos:

Prof. Nilo Brandão, Historia da Civilização; Dr. Hiperides Zanelo, Ciências Físicas e Naturais; prof. Francisco Gomes Ribeiro, Latim; Dr. Anibal Borges Carneiro, Química.

Corpo docente suplementar:

Maestro Bento Mossurunga, Música; prof. José Navarro Lins, Educação Física; dr. Durval Pinto Cordeiro, Historia Natural.

Bibliotecário:

A Biblioteca do Gymnasio que funciona também para o público, instalada com capricho em uma excelente sala, conta na seção geral com 2.624 obras em 5.120 volumes, sendo que na

parte didática possui 502 obras com 663 volumes. O movimento da biblioteca foi considerável em 1934 pois foram consultadas 5.207 obras.

Sala do diretor e gabinete dos professores

Tanto a sala do diretor como o gabinete dos professores, acham-se organizados, sendo que nesse gabinete existe uma biblioteca privativa dos professores, com 502 obras didáticas em 603 volumes.